



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

MARIA STELLA WEIKAMP MARTINELLI

OFICINA EXPRESSÃO DO SENSÍVEL PAIS E FILHOS: UMA ABORDAGEM
JUNGUIANA DA ARTE NA SAÚDE MENTAL ATRAVÉS DO MAPA ASTRAL NO
CAPS-i DA CIDADE DE PELOTAS



Pelotas/RS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

MARIA STELLA WEIKAMP MARTINELLI

OFICINA EXPRESSÃO DO SENSÍVEL PAIS E FILHOS: UMA ABORDAGEM
JUNGUIANA DA ARTE NA SAÚDE MENTAL ATRAVÉS DO MAPA ASTRAL NO
CAPS-i DA CIDADE DE PELOTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo
Coorientador: Prof. Dr. Jacques Henri Maurice Gauthier

Pelotas/RS
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus e a todas as pessoas que colaboraram com generosidade para a realização deste sonho muito desejado. A todos, que de alguma forma passaram pela minha vida e tiveram uma relação com este trabalho, sou muito grata.

Em especial agradeço ao meu orientador e mestre, Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo, por seus ensinamentos para uma vida inteira, e por partilhar comigo sua sabedoria e conhecimentos.

Aos professores da banca, agradeço o carinho, a atenção e as orientações. Ao coorientador da pesquisa, Dr. Jacques Maurice Gauthier (Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge), agradeço e o reverencio; à Dr.^a Mirela Meira (Universidade Federal de Pelotas – UFPel), por quem tenho muita admiração e gratidão; à Dr.^a Ivana Maria Nicola (Universidade Federal do Rio Grande – FURG), por sua inestimável ajuda.

Aos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS-i) que contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço o carinho dos ex-colegas Tania Goulart, Eduardo Mascarenhas, Mari Silvana Pureza, Carlos Eugenio (Vacaria). E à equipe atual, Gáris Veiga Glass, Jonas André Bueno Nunes, Andrea Mendonça, Marcio Vieira, Virginia Pereira, Andrea Lourenço, Maria Inês Ramos, Denise de Matos, Lúcia Horta, Dr.^a Clarisse Magalhães, Dr.^a Kátia Sulenir da Silva, sou muito grata a todos pela amizade e carinho.

Em especial, agradeço o carinho das colegas do CAPS-i, enfermeira Naiana Alves Oliveira, pela amizade e apoio nos momentos difíceis de minha vida e pelos ensinamentos no caminho científico. À psicóloga Márcia Lima, que se dispôs para a entrevista sobre a história do CAPS-i, e pelo empréstimo de riquíssimo material de arte para a construção desta pesquisa. Marileide Classen, que se disponibilizou para trocar horários em função das minhas necessidades; Thiago Ribeiro, sempre atencioso, colaborou para que eu conseguisse uma sala para as atividades; Daniela Cardoso, Luciana Tavares e Denise Peres, que contribuíram para a realização da exposição.

Agradeço à professora de Psicologia Maria Clara Salengue, da UCPel, pela gentileza e disposição em ajudar, ao disponibilizar uma sala adequada, muito importante para a realização da pesquisa.

À gerente da Saúde Mental, Cynthia Yurgel, agradeço especialmente a colaboração para a realização da pesquisa no CAPS-i, além da orientação de assuntos a serem explorados.

Agradeço aos pais das crianças, por participarem das oficinas e confiarem em mim, juntos construímos a pesquisa.

À amiga Daniela Pieper, que sempre ajudou no meu percurso acadêmico, desde a graduação, e agora na pós-graduação contribuiu expressivamente com sugestões para a escrita do projeto.

Agradeço a todos os professores da Pós Graduação em Artes Visuais da UFPEL com os quais eu tive mais contato, pelas contribuições para meu crescimento acadêmico, especialmente as professoras Dr.^a Ursula Rosa, coordenadora do grupo de pesquisa “A Caixa de Pandora: Mulheres Artistas e Filósofas do século XIX e XX”, e a Dr.^a Angela Pohlmann, coordenadora do Curso de Mestrado em Artes Visuais.

Aos meus familiares que amo muito: minha mãe, Zalba Helena Martinelli, pelos ensinamentos e demonstrações de amor incondicional, incentivadora dessa pesquisa e que tanto contribui na minha vida, e à memória do meu pai, Armando José Martinelli, cuja luz continua a brilhar na nossa vida. À minha querida e maravilhosa irmã Denise Martinelli, e meu querido e amado marido José Leonardo Fagundes, pessoas especiais para mim.

Agradeço o amor dos meus queridos filhos, João Pedro, que só me dá orgulho, Henrique José, lindo, inteligente e sensível, e Miguel, com quem aprendo muito todo dia, e meu querido sobrinho André Martinelli Colvara, por vocês eu tenho um grande amor.

Agradeço a dedicação de Marilena Dias Pereira, minha fiel colaboradora no lar, pelo carinho e dedicação aos meus filhos e minha família. Já se passaram nove anos dessa parceria.

Agradeço com carinho especial às crianças do CAPS-i. Todas elas estão no meu coração, sempre!

E por fim, agradeço ao João Reguffe, que brilhantemente lapidou minhas palavras.

*A alma respira através do corpo, e o sofrimento,
quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne.*
Antônio Damásio

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar de que modo a arte influencia para fortalecer os laços afetivos dos usuários do serviço de Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS-i) da cidade de Pelotas, RS. O CAPS-i é um serviço do Sistema Único de Saúde da Rede de Atenção em Saúde Mental da Prefeitura Municipal de Pelotas, tem como missão desenvolver um trabalho amparado nas novas diretrizes de atendimento à comunidade infantojuvenil que sofre de transtornos mentais graves. O estudo qualitativo foi desenvolvido nas oficinas de arte do CAPS-i de Pelotas, por meio de práticas artísticas e corporais. A metodologia no decorrer do processo se delineou como método da cartografia, o qual possibilitou, não apenas analisar os dados produzidos pelos usuários do serviço de maneira rizomática (Gilles Deleuze), mas também acompanhar os processos investigativos e as próprias implicações da pesquisadora. Foi realizada uma entrevista e observações nos Centros de Referência em Saúde Mental do Rio Grande do Sul. A produção dos dados ocorreu de setembro a dezembro de 2015, por meio das oficinas Caixa de Pandora e Minotauro, em que os mitos falam sobre sentimentos, uma oportunidade das crianças experimentá-los de forma lúdica através da linguagem do corpo. A oficina Imagens do Inconsciente possibilitou um estudo sobre mandalas e astrologia, que promoveu subjetividades no grupo, experimentadas por meio da linguagem corporal e simbólica. Para a criação dessas oficinas, contemplei os conhecimentos de Carl Gustav Jung e Nise da Silveira, autores que durante longo tempo investigaram as relações entre os processos que se desenrolam no inconsciente e os sentimentos de pessoas em sofrimento psíquico. João Francisco Duarte Jr. atenta para a importância de uma educação da sensibilidade. Para ele uma sociedade não pode estar centrada apenas na razão pura; a experiência artística possibilita a criação de conhecimentos e saberes mais amplos, relacionados a sentimentos humanos. Os estudos de Félix Guattari contribuíram para pensar as oficinas de forma a agregar conhecimentos e saberes, por meio de um grupo diversificado composto por mães e filhos. A pesquisa resultou na criação da “Oficina Expressão do Sensível, Pais e Filhos” já em desenvolvimento no CAPS-i. Uma oportunidade para se repensar as práticas de cuidado na área da saúde mental, além de reafirmar a arte como promotora de saúde integral, corpo, mente e espírito.

Palavras-chave: Mitologia; Astrologia; CAPS-i; Cuidado; Cartografia.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how art influences to strengthen the emotional bonds of users of Psychosocial Care Center of Children and Youth (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil – CAPS-i) in Pelotas, a Southern Brazilian town. The CAPS-i is a public institution of mental health service maintained by Pelotas' City Hall whose mission is to develop a supported work on new guidelines for compliance with children and young people community suffering from severe mental disorders. This work was developed within art workshops of CAPS-i, with a qualitative approach, through artistic and corporal practices. It was used a cartographic method, which led not only to analyze the data produced by users of the service in a rhizomatic (Gilles Deleuze) way, but also to follow investigative processes and the very implications of the researcher. Data collection began in the first half of 2015 through interviews, observations were carried out in the Reference Centers for Mental Health of Rio Grande do Sul (Centros de Referência em Saúde Mental do Rio Grande do Sul). This production occurred between September to December of 2015 by the workshops Pandora's Box and Minotauro, in which the myths talk about feelings, a chance for children to try them in a playful way through body language. The workshop *Imagens do Inconsciente* (Images of the Unconscious) enabled a study about mandalas and astrology which promoted subjectivities in the group, experienced through body, a symbolic language of affection. To carry out these workshops I contemplated the knowledge of Carl Gustav Jung and Nise da Silveira, authors who for a long time investigated the relationships between the processes taking place in the unconscious and the feelings of people in psychological distress. João Francisco Duarte Jr. is attentive to the importance of a sensitivity education. He reinforces that a society cannot be focused only on pure reason; the artistic experience enables the creation of broader knowledge and expertise related to human feelings. Studies of Felix Guattari contributed to think the workshops in order to add knowledge and expertise through a diverse group of mothers and children. The research resulted in the creation of the "Expressão do Sensível, Pais e Filhos" (Expression of the sensitive: parents and children) workshop already under development in the CAPS-i. The research results contribute to rethink the care practices in the area of mental health, in addition to reaffirming the art as promoting overall health, body, mind and spirit.

Keywords: Mythology; Astrology; CAPS-i; Care; Cartography.

SUMÁRIO

Introdução: Do misticismo às imagens do inconsciente	10
Capítulo 1 A Reforma Psiquiátrica: um movimento em direção à saúde mental	36
1.1 As primeiras experiências em saúde mental no Rio Grande do Sul	38
1.2 A instituição e a criação dos serviços de atenção psicossocial	41
1.3 Os Serviços de Atenção Psicossocial Infantojuvenil	46
1.4 Breve história da criação do CAPS Infantojuvenil de Pelotas	49
Capítulo 2 Arte, Espiritualidade e Saúde Mental: Nise da Silveira, Arthur Bispo do Rosário, Antônio Lancetti e os múltiplos modos de sentir	52
2.1 A experiência em arte no CAPS-i de Pelotas: oficinas-piloto “Caixa de Pandora” e “Minotauro”	66
2.1.1 Caixa de Pandora	66
2.1.2 Minotauro	74
2.2 Análise conclusiva a respeito das oficinas com tema mitológico	83
Capítulo 3 Metodologia	85
3.1 Visitas aos centros de referência em saúde mental do Rio Grande do Sul	92
3.1.1 Visita ao CAPS-i São Lourenço do Sul	92
3.1.2 Visita ao Hospital São Pedro, em Porto Alegre	93
3.1.3 Visita aos residenciais terapêuticos, em Porto Alegre	94
3.1.4 Visita ao Hospital Forense, em Porto Alegre	95
3.2 Reflexões sobre as práticas observadas nos serviços de saúde mental no Rio Grande do Sul	96
Capítulo 4 A oficina Imagens do Inconsciente	98
4.1 Oficina do dia 06/11/2015 - a reunião	99
4.2 Oficina do dia 13/11/2015	108
4.3 Oficina do dia 20/11/2015	109
4.4 Oficina do dia 27/11/2015	115
4.5 Oficina do dia 04/12/2015	129
4.6 Oficina do dia 11/12/2015 – leitura de imagens	133
4.7 Os desenhos e a psique	157
Capítulo 5 Mandalas: um portal para o autoconhecimento	160
5.1 A mandala na história da arte	163
5.2 A mandala coletiva e os processos de subjetivação	168
5.3 Exposição: Mitologia e expressão em arte	171

5.4 Mapa astrológico da mandala coletiva	172
5.5 Reflexões sobre as oficinas	175
Considerações finais	176
Referências	178
Anexos	182



A figura de Dionísio (o louco), representa nossos instintos mais primitivos, provoca mudanças e aberturas de caminhos. É quando somos acometidos por um impulso misterioso para uma nova jornada, com todas as alegrias e sofrimentos que acontecem a nível interno. E assim, começa essa jornada, com todos os riscos de fracassos ou vitórias, diante de um desejo e de um medo de saltar em direção ao desconhecido.

Introdução – Do misticismo às imagens do inconsciente

... os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas - que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana.

Nise da Silveira (1905-1999)

As razões que me levaram a esta investigação nasceram, não somente da necessidade de oferecer ao serviço de Saúde Mental um trabalho qualificado e

responsável, que vá ao encontro das novas diretrizes da Reforma Psiquiátrica¹, mas também por uma inquietação minha de realizar um trabalho que viesse a contribuir para ajudar nos conflitos vividos pelos usuários do serviço. Pensava em realizar uma prática não somente pelo fazer artístico, mas que me desse um retorno, e principalmente para os usuários do serviço, no sentido de amenizar o sofrimento psíquico deles. Conforme meu trabalho estava se desenvolvendo no CAPS-i², comecei a compreender que não é somente a criança que está em sofrimento; os pais, os irmãos e as pessoas mais próximas, todos sofrem muito. São pessoas frequentemente excluídas, e ainda muito criticadas por toda a sociedade, e convivem frequentemente com a falta de carinho e afeto por todos os lados.

Logo que comecei a ler sobre o trabalho da Dr.^a Nise da Silveira me identifiquei com ela no desejo de querer penetrar nesse universo tão misterioso e complexo, como é o nosso mundo interno. Essa questão já ocupava a minha mente desde que comecei a estudar astrologia³.

Minha admiração pelo trabalho de Nise foi crescendo a cada dia, quando percebi o modo cuidadoso e preocupado com que tratava seus pacientes. Ela teve coragem para contrariar conceitos estabelecidos e lutar, não aceitando que os pacientes do hospital psiquiátrico fossem obrigados a conviver com as terríveis técnicas empregadas, recusando-se a aplicar métodos tradicionais da época, como o choque elétrico e a lobotomia, que causavam lhes ainda mais sofrimento.

Conhecer sua obra, rica em sensibilidade, me fez entender que as pessoas que sofrem com transtorno mental (psíquico) são mais fragilizadas nas suas necessidades afetivas.

Pesquisas na internet mostram que a maioria dos documentos clínicos não utilizam mais o termo “doença mental” ou “paciente mental”, alegando que estes apoiam a dominação do modelo médico e empregam em seu lugar o termo

¹ Movimento de trabalhadores da saúde e da sociedade contra os maus tratos aos portadores de transtornos mentais e de reivindicação sobre as péssimas condições de trabalho e precariedade nos hospitais psiquiátricos. Começou no final da década dos anos 70.

² Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. Serviço de referência para tratamento de crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes.

³ Astrologia (do grego *astron*, "astros", "estrelas", "corpos celestes", e *logos*, "palavra", "estudo"). Alguns astrólogos definem a astrologia como uma linguagem simbólica, uma forma de arte, ou uma forma de vidência, enquanto outros a definem como ciência social e humana.

“transtorno mental”. O International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems - ICD-10 afirma que, o termo “transtorno” é usado para evitar os problemas ainda maiores, inerentes ao uso de termos como “enfermidade” e “doença”. “Transtorno” é empregado aqui “para implicar a existência de um conjunto de sintomas clinicamente identificáveis ou comportamento associado na maioria dos casos a sofrimento e a interferência nas funções pessoais. O desvio ou conflito social, por si só, sem disfunção pessoal, não devem ser incluídos no transtorno mental conforme aqui definido” (WHO, 1992).

O termo “transtorno mental” pode abranger enfermidade mental, retardamento mental (também conhecido como invalidez mental e incapacidade intelectual), transtornos de personalidade e dependência de substâncias. Mas nem todos os autores consideram todas essas categorias como transtornos mentais; no entanto, para facilitar com relação a questões de legislação, alguns sintomas como a esquizofrenia e a depressão bipolar se aplicam igualmente a outras condições como retardamento mental por abarcar uma definição ampla. (LIVRO DE RECURSOS DA OMS SOBRE SAÚDE MENTAL, DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO Cuidar, sim – Excluir, não).

Essa substituição do termo deve-se ao fato do entendimento atual de que, mesmo o indivíduo apresentando um estado psicológico doentio, ele ainda apresenta partes sãs, e por isso, o termo mais adequado é transtorno mental.

Entende-se ainda que, a pessoa ao apresentar um comportamento diferente, desviando-se das normas, vivencia uma desorganização psíquica, que influencia nas suas relações familiares e sociais. Esse transtorno mental acaba por provocar limitações nos relacionamentos afetivos, gerando muito sofrimento não apenas para o indivíduo, que vivencia o sofrimento mental, mas também no que diz respeito àqueles que o cercam.

A Dra. Nise da Silveira (1905-1999), estudou a esquizofrenia durante longos anos, ela percebeu que o esquizofrênico tem muitas dificuldades para comunicar suas experiências de modo habitual e, diante de um ser enigmático, o outro também recua. Para ela, não se pode decifrar o que uma pessoa sente na esquizofrenia porque não se pode decifrar o espírito. Mas, poderemos amenizar o sofrimento, diz a

autora, se o outro estiver realmente interessado em adentrar no mundo hermético do esquizofrênico. Isso só é possível, segundo Nise, através da constância, paciência em um ambiente livre de qualquer coação, para que as relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Nise lutava no Hospital Psiquiátrico por um ambiente com condições favoráveis para que essas ações pudessem ser colocadas em prática, para enfim, uma tentativa de um tratamento mais eficaz.

A forma com que Nise cuidava de seus pacientes me tocou a ponto de eu ficar muito mais atenta, cuidadosa e preocupada com as questões afetivas não apenas das crianças e adolescentes do CAPS-i, mas também com relação aos seus familiares. Senti a necessidade de aproximação com as mães, especialmente, para compreender os motivos das queixas e como lidavam com as questões afetivas.

Se pensarmos um pouco mais sobre os nossos afetos, poderemos perceber a relevância deles para a nossa vida, porque vivemos intensamente nossas emoções. Por conta deles, nos emocionamos, a tal ponto, que somos capazes de matar ou morrer, “pois numa emoção, como a própria palavra o sugere, somos empurrados, arremessados” (JUNG, 2004, p. 19). Muitas vezes é difícil lidarmos com os nossos afetos, justamente porque estão fora do domínio da nossa razão.

No livro *Fundamentos da psicologia analítica* (1985), Jung define o sentimento como uma função racional, por ser de ordem consciente, enquanto que o afeto para ele é sinônimo de emoção, o que ele chama de acontecimento, porque quando somos possuídos por uma emoção acontecem reações fisiológicas que fogem ao nosso controle, as quais surgem de camadas profundas do inconsciente.

Assim, entendo que os sentimentos conscientes que produzimos vão formando nossos afetos inconscientemente, e isso acaba por influenciar nossas relações, tornando-as harmoniosas ou não, e é dessa forma que vamos construindo nossa riqueza interior ou nossos temores, conforme nossas experiências de vida.

No decorrer desta pesquisa descobri que aquilo que eu pensava quando ainda era criança – que o mais importante são os sentimentos das pessoas – estava correto, mas a modernidade, ao impor que a razão viesse em primeiro lugar, nos obrigou a privilegiar questões de ego, burocráticas ou econômicas, em detrimento de nossos sentimentos. Ainda hoje, as questões da ordem do sensível, tão essenciais a

nossa felicidade, ainda são pouco valorizadas e, mesmo quando falamos dos nossos afetos, muitas vezes é de forma banalizada, na prática precisamos exercitar os sentimentos de compaixão e alteridade. É preciso saber se colocar no lugar do outro e tentar entender o que o outro está sentindo, para que o ato de ajudar realmente aconteça.

Mesmo antes da leitura do livro *Imagens do inconsciente*, já tinha ouvido falar no trabalho de Nise, no que se refere ao estudo sobre as mandalas⁴, mas não imaginava que seus estudos estivessem tão ligados à mitologia⁵.

Minhas experiências empíricas, com o estudo da mitologia, começaram ainda na adolescência. Gostava de praticar a leitura das cartas de tarô⁶ com as amigas.

Os contos mitológicos experimentados por meio das imagens místicas, como as cartas de tarô, e também na astrologia, produzem significado especial porque expressam pensamentos sobre a natureza humana, são sentimentos vivenciados por todas as culturas nos diferentes tempos, e passados oralmente de geração em geração. Esses mitos⁷, histórias criadas pela imaginação humana, trazem consigo nosso legado ancestral, atravessando os tempos para se renovarem através dos sinais de seu próprio tempo e espaço, explicando os pontos de vista de uma cultura, de um país ou religião. Através dos arquétipos⁸ (representação de imagens simbólicas), expressam significados como desejos, necessidades ou medos, que são sentimentos que todos nós sentimos em diferentes momentos da nossa vida.

⁴ A palavra sânscrita mandala significa círculo, no sentido ordinário dessa palavra. Na esfera das práticas religiosas e em psicologia refere-se às imagens circulares que são desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas. (...) Como fenômeno psicológico aparecem espontaneamente em sonhos, em certas situações de conflito e em casos de esquizofrenia. Frequentemente contém uma quaternidade, ou múltiplo de quatro sob a forma de cruz, estrela, quadrado ou octógono, etc. (...) Sua ocorrência espontânea na produção de indivíduos contemporâneos, permite à pesquisa psicológica fazer investigações sobre sua significação funcional. (SILVEIRA, 1981, P.54).

⁵ O termo mitologia refere-se a um conjunto de mitos originários da Grécia e da Roma Antiga.

⁶ As cartas de tarô mitológico são imagens pintadas de divindades gregas, símbolos da natureza humana que refletem impulsos e anseios do corpo e da alma em estados de inconsciência. A moderna psicologia associa o estudo dos deuses como sendo inevitável para compreender o comportamento humano.

⁷ O estudo do mito é uma narrativa para explicar o universo, a criação do mundo, fenômenos naturais ou sobrenaturais ou qualquer outra coisa a que explicações simples não são atribuíveis.

⁸ Os arquétipos são imagens ou visões oriundas de camadas profundas do inconsciente associadas a experiências humanas desde os tempos mais remotos. Podem ser percebidos como instintos e se manifestam como fantasias, medos, desejos, necessidades.

O estudo do tarô começou como brincadeira, mas no decorrer do tempo ganhou uma conotação mais séria, com os estudos da astrologia e o aprendizado da leitura da carta astrológica.

Muitos livros de astrologia citam o cientista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Interessava-me conhecer as ideias e percepções científicas do médico psiquiatra e psicanalista. Ele nasceu em Kresswil, Basileia. Seu pai foi pastor protestante, o que justifica o seu interesse desde jovem por questões filosóficas e espirituais. Estudou medicina devido a seu interesse nas ciências naturais e humanas. Usou a ciência como meio para praticar seus ideais, intensamente, interessado pelos fenômenos psíquicos e espirituais. Em 1900 Jung foi estudar com Pierre Janet na Clínica Psiquiátrica Bugholzli, em Zurique, onde montou, em 1904, um laboratório experimental de testes de associação de palavras para diagnóstico psiquiátrico. A partir daí compartilha seus estudos com Freud, um dos mais importantes psicanalistas da época, mas as divergências na abordagem teórica rompem a amizade. Jung então passa a desenvolver sua própria teoria com outras temáticas, o que o levou a uma das mais importantes descobertas científicas, “o inconsciente coletivo”.

Por ser uma obra vanguardista, na época, foi de difícil aceitação. Politicamente não era interessante, pois os conceitos de Jung envolviam a linguagem simbólica, a arte; enquanto que para Freud, que era judeu, valia a palavra, a razão.

Agora, em pleno século XXI, após descobrirmos que a modernidade não conseguiu responder a todas as nossas perguntas, e que ainda estamos em busca de um sentido para a nossa vida, sua teoria ganha nova ressonância.

As rápidas transformações sociais e culturais, ocorridas no final do século XX e início do XXI, produziram sentimentos como o medo, a ansiedade e a depressão. Em vista disso, os fenômenos psíquicos encontram apoio na psicologia analítica, uma psicologia profunda, da alma, que busca a compreensão do homem através da linguagem simbólica.

Apesar de, naquela época, Jung ter recebido inúmeras críticas por ser considerado místico ao estudar assuntos que a psicanálise desconsiderava, como a

religiosidade. Ele pesquisava sobre simbolismo oriental, textos medievais, literatura chinesa e hindu, ao mesmo tempo, ele era muito científico ao falar sobre fenômenos psíquicos e culturais, e conseguia explicar esses fenômenos sem entrar no misticismo. Ele entendia os símbolos como uma projeção do inconsciente. Uma de suas teorias é baseada no fenômeno da sincronicidade⁹. Jung acreditava que as realidades simbólicas ou arquétipos interagem ao mesmo tempo com os acontecimentos de nossa vida cotidiana. Para ele essa relação que acontece entre realidade e símbolo ocorre em um nível interno, e o inconsciente é o agente ativo que dá forma à união. A importância das teorias de Jung e de seus estudos sobre a linguagem simbólica é ter aberto um novo campo de experiências, que inclui a busca de si mesmo (*self*).

Quando optei por fazer o Curso de Artes Visuais na UFPel, o aspecto mais significativo dessa escolha, que me atraiu para a área da Arte, foi a possibilidade de conhecer os símbolos¹⁰ e os códigos da Arte. Eu sabia que muitas pinturas e esculturas, representadas na História da Arte, estavam associadas aos signos da astrologia, pois levavam o nome dos deuses e outras entidades mitológicas, que também são nomes de planetas.

A deusa Vênus, por exemplo, frequentemente é representada nas artes, como uma mulher nua, símbolo da beleza e da fertilidade.

Inúmeras pinturas foram executadas com a temática mitológica, em diferentes períodos da história. O pintor italiano Agnolo Bronzino pintou “Alegoria de Vênus e Cupido” (1550). Na Alemanha, Lucas Cranach pintou “Vênus” (1532).

Abaixo, a imagem é do pintor Belga Paul Delvaux, ele se dizia Realista, influenciado por artistas surrealistas como René Magritte e Giorgio de Chirico, foi chamado de “Metafísico de Chirico” pintou uma tela bastante perturbadora intitulada “Vênus adormecida”, de 1944 (figura 1). O artista Utilizava técnicas com configurações dramáticas, caracterizadas por diagonais recuo e arquitetura clássica.

⁹ Nesse processo, dois fatores se unem (um símbolo cósmico e um acontecimento mundano) sem nenhuma causa aparente ou física para essa ligação.

¹⁰ O termo símbolo é de origem grega – *symbolon* – e significa ligar, atar ou colocar junto. É considerado elemento primordial no processo de comunicação.

A imagem é inspirada em sonhos estranhos e imagens do inconsciente, temática muito utilizada por artistas surrealistas.



Figura 1 – “Vênus adormecida”, 1944 – Paul Delvaux

Fonte: <https://carlosduarte12av1.files.wordpress.com/2012/10/paul-delvaux3.jpg>

No período do Renascimento, século XV, era comum a representação da narrativa mítica, o pintor italiano Sandro Botticelli representou Vênus em uma das mais conhecidas pinturas, denominada “O nascimento de Vênus” (1483). “A primavera” (1482), do mesmo autor, provocou muita discussão em torno de seu significado devido a suas características alegóricas e filosóficas (O LIVRO DA ARTE, 2005).



Figura 2 – “O nascimento de Vênus”, 1483 – Sandro Botticelli

Fonte: <http://renascimento-pintura.blogs.sapo.pt/717.html>

A figura 2 mostra a representação de Vênus surgindo nua de uma concha sobre as espumas do mar. Os traços harmoniosos exaltam não apenas a beleza física, mas também a pureza da alma, representadas, na simbologia cristã, na imagem dos anjos. A concha e a água são símbolos do batismo de Jesus. (O LIVRO DA ARTE, 2005).



Figura 3 – “A primavera”, de Botticelli, 1482
Coleção da Galeria Uffizi, Florença, Itália

Fonte: <http://www.noticiasdabota.com/2016/01/a-primavera-de-botticelli.html>

Na figura 3, Vênus, a deusa do amor, está no centro da cena, em harmonia com o homem e a natureza. Outras personagens da mitologia também fazem parte da obra: Mercúrio, o mensageiro dos deuses, com suas sandálias aladas e o caduceu; as Três Graças (Agláia, Tália e Eufrosina), representando a beleza, a castidade e a sensualidade, dançando numa roda; a ninfa Clóris com suas vestes transparentes; Zéfiro, que representa a brisa e o vento, está à direita da cena; Flora, com suas vestes floridas representam a natureza, e ainda, no alto, o filho de Vênus, Cupido, o deus do amor, com seu arco e flecha despertando a paixão e o amor. Toda essa simbologia mitológica servia para representar a chegada da primavera, com toda a sua magia, trazendo alegria, beleza, fertilidade e amor (O LIVRO DA ARTE, 2005).

No século XIX, o espanhol Francisco Goya pintou uma representação do deus do tempo, Cronos (Saturno na mitologia romana). A imagem da figura 4 é denominada “Saturno devorando um filho”. Na pintura de Goya, Saturno representa o pai, é visto como um monstro terrível e assustador. Conta o mito que Saturno ao

ser avisado por um oráculo que um de seus filhos o destronaria, resolveu comer cada um de seus filhos¹¹.



Figura 4 Saturno devorando um filho (1519-1823)
Francisco Goya

Fonte: http://temasycomentariosartepaeg.blogspot.com.br/p/blog-page_914.htm

¹¹ O Mito de Saturno pode ser lido na íntegra no livro “As Melhores Histórias da Mitologia: Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana”, 2012.

Muitos contos e lendas, criados pelo homem na antiguidade, nasceram da observação do movimento dos planetas no céu. Ele criou muitas histórias para contar pensamentos e sentimentos importantes relacionadas à sua vida.

Segundo o renomado astrônomo e antropólogo americano Anthony Aveni (1993), essas observações do céu, possibilitavam conselhos precisos para a agricultura, principal atividade desses povos. O ciclo de aparição do planeta Vênus no horizonte, por exemplo, ia muito além da simples definição do tempo para o plantio ou a previsão de chuva. Aveni afirma que esses povos perceberam que a hora de aparição e a posição do planeta Vênus no horizonte variavam de maneira regular com a estação do ano, influenciando a fertilidade e a beleza da natureza. Com esses dados era possível saber exatamente em quanto tempo o planeta Vênus retornaria, depois de ter desaparecido, e onde poderia ser visto em seu retorno.

Essas importantes observações ao longo do tempo foram detalhadamente registradas em inscrições, desenhos, cerâmica, para que em encontros futuros pudessem ser consultadas.

Indícios em cerâmica indicam que a astrologia já era usada desde o início dos tempos. A Deusa da Fertilidade (figura 5) foi descoberta em Dordogne, no sudoeste da França. Trata-se de um bloco de pedra calcária, um entalhe de 22 mil anos. A imagem da mulher foi feita de perfil, olhando para um chifre de bisão em forma de lua crescente em sua mão direita. Cientistas identificaram treze marcas; eles também creem ver treze covinhas na silhueta da mulher. A mão esquerda aponta para seu ventre. Essas observações sugerem aos estudiosos uma relação entre a gravidez, que ocorre em 10 lunações, e o ciclo lunar/menstrual em 13 lunações – para muitos, estas são as primeiras evidências da interação entre os ciclos do Universo e os ciclos humanos. Acredita-se que essas marcas serviam como referência para a contagem do tempo (ano lunar) na pré-história (GILLET, 2012).



Figura 5 – “Vênus de Laussel”, escultura em pedra, 46cm de altura.
Peça de arte paleolítica descoberta em 1909 na estação arqueológica de Laussel.
Museu da Aquitânia, em Bordéus, França

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus_de_Laussel

Mas, para entender mais a respeito dessas questões de meu interesse, sentia a necessidade de primeiro aprender a fazer pesquisa. A construção desse caminho acadêmico começou quando ingressei no grupo de pesquisa intitulado “A Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas do séc. XX”. Nesse espaço de aprendizado, pesquisava a vida e a obra da escultora francesa Camille Claudel. A pesquisa era bastante interessante, pois trabalhava com a leitura de imagens, e a temática envolvia arte e loucura.

O romance conflituoso entre Camille Claudel e o consagrado escultor francês Auguste Rodin influenciou a obra da artista, no sentido em que ela criou um estilo próprio, uma produção extremamente marcada pela expressividade e subjetividade carregada com a simbologia mitológica. Essa linguagem permitiu entender que os amantes criaram um diálogo, por meio de suas obras. Mas após o rompimento e a separação definitiva do casal, Camille começou a se isolar, e, em um de seus surtos psicóticos, quebrou todo o seu ateliê. Ela foi internada num hospital psiquiátrico, onde permaneceu por 30 anos, sob o diagnóstico de psicose paranoide. Durante esse longo período de internação recebeu pouquíssimas visitas de sua família e se comunicava por meio de cartas, das quais não tinha resposta. Ficou sem produzir uma única obra, até falecer em 1943.

Lembrar esse trabalho é refletir sobre os motivos que me levaram a realizar uma pesquisa no campo da arte e saúde mental. O estudo foi bastante gratificante e enriquecedor, pois através do grupo de pesquisa, entrei em contato com um trabalho rico na diversidade de conteúdos, abrangendo a arte e a psicologia.

Em janeiro de 2014 fui nomeada pela Prefeitura Municipal de Pelotas para trabalhar na Secretaria da Saúde, no cargo de Técnica Superior em Arte, junto ao Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil - CAPS-i¹², desde então venho desenvolvendo oficinas de artes com crianças e adolescentes que sofrem transtornos mentais graves, tais como esquizofrenia, psicoses, neuroses e outros

¹² Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são instituições que visam à substituição dos hospitais psiquiátricos – antigos hospícios ou manicômios – e de seus métodos para cuidar de afecções psiquiátricas. Os CAPS-i são especializados no atendimento de crianças e adolescentes com transtornos mentais, funcionando durante os cinco dias úteis da semana, e têm capacidade para realizar o acompanhamento de cerca de 180 crianças e adolescentes por mês. A equipe mínima é de 11 profissionais de nível médio e superior.

sintomas psíquicos que se manifestam como comorbidades. Essa manifestação ocorre quando o indivíduo apresenta sintomas de mais de uma patologia.

No mesmo mês e ano fui aprovada para o Curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas / UFPEL. O projeto apresentado ao curso de mestrado¹³ tratava das práticas em arte desenvolvidas no CAPS-i. Foi submetido no dia 12 de junho de 2015 ao Comitê de Ética de Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas e aprovado em 27 de novembro de 2015, sob o número da CAAE: 46162615.30000.5317 (Anexo 2).

Embora tenha ficado muito feliz com as conquistas, as questões da saúde mental não ficaram somente reservadas a minha vida profissional e acadêmica. Minha vida pessoal também foi afetada. Nesse mesmo período de ingresso no curso de mestrado e no trabalho do CAPS-i, comecei a ficar muito angustiada e desconfiada com alguns aspectos psicológicos do desenvolvimento do meu filho caçula. Com dois anos de idade ele já apresentava atitudes bastante agressivas e dificuldade em aceitar o “não”. Durante algum tempo sofri muitas críticas de amigos, que diziam que eu tinha que dar limite a ele, mas continuava estranhando, pois tenho outros dois filhos e nunca fui uma mãe permissiva. Com três anos, o garoto demonstrava muita inteligência, é extrovertido, faz amizades facilmente, é muito afetuoso, mas só quer fazer aquilo que lhe agrada, impõe sua vontade, e se coloca em risco quando não é atendido. Conforme ele cresce, as crises de agressividade aumentam. Na escola sempre há muitas queixas. Recentemente, a proprietária da escola chamou-me para conversar. Disse que achava melhor ele não frequentar a escola, até melhorar. No momento, comecei o tratamento com a psiquiatra para auxiliar na psicoterapia. Desde então, notei que há uma melhora no comportamento dele, embora ele ainda reaja da mesma maneira, porém o uso da medicação prescrita pela psiquiatra atenuou os sintomas, tornando a agressividade menos intensa e ele não se coloca mais em situação de risco, a psicoterapia tem ajudado muito nesse processo também.

A questão da medicação psiquiátrica ainda é um tema polêmico, muitas pessoas são radicalmente contra os fármacos. No CAPS-i se observa que mesmo a

¹³ Projeto encontra-se no anexo 1 desta dissertação.

criança fazendo o tratamento psicotrópico, muitas vezes, ela não apresenta melhora no quadro clínico. Então, o que acontece? Por que há melhora em alguns casos, e em outros não? A medicação é coadjuvante ou agravante no tratamento?

É importante dizer que um ambiente familiar harmonioso favorece para o bem estar de qualquer indivíduo, esse ambiente desejável é construído com relações de amor, carinho, cuidado e proteção. Nesse sentido, entender o conceito de cuidado torna-se fundamental para refletir sobre essa questão. Refiro-me ao conceito de cuidado de si e sua relação com o corpo, definido pelo filósofo Michel Foucault e caracterizado por ele como um princípio para a formação do sujeito, preparando-o para vida. Uma relação entre corpo e alma, compreendida como fundamental para o exercício de uma relação singular, consigo mesmo e com o outro, ao nos reconhecermos como alguém que precisa ser cuidado. Para Foucault,

as piores doenças físicas são aquelas em que o sujeito, como na letargia, na epilepsia, na apoplexia, não se dá conta de seu estado. Nas doenças da alma o grave é que elas passam despercebidas ou mesmo que podem ser tomadas por virtudes (a cólera por coragem, a paixão amorosa por amizade, a inveja por emulação, a covardia por prudência) (1985, p.63).

Em se tratando de transtornos mentais, existem muitos aspectos inconscientes envolvendo as relações afetivas, é comum a família não perceber o conflito como agravante ou desencadeador de transtornos mentais. Essa questão é compreendida por Foucault como uma relação não percebida de exercício de poder sobre o outro, o que ele define por “ter domínio sobre o corpo dos outros”, uma mecânica de poder imposta ao corpo, para que operem como se quer, com as técnicas, rapidez, e eficiência. Esse controle externo impede o sujeito de explorar um olhar próprio, que segundo Foucault é uma condição essencial para que o homem possa ser livre para conduzir sua vida, dotado de valores morais e conhecimentos sobre si, e de suas necessidades. Uma questão de transformação interior, um trabalho que envolve a sensibilização, com o objetivo de compreender as limitações do outro e para desenvolver capacidades humanas de estar disponível para o cuidado. Requer uma renovação sentimental com a intenção de colaborar para a produção de um ambiente o mais harmonioso possível, de trocas afetivas, com ações de cuidado e estímulos para o bem estar do sujeito em tratamento.

Infelizmente, na maioria das vezes, as relações harmoniosas não são a realidade das crianças do CAPS-i, elas vivem em um ambiente de muitas carências afetivas e econômicas, a violência faz parte do cotidiano, além de sofrerem privações, exclusão social. E nesse caso, sim, aonde não se privilegia o cuidado e o afeto, aonde não há aceitação do outro, se produzem relações extremamente conflituosas de abusos de poder. O medicamento então acaba por se tornar um agravante, pois ao mesmo tempo em que não dá a resposta desejada, o aumento das dosagens e os diferentes tipos administrados, poderão provocar problemas ainda mais sérios no que se refere à saúde do indivíduo.

A vivência no CAPS-i tem mostrado que não adianta apenas dar o medicamento, se não houver uma compreensão de todos os envolvidos no processo sobre o que é saúde mental. Um processo que requer essencialmente uma educação da sensibilidade.

E a Arte por suas qualidades estéticas, com suas técnicas de representação simbólica e expressões corporais, é a maior promotora de ações para exercitar essa sensibilização. Ao relacionar-se com os conceitos da psicologia analítica, que também trabalha com a linguagem simbólica e utiliza o símbolo com uma espécie de memória de experiências dos nossos ancestrais para compreender nossas próprias experiências, produz uma dimensão muito mais ampliada de conhecimento e autoconhecimento que permitem uma crítica de si mesmo e de outras questões mundanas importantes para produzir novos significados para a vida.

O que se espera nesse processo é trazer a consciência as dificuldades e tentar superá-las de maneira mais sensível, ensinar que a “cura” está relacionada aos sentimentos envolvidos nas relações, na tentativa, sempre, de superar os obstáculos.

O CAPS-i do município de Pelotas tem como missão colocar em prática ações preconizado pela Reforma Psiquiátrica, já em curso. Por meio de uma rede de atendimento multiprofissional responsáveis pelo cuidado e atenção com aqueles que sofrem transtornos mentais graves.

Durante muito tempo, na história da loucura, trabalhadores lutaram contra os maus tratos e a falta de políticas públicas para aqueles que sofrem com transtornos

mentais. A Reforma Psiquiátrica foi uma grande vitória para a sociedade, trouxe um movimento de transformação no campo da saúde mental ao recomendar substituir o modelo hospitalocêntrico centrado na medicação e na internação compulsória, pelo atendimento em liberdade, através de uma rede de serviços multiprofissional capacitada para atender as necessidades dos usuários dos serviços de saúde, com vistas à sua reabilitação psicossocial, ou seja, para ajudar o indivíduo a desenvolver autonomia e exercer sua cidadania.

Decorrido alguns anos, desde a década de 1980, quando começou esse processo de desinstitucionalização¹⁴, ainda vivemos esse momento de transição, pois ainda não conseguimos descentralizar a medicação na saúde mental.

Outra importante questão dentro do serviço é a ideia de que o diagnóstico em saúde mental é importante. Essa ideia de rotular as pessoas como doentes mentais vem aumentando a demanda do serviço. Tenho observado casos em que transtornos graves são desencadeados por problemas sérios como o *bullying* e a exclusão na escola. Cito brevemente dois exemplos: No primeiro caso a garota sofreu *bullying* por parte de colegas que souberam que ela usava Ritalina e começaram a chamá-la de “louquinha”. A mãe conta que ela começou a ficar muito triste a ponto de desenvolver depressão, e agora está começando a desenvolver quadro clínico mais grave, fazendo cortes no seu corpo. No segundo caso, a garota é vítima de exclusão; ela tem dificuldades em fazer relações de amizade na escola, é rejeitada pelas colegas e fica sempre sozinha no pátio. Conversei com a mãe a esse respeito. Ela disse que o fato da filha ficar sozinha não vai interferir no seu rendimento escolar, mas percebe que ela se sente triste, e culpa a escola e a diretora, diz que na sua época, se alguém fizesse alguma coisa errada era castigado. Mas será que os métodos de punição não existem mais ou são praticados de outras formas? Como a Escola lida com as questões de indisciplina, práticas de *bullying* e exclusão?

A escola, do formato como a que se tem hoje, por excelência, produtora de conhecimento da ordem da razão, destina muito tempo em questões específicas de

¹⁴ Modelo atual de tratamento de Saúde Mental priorizando o cuidado e o atendimento em liberdade para a reintegração social, utilizando um serviço em redes de assistência.

eficiência intelectual, e pouco promove ações para o desenvolvimento da sensibilidade e a educação dos sentimentos, e quando coloca o corpo e a mente em diálogo, trabalha muito mais as questões de disciplina, razão e pensamento, quando na verdade poderia estimular bem mais à questão da sensibilidade.

Ao desmerecer a música, a dança, as artes visuais e o esporte, nega a importância dos sentimentos. Com isso, vem de forma continua contribuindo na direção de um processo o qual estamos vivenciando, de desumanização.

Ao contrário, do que o sistema Escolar prega, essas linguagens são importantíssimas, devido as suas qualidades e capacidades, de produzir uma conexão entre a mente e o corpo. Essa relação pouco explorada com o objetivo de sensibilização influencia diretamente no nosso desenvolvimento integral, corpo-mente- espírito porque no momento em que estamos exercitando esse diálogo entre o corpo e a mente o indivíduo acaba se reconhecendo como um ser cósmico, parte integrante da natureza e do ambiente o qual ele habita.

Não levar a sério essa problemática é contribuir para o quadro social o qual vivenciamos hoje, de extrema violência. O que torna evidente, a necessidade urgente, de se promover ações para o desenvolvimento da sensibilidade.

A pouca atenção, que até hoje, se dá as questões do corpo, reduzindo a ele função somente de eficiência e estética (bonito-feio), produz muitas consequências nos modos de sentir. Para o psicólogo e doutor em educação João Francisco Duarte Jr. o fenômeno estético é um conceito mais abrangente, fundamentado nas questões do corpo numa atuação mais sensível da nossa existência. Uma maneira de dar sentido à vida, e que não é pautada apenas em mecanismos lógicos, mas está relacionado a uma necessidade de educação do corpo para que possamos desenvolver relações mais sensíveis com o outro. Segundo ele:

Um saber do nosso agir cotidiano fundamenta-se nesse saber corporal básico, primitivo em sua origem, mas com enorme potencial para ser desenvolvido e lapidado, ou seja, educado. Dirigir um automóvel, andar de bicicleta, arremessar uma bola de longa distância e “encestá-la” no jogo de basquete, bem como dançar ao ritmo de uma música, são alguns exemplos das capacidades cognitivas de nosso organismo, assim como distinguir odores, sabores, sons e texturas. (DUARTE JR. 2010, p.125)

Esse saber essencial das coisas da vida, relacionadas aos nossos sentimentos e, que a Escola ainda pouco valoriza, precisa ser reconhecida como uma questão fundamental, ou não alcançaremos meios para conter a violência e os conflitos sociais. Para Duarte Jr. essa não é uma questão fácil porque depende de:

Uma reorientação do nosso, estar-no-mundo, a qual, sem sombra de dúvidas, precisa contar tanto com novas visões do que seja o pensamento científico e a ação técnica, como também o que significa uma vida em equilíbrio sensível com o planeta. (2010, p. 29).

Essa reorientação, a qual o autor se refere, exige mudanças, não apenas nos discursos, mas principalmente precisamos desenvolver ações de educação da sensibilidade, caso contrário, continuaremos contribuindo em direção a desvalorização dos sentimentos, e a Escola apenas intervindo na crítica negativa do que se vê.

Uma das consequências para a sociedade em não dar à devida atenção a questão da educação dos sentimentos é que, quando não alcançamos as expectativas intelectuais da escola somos imediatamente rotulados, sem levar em conta que temos necessidades e desejos em graus diferenciados. Essa estigmatização fortifica a exclusão e todas as formas de exercício de poder.

Em saúde mental é comum esse rótulo mascarado na forma de diagnóstico clínico. Embora seja consenso, entre todos os autores da Reforma Psiquiátrica, ser totalmente desnecessário o enquadramento do paciente a um determinado diagnóstico, é fato que ainda o fazemos, quer seja porque ainda somos educados para isso, ou por conta de uma exigência técnica, de fornecer um código específico que é usado para a classificação internacional de doenças, conhecido como CID. Esse CID é usado para denominar problemas de saúde, mas em se tratando de saúde mental, serve apenas para resolver questões burocráticas de benefícios, licença, aposentadoria ou encaminhamentos, o que implica num problema grave, que é a perda dos direitos, civis, sociais e políticos do sujeito, que ainda tem grandes possibilidades de se reabilitar ao meio social.

E se pensarmos mais ainda a esse respeito, verificamos na saúde mental que os médicos não prescrevem medicação em função desses diagnósticos e sim avaliam os sintomas. A prova disso é que um mesmo medicamento pode ser usado

para algumas psicoses e também quando o indivíduo apresenta outros tipos de sintomas. E apenas a questão da singularidade do sujeito já não se justificaria para se fazer um diagnóstico. A busca por um diagnóstico faz com que a pessoa fique buscando serviços na rede, sem o devido atendimento adequado e urgente.

A adesão ao tratamento tem demonstrado grandes possibilidades do indivíduo ter uma vida mais saudável, mesmo com limitações. Assim, um dos principais problemas de se fazer um diagnóstico em saúde mental é que ele acaba contribuindo para a exclusão social, isso é mais grave ainda quando se trata de crianças em fase de desenvolvimento.

O campo da saúde mental infantil é bem recente. Até pouco tempo atrás, não existia, sequer, algum tipo de política pública para adultos. Essas políticas começaram a ser criadas e colocadas em prática nos anos 1980 e 1990, mas somente em 2001 as práticas em saúde mental se estenderam para as crianças e adolescentes. Muitas já foram às conquistas, mas ainda precisamos avançar mais no sentido de criar novos métodos de intervenção em saúde mental associadas às práticas de cuidado.

O serviço do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS-i de Pelotas busca estratégias de aproximação entre as crianças/adolescentes, familiares, escola, rede de serviços de saúde e assistência, de forma a ampliar o universo de relações da criança e viabilizar o acesso à inclusão social.

Para contribuir com essa questão, as Oficinas de Arte do CAPS-i tem como objetivo buscar fortalecer os laços afetivos entre as crianças/adolescentes e os pais, por meio de um conjunto de práticas artísticas e expressivas, criadas especialmente para promover ações de educação da sensibilidade. Ao realizarem suas produções subjetivas num ambiente acolhedor espera-se que o grupo expresse seus sentimentos de maneira que possam renovar os significados da vida.

Para investigar de que forma a arte potencializa os afetos e estimula o exercício do cuidado, inicialmente, me inspirei na metodologia da Sociopoética. O método de pesquisa foi criado pelo Prof. Dr. Jacques Gauthier, entre os anos de 1993 e 1995, quando ele realizou pesquisas com diferentes grupos, oprimidos, marginalizados, considerados de resistência. Nos livros *Sociopoética: o livro do*

iniciante e do orientador (2009) e *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais* (2012), o professor Gauthier relata suas experiências pessoais articuladas às suas práticas científicas, o que possibilitou a criação dessa metodologia, que pode ser utilizada na produção de dados em diferentes áreas de conhecimento, tais como: A Educação, Enfermagem, Psicologia, Arte, entre outras.

O interesse na sociopoética deve-se à possibilidade do método favorecer a manifestação inconsciente do grupo, por meio de técnicas artísticas que exploram a linguagem não-verbal. Trata-se portanto de uma abordagem metodológica, na qual o conhecimento é coletivo, todo o grupo-pesquisador “age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem” (GAUTHIER, 2009, p. 78).

Segundo o professor Gauthier, a sociopoética se diferencia dos métodos tradicionais porque recusa totalmente dar um sentido às produções dos membros do grupo-pesquisador a partir de referenciais, que lhes são exteriores e desconhecidos no momento dos encontros - forma de poder reprodutora do instituído. Ele diz que somente depois do grupo-pesquisador, formado por copesquisadores e copesquisadoras, ter:

- 1) analisado suas produções a partir dos seus próprios referenciais e,
- 2) discutido dialogicamente o estudo realizado do seu lado pelo/a facilitador/a (pesquisador) – somente depois disso pedimos, num capítulo ulterior, mais conforme ao instituído, a colocação em dialogicidade desses resultados, ricos e complexos, com abordagens teóricas reconhecidas pela academia¹⁵. (Gauthier, 2016). Na sociopoética o grupo-pesquisador é formado por copesquisadores, e cada um tem suas responsabilidades de estudar de maneira crítica a pesquisa.

Mas, a minha falta de experiência no trabalho processual, minhas implicações envolvidas durante a pesquisa, além das dificuldades que tive de me apropriar de alguns conceitos da Sociopoética, fizeram com que eu encontrasse dificuldades em dar conta do método, que tem princípios bastante rígidos. Por isso, após a aplicação

¹⁵ Trecho retirado da declaração de aprovação dessa pesquisa dado pelo Prof. Jacques Gauthier, Salvador 15/08/2016.

das oficinas, optei em problematizar a pesquisa utilizando a metodologia da Cartografia, que também é processual, mas me permitiu maior liberdade para acompanhar a pesquisa e problematizar também meu próprio percurso e implicações, como pesquisadora.

O princípio da Cartografia relaciona-se com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995), no que se refere ao conceito de rizoma e suas múltiplas e infinitas conexões, a questão “é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar segundo uma árvore. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos” (p. 38). Essa metodologia possibilitou a mim, refletir sobre algumas questões de saúde mental que se revelaram nas minhas próprias implicações na pesquisa.

A pesquisa justifica-se ao promover o cuidado em saúde mental por meio da Arte. As práticas artísticas e expressivas proporcionam, de forma lúdica, buscar resgatar as relações com o outro e a integração da família.

Após relatar os motivos e as razões para a escolha do tema, organizei a apresentação do trabalho em áreas temáticas.

Para que o leitor possa experimentar uma sensação de aproximação entre os anseios da alma e as relações com o Universo, optei em abrir cada capítulo desse estudo com os símbolos antigos.

As imagens das cartas de tarô simbolizam minha viagem interior (arquetípica), com relação a essa pesquisa, são sentimentos experimentados nos diferentes estágios e ciclos de evolução desse estudo. Por essa razão a introdução do trabalho começa com a imagem da carta “O louco”, é a primeira carta do Arcano Maior¹⁶, simboliza o início dessa viagem, com todos os medos e anseios diante do novo.

A seguir, optei em abrir o capítulo 1 com a carta de Hermes, o Mago. Ele representa nosso guia espiritual. Entender um pouco sobre a Reforma Psiquiátrica, foi uma experiência catalisadora para a compreensão das práticas atuais de cuidado, elas foram implementadas por meio de políticas públicas para garantir os direitos das pessoas que sofrem com transtornos mentais.

¹⁶ Conjunto de vinte e duas cartas que compõe uma série de imagens que descreve diferentes estágios da viagem psicológica do homem.

Essas novas práticas em direção a desinstitucionalização, começaram na década de 1980, e deram origem a criação dos primeiros CAPS. Em Pelotas, o Canguru - CAPS-i iniciou suas atividades apenas em 2011.

Destaco nesse capítulo o trabalho da professora Mirela Ribeiro Meira, doutora em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Em sua tese defendida na UFRGS, intitulada *Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em oficinas de criação coletiva* (2007), a autora apresenta as primeiras experiências com projetos pioneiros em saúde mental no Rio Grande do Sul.

No capítulo 2 a imagem apresentada é a do Hierofante, um centauro com torso, braços e cabeça de homem e corpo de cavalo. O mito do Centauro fala da experiência da dor e do sofrimento, e, por isso, relaciona-se, ao estudo desse capítulo. Essa mistura, de animal e homem, simboliza nossa essência, nunca seremos totalmente animais nem completamente divinos, mas sempre uma mistura dos dois, pois estamos aqui para aprender a conviver com ambas as partes. Nesse capítulo, Quíron, o Hierofante, nos mostra que para estabelecer uma ponte com o divino precisamos de um profundo comprometimento com relação ao que seja o sentido da vida. A abordagem tem como referência o trabalho da médica psiquiatra Dr.^a Nise da Silveira, que desenvolveu uma pesquisa inédita, utilizando a arte para ajudar no processo terapêutico de seus pacientes, o que resultou na transformação da produção de seus pacientes em obras de arte. Ela também sofreu quando esteve presa por atividades políticas durante o Estado Novo e conseguiu transformar seu sofrimento em ações para ajudar os internos do Hospital Engenho de Dentro.

Outro importante trabalho é o do artista, reconhecido em vida, Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), ele viveu em hospital psiquiátrico por 50 anos, diagnosticado com esquizofrenia. Sofreu muito com os métodos agressivos e cruéis da época. Sua obra se tornou referência para os estudos que relacionam arte, psiquiatria e espiritualidade.

Essas referências artísticas foram reconhecidas por críticos de arte da época e aconteciam paralelamente, respectivamente nos hospícios Engenho de Dentro e Juliano Moreira, ambos no Rio de Janeiro.

Mais atualmente, outra referência importante na luta antimanicomial é o trabalho do psicanalista argentino Antônio Lancetti, sua trajetória é marcada por uma preocupação com segmentos excluídos da sociedade, crianças de rua, mendigos, cronificados de hospitais psiquiátricos. Foi um dos líderes na intervenção da Casa de Saúde Anchieta, ocorrida na cidade de Santos, São Paulo, em 03 de maio de 1989. Essa ação determinou mudanças na forma de tratamento dos internos, com respeito às necessidades e proteção contra a violência aos pacientes, naquele hospital.

Nesse capítulo apresento, ainda, duas oficinas criadas por mim, intituladas: “Oficina Caixa de Pandora” e “Oficina Minotauro”, realizadas em 2015, no CAPS-i de Pelotas. Essas oficinas serviram como projeto-piloto para a criação da “Oficina Imagens do Inconsciente”.

No capítulo 3, a carta da “Lua” representa um momento de confusão, flutuação e incertezas com relação à metodologia da pesquisa. É quando me deparo com meu próprio inconsciente. Esse percurso de autoconhecimento me levou a direcionar o trabalho para um método de investigação cartográfico.

No capítulo 4 vislumbro a carta do Sol. O período de angústia e frustração começa a se dissipar pela energia radiante do deus-sol, trás conhecimento e clareza de ideias que chega com a criação da “Oficina Imagens do Inconsciente”. Essa oficina produziu um conhecimento teórico e prático sobre as mandalas.

No capítulo 5 a carta escolhida é “O Mundo”, a imagem representa a totalidade, completude e união dos opostos. Essa carta se relaciona com o capítulo final desta dissertação porque é a finalização de todo o trabalho, celebrado na “Exposição Mitologia, Expressão e Arte”, realizada em dezembro de 2015, no CAPS-i de Pelotas. Um momento de confraternização entre as crianças/adolescentes, os familiares e os técnicos do CAPS-i. Durante a exposição aproveitei para falar brevemente sobre a astrologia, um conhecimento que começa a ser investigado no âmbito acadêmico.

A exposição ainda ocupou espaços maiores, na Praça Coronel Pedro Osório, em 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial¹⁷, a data é comemorativa do movimento, que foi crucial para a aprovação da lei da Reforma Psiquiátrica. Ali foi possível ver a felicidade de alguns usuários que faziam movimentos de dança na rua e se identificavam nas fotos das oficinas.

A imagem da carta “O Mundo”, também prenuncia o início de outra viagem, um novo desafio começa a surgir. Tal como “O Louco”, o ápice é apenas o vislumbre de algo vago e misterioso que está para surgir. E, por isso, nas considerações finais desse trabalho falo um pouco sobre a importância da pesquisa para mim, meus próximos objetivos e a continuidade do meu trabalho no CAPS-i.

¹⁷ Manifesto público dos trabalhadores que já estavam cansados do tratamento desumano e cruel aos pacientes e a favor da extinção dos manicômios. Instituído durante o II Congresso Nacional de Trabalhadores da Saúde Mental realizado em 1987 na cidade de Bauru/SP.



A carta do Mago representa o poder inconsciente presente em todos nós. As mudanças, transformações e descobertas se tornam possíveis quando adquirimos consciência da realidade ao nos deixamos levar por aquilo que chamamos de guia interior, ou espiritual.

Capítulo 1 – A Reforma Psiquiátrica: um movimento em direção à saúde mental

*Ei, medo, eu não te escuto mais,
você não me leva a nada.
E se quiser saber pra onde eu vou,
pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou...*
(Antônio Júlio Nastácia)

O movimento da Reforma Psiquiátrica adquiriu contornos mais delineados no final dos anos 70, quando trabalhadores dos hospitais psiquiátricos começaram a denunciar a violência, os maus tratos e a superlotação nos hospitais.

Nessa época, o tratamento dado aos pacientes internados e a precariedade das condições de trabalho desencadearam o descontentamento dos trabalhadores da área, levando a muitas reivindicações que fizeram com que o ano de 1978 se

tornasse o marco da reforma psiquiátrica. Nesse momento, a luta dos trabalhadores se fortalece ao vincular-se com um amplo movimento social e político. É nesse período no Brasil, que começa a luta para criar leis de proteção para aqueles que sofrem com os transtornos mentais.

Após inúmeras discussões políticas e debates acerca da “loucura”, a doença mental passa a ser compreendida como resultante de um processo de exclusão. E, para dar oportunidade das pessoas em sofrimento psíquico serem reintegradas na sociedade, no Brasil, em 1986 na cidade de São Paulo, foi inaugurado o primeiro Centro de Atenção Psicossocial - CAPS Luiz da Rocha Cerqueira, conhecido como CAPS da Rua Itapeva. Serviço substitutivo às internações psiquiátricas, voltado para proporcionar novas práticas de saúde mental, fortificadas no cuidado e atenção, privilegiando um tratamento adequado, com carinho, para as pessoas se sentirem mais seguras e se reafirmarem na sociedade.

As práticas atuais de cuidado dos trabalhadores permitiram um avanço nos serviços de saúde mental, tratados com carinho e atenção, os usuários dos serviços apresentam considerável melhora. De maneira geral, conseguimos estabelecer vínculos afetivos importantes em nossa prática do dia-dia. Acontece que os problemas sociais continuam a produzir vítimas do abandono, da violência, da exclusão, da discriminação e, para mascarar esse grave problema, ainda não conseguimos nos libertar de métodos ultrapassados, apoiados no excessivo uso da medicação.

Trata-se de problematizar essa questão e, sobretudo, quando se trata de crianças, ir mais fundo para investir no atendimento do conjunto familiar. Levando em conta um afastamento da lógica do controle, da padronização e da disciplina para buscar uma aproximação maior com as questões do cuidado, da sensibilidade e do afeto no conjunto familiar. Como já falei antes, essa não é uma tarefa fácil porque está relacionado à cultura, ao cotidiano e a mentalidade das pessoas envolvidas, e muitas vezes as pessoas não estão dispostas a mudar.

A terapia fica comprometida quando limitamos as práticas de cuidado apenas dentro do serviço. Essas práticas de cuidado em saúde mental, ações de demonstração de afeto, devem ser estimuladas para serem praticadas nas famílias,

na escola e na comunidade a fim de que o cuidado realmente aconteça principalmente nos lugares onde o sujeito passa a maior parte do tempo.

A experiência tem mostrado a importância do cuidado para o indivíduo se sentir mais seguro nas trocas afetivas e contribui muito para melhorar a saúde mental no ambiente familiar. Mas entende-se, também, que as condições sociais de pobreza geram muitos conflitos que prejudicam a produção desse ambiente harmonioso desejável. Ficar atento e ser solidário as necessidades econômicas dos usuários também são importantes, porque grande parte deles sofrem muito com a precariedade das condições de moradia, alimentação, falta de vestuário, materiais escolares e outras necessidade básicas e essenciais para a pessoa se sentir parte integrante na sociedade. Buscar caminhos para que se possam suprir essas necessidades e ensiná-los a usar esses bens de consumo de forma responsável, também influência nas interações e nos relacionamentos, eles se sentem mais felizes, estimula a uma melhor resposta à terapia.

1.1 As primeiras experiências em saúde mental no Rio Grande do Sul

Em direção à desinstitucionalização¹⁸, no município de Bagé já havia um trabalho diferenciado, coordenado pelo Dr. Ubirajara Rocha e Dr. Delvo Oliveira, juntamente com seus colaboradores, procuravam questionar a política de saúde mental da época. Desde 1975 se utilizava a Santa Casa de Bagé como espaço de hospitalização preferencial para os ditos “loucos” e não o hospício, mas não era nada fácil, pois havia barreiras legais e institucionais. Naquela época os usuários eram considerados cidadãos apenas para algumas coisas e somente se tivessem a carteira do INPS – (Instituto Nacional de Previdência Social).

Paradoxalmente, a previdência social dava ao doente mental o direito a ser internado no hospício, enquanto aquele considerado indigente, sem direito civil e social, poderia ser internado na Santa Casa. Assim, a falta de direito da carteira

¹⁸ Trata-se de substituir o tratamento asilar por uma rede de serviços que oferece tratamento em liberdade para que o sujeito possa aos poucos ser inserido novamente na sociedade.

acabava beneficiando o doente considerado indigente, e dessa forma se foi gerando na sociedade, na instituição e nas pessoas que trabalhavam no hospital um aprendizado de que é possível atender esses doentes num hospital geral.

Segundo o Dr. Delvo de Oliveira (1997), a experiência na Santa Casa de Bagé foi um avanço para todo esse processo de desinstitucionalização, demonstrando que o hospício era totalmente desnecessário.

Em 1990, a URCAMP de Bagé sugeriu uma investigação teórica que resultasse numa prática em direção à reforma psiquiátrica, conseguindo levar para a cidade um curso de capacitação para trabalhadores em saúde mental. O problema maior da capacitação proposta, segundo Meira (2007), é que a experiência contemplava os assuntos do humano, e não apenas a loucura. Não havia uma referência teórica que sustentasse o trabalho em nível acadêmico. O desafio maior seria desconstruir manicômios mentais, uma tarefa nada fácil, haja vista a complexidade do tema.

A URCAMP então abraçou essa causa cedendo instalações e, juntamente com outros patrocinadores, colaborou com recursos financeiros para a abertura de cursos e para a publicação da *Revista de Saúde Mental*. O curso de capacitação alcançou uma dimensão tão importante que culminou na realização do Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva, em 1992/1993, e o III Curso foi até 1994.

A professora Mirela Meira refere que esses cursos consolidaram-se como marcos de referência na produção de conhecimentos da área de Saúde Mental Coletiva no Estado, no País e fora dele. O Fórum Gaúcho em Saúde Mental, fundado em Bagé, alcançou projeção nacional como representação gaúcha no Movimento da Luta Antimanicomial. Potencializou-se juntamente com outros espaços de discussão, para avanços em direção da desinstitucionalização.

Segundo Meira, as experiências em saúde mental permitiram compreender que as equipes de saúde teriam que ser multiprofissionais e integrar profissionais de diferentes campos do conhecimento. Nasceu então, no hospital geral de Bagé, a primeira Oficina de Criação Coletiva formada por grupos de saúde mental.

A partir das experiências de Bagé, várias oficinas foram realizadas em diferentes municípios do estado, juntamente com os eventos como o “Fórum Rio-

Grandino de Saúde Mental”, em Rio Grande, a Conferência Estadual de Saúde Mental, em Tramandaí, a II Conferência Nacional de Saúde Mental em Brasília, em 1992. Foram ações inovadoras, que motivaram inúmeros municípios a fundar seus próprios serviços de atenção em saúde mental, voltados para uma prática de cuidado do outro, fortificadas no afeto, como explica a professora Mirela Meira:

Trabalhar nossas emoções, sentir e expandir nossos sentidos, atribuir significações distintas das rotineiras, valorar nosso afeto, trocar sinais, palavras e gestos, naquele contexto vivencial, assumira significados amplos e profundos. Compunham o domínio ético-estético, conjunto escorregadio que escapava às análises tradicionais, conjurava um saber iniciático percebido no estar-junto. (MEIRA, 2007, p. 67)

Ainda que na academia as oficinas fossem entendidas como espaços de trocas de saberes e de afetos, onde se ampliam possibilidades de ressignificação da vida, naquela época o movimento recebia inúmeras críticas. Para a sociedade, era difícil desvincular-se da ordem e do conceito da loucura.

Outra experiência significativa foi realizada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, pioneiro em desenvolver oficinas voltadas para a reabilitação em liberdade, através do “Projeto São Pedro Cidadão”.

Para redimensionar a assistência aos portadores de transtorno mental, em práticas de saúde mental, as ações abarcavam dois projetos: “Projeto Morada de São Pedro” e o “Programa de Residência Integrada em Saúde Mental”. Residentes de diversas áreas, como profissionais da Medicina, Educação Física, Artes Plásticas, Enfermagem, Serviço Social, Psicologia e Terapia Ocupacional, ficariam encarregados de acompanhar a reabilitação dos internos no processo de passagem de moradia para os residenciais construídos especialmente para esse fim. Os residentes durante o dia ficavam ocupados com os internos, e à noite frequentavam as disciplinas “Introdução ao Pensamento de Humberto Maturana” e “Tecnologias em Saúde Mental Coletiva”. As aulas ministradas pela Prof.^a Meira, no ano de 2002, foram consideradas fundamentais para uma reflexão sobre o vivido com os internos e entender suas necessidades, uma experiência necessária para resgatar relações afetivas no cuidado, atenção e responsabilidade com o outro.

Em 2004 foi criado o Curso de Aperfeiçoamento Especializado em Saúde Mental para os trabalhadores da rede municipal de saúde de Porto Alegre, promovido pela Prefeitura e Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, SUS e Universitat Rovira i Virgili, La Universitat Publica de Tarragona, Espanha, com o apoio do 7º Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. A oficina funcionou na forma de disciplina em espaços públicos distintos do Hospital São Pedro, para proporcionar mudanças nas formas de atenção em saúde nos serviços de rede, acreditando que os serviços públicos do SUS (Sistema Único de Saúde) são campos privilegiados para o ensino, a pesquisa e a extensão.

Essas experiências em saúde mental no Rio Grande do Sul estão relatadas na tese de doutorado da Prof.^a Dr.^a Mirela Ribeiro Meira, intitulada *Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em oficinas de criação coletiva* (2007). Em sua tese a Prof.^a Meira relata a criação das oficinas como dispositivos de convívio e troca de afetos para auxiliar as pessoas em ações simples e fundamentais do dia a dia, como tomar um café em grupo, dar um abraço, dançar, saber ouvir, expressar sentimentos, explorando os processos de subjetivação.

Conhecer essas experiências inovadoras em saúde mental foi fundamental para compor um conhecimento nos modos de pensar minhas oficinas, com uma visão mais ampliada, procurando criar espaços abertos para trocas afetivas entre os diferentes sujeitos – as crianças e seus pais –, tentando ajudá-los nas suas necessidades.

1.2 A instituição e a criação dos serviços de atenção psicossocial

Em 1989, durante o mandato como deputado federal, Paulo Delgado (PT/MG), inspirado nas ideias da Dr.^a Nise da Silveira e baseado na experiência do psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980), e nos movimentos da sociedade civil de luta anti-manicomial, ele propôs um Projeto de Lei (n.º 3.657/1989) para a regulamentação dos direitos das pessoas com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país. Essa importante ação promove o início da luta

do movimento da Reforma Psiquiátrica. Porém essa luta arrastou-se nos campos legislativo e normativo por longos 12 anos.

No Rio Grande do Sul, os deputados Marcos Rolim (PT) e Beto Grill (PDT) também entraram na luta antimanicomial. Juntamente com outros políticos e profissionais da área, participaram ativamente de dezenas de debates e de conferências em diversas cidades do estado sobre o tema da saúde mental. Esses debates trouxeram experiências de Reforma Psiquiátrica que estavam acontecendo também no exterior.

Além da Conferência Estadual realizada em junho de 1992, o seminário promovido pela Assembleia Legislativa em outubro de 1991 teve mais de mil e quinhentas pessoas inscritas e contou com a presença de figuras do porte de Franco Rotelli, conhecido mundialmente pelo seu trabalho em saúde mental e um dos principais responsáveis pela reforma psiquiátrica na Itália. (APARTE, 1992).

Essas discussões, sobre os modos de pensar a loucura, trouxeram como resultado uma mudança de paradigma, em que se passa a entender a loucura como um fenômeno humano. Por isso, em 1992 a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul aprova o projeto de Lei 171/91 e 278/91, de autoria dos deputados Marcus Rolim e Beto Grill. Segundo a qual:

Dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul, determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias e dá outras providências. (APARTE, 1992).

Com a aprovação da Lei 9.716, de 7 de agosto de 1992, o Estado do Rio Grande do Sul, de forma pioneira, garante os direitos de proteção e cidadania dos acometidos por transtornos mentais.

Nesse mesmo período, paralelamente, em Bagé iniciavam-se os cursos de capacitação para os trabalhadores da área da saúde mental, com o objetivo de oferecer práticas de cuidado para atender pacientes em sofrimento psíquico.

Enquanto isso, as discussões em âmbito nacional ainda continuavam sustentadas na instituição dos Núcleos de Assistência Psicossocial (NAPS),

conforme a Portaria/SNAS nº 224, de 29 de janeiro de 1992, e, após longos debates no Congresso Nacional, finalmente em 2001 as diretrizes do governo federal alinham-se com a proposta da III Conferência Nacional de Saúde Mental e o projeto de lei do deputado federal Paulo Delgado finalmente é sancionado em forma da Lei Federal 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, redirecionando o modelo assistencial em saúde mental.

A reforma psiquiátrica passa a consolidar-se efetivamente pelo trabalho dos profissionais de saúde e dirigentes estaduais do PT na época, quando então, o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, por solicitação do Ministro da Saúde José Serra, destinou recursos financeiros específicos para a rede de saúde pública e atribuiu maior sustentação e visibilidade através da atualização da Portaria/GM n.º 336, de 19 de fevereiro de 2002, que estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial e cria diversas modalidades de CAPS, de acordo com o porte e a clientela: CAPS-I, CAPS-II e CAPS-III, este último funcionando 24 horas, ou os CAPS com finalidade, como, por exemplo, o CAPS-AD – álcool e outras drogas – e o CAPS-i, específico para o atendimento de crianças e adolescentes, criado especialmente, com amparo na lei e nas deliberações da III Conferência. (PORTARIA/GM nº 336, 2002).

Desde então, os serviços de saúde mental surgiram em vários municípios do país e vão se consolidando como dispositivos eficazes em diminuir as internações, funcionando articulados com serviços do SUS - Sistema Único de Saúde¹⁹, através de uma rede de atenção integrada em serviços de saúde.

De maneira geral, os CAPS são unidades de saúde locais e/ou regionais, e contam com uma população definida pelo nível local de habitantes. Dispõem de uma equipe multiprofissional e oferecem atendimento a pessoas em sofrimentos psíquicos graves. Também é porta de entrada da rede de serviços para as ações relativas à saúde mental.

¹⁹ O SUS, instituído pelas Leis Federais 8.080/1990 e 8.142/1990, tem o horizonte do Estado democrático e de cidadania plena como determinantes de uma “saúde como direito de todos e dever de Estado”, previsto na Constituição Federal de 1988. (Ministério da Saúde, 2004).

Atualmente a entrada nesse serviço ocorre por meio de encaminhamentos da UBS (Unidade Básica de Saúde), através do programa de saúde da família, outros serviços da rede de saúde, escola e atendemos ainda demanda espontânea. Conforme a portaria acima citada, entendemos que o CAPS-i deve funcionar de maneira integrada a UBS. Em nossa prática diária observamos que devido ao grande número de encaminhamentos solicitando avaliação e muitos casos não apresentarem sintomatologia para o serviço, o fluxo correto deveria vir preferencialmente da UBS. Assim, o sujeito manteria o vínculo com a Unidade Básica de Saúde do seu território e, após a alta do serviço do CAPS-i, poderia continuar em acompanhamento no seu território. No momento essa questão está em discussão na rede de Saúde Mental do Município de Pelotas, o serviço de Promotoria Pública da cidade exige uma resposta sobre a proposta de operacionalização da assistência da criança e o adolescente da cidade de Pelotas.

No CAPS-i o responsável pela criança ou adolescente logo que chega ao serviço é acolhido por um profissional para uma escuta e, se, a criança estiver junto, ela também é ouvida. O objetivo nesse primeiro contato é compreender a situação da pessoa que procura o serviço de forma mais abrangente possível, e iniciar um vínculo terapêutico e de confiança com os profissionais do CAPS-i. Estabelecer um diagnóstico é importante, mas não deverá ser o único nem o principal objetivo nesse momento de encontro do usuário com o serviço. (Ministério da Saúde, 2004).

A partir daí é agendado o retorno da pessoa para o grupo de recepção que tem por objetivo informar sobre os tipos de transtornos que são tratados no CAPS-i e esclarecer sobre os modelos de tratamento ofertados para quem sofre com problemas psíquicos graves. Na reunião de equipe que acontece todas as quartas-feiras pela manhã são discutidos, entre outras coisas, os casos, provenientes dos grupos de recepção que precisam passar por avaliação. Após a avaliação dos psicólogos, os casos que não tem indicação para o serviço serão reencaminhados para os serviços da rede mais adequados as suas necessidades. Os casos graves, com sintomas persistentes, devem ficar sob nosso acompanhamento no CAPS-i, nesse caso, o psicólogo então, propõe um projeto terapêutico definido juntamente com o usuário, respeitando a sua individualidade e levando em consideração as

diferentes contribuições técnicas dos profissionais do CAPS-i. A questão da avaliação é uma das pautas que estão sendo discutidas dentro do grupo de profissionais do CAPS-i, como forma de qualificar nosso serviço.

Na questão do tratamento infantil, o que se observa é que existe uma demanda grande para o atendimento da família, verifica-se como sendo comum mais de um membro do grupo familiar também apresentar algum tipo de transtorno, embora não se apercebam. E, por isso, não procuram ou não aderem aos serviços disponíveis na rede, focando a “doença” na criança que já está em tratamento. Trabalhamos com alguns grupos de pais, porém de maneira fragmentada, pois é difícil a participação do casal e mesmo irmãos ou outros familiares nas reuniões. Alguns pais passam então a procurar o serviço apenas quando querem solicitar consulta médica, pedirem receitas médicas, fazer “queixa”, entre outros pedidos.

A proposta de cuidado ao portador de transtorno mental no interior dos CAPS é baseada em ações que visam a sua reabilitação psicossocial. Segundo Pitta, a reabilitação psicossocial seria um conjunto de programas e serviços desenvolvidos para facilitar a vida de pessoas com problemas considerados severos e persistentes em saúde mental, através da ênfase em aspectos mais “sadios” do organismo e vida destas pessoas, e com uma abordagem compreensiva e um suporte vocacional no potencial residencial, social, recreacional e educacional, ajustados com as demandas individuais de cada um, e dentro do seu contexto sócio-histórico-cultural. (Pitta, 1996, p. 21).

Para buscar alcançar a autonomia e a cidadania, levando em conta os aspectos biopsicossociais do indivíduo, o CAPS é o instrumento que viabiliza a relação entre a família e usuário e entre o usuário e a instituição, incentivando a participação dos familiares, dos profissionais e da comunidade nos projetos propostos, a fim de gerar uma parceria. (Ministério da Saúde, 2004).

Esse modelo assistencial é de origem italiana e ainda está sendo construído e adaptado no Brasil, desde 1986. O objetivo dos CAPS é oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. É um serviço de

atendimento de saúde mental criado para ser substitutivo às internações em hospitais psiquiátricos. Frente às demandas das relações diárias com o sofrimento e a singularidade desse tipo de atenção. É preciso criar, observar, escutar, estar atento à complexidade da vida das pessoas, que é maior que a doença ou o transtorno. Para tanto, é necessário que, ao definir atividades, como estratégias terapêuticas nos CAPS, se repensem os conceitos, as práticas e as relações que podem promover saúde entre as pessoas: técnicos, usuários, familiares e comunidade. Todos precisam estar envolvidos nessa estratégia, questionando e avaliando permanentemente os rumos da clínica e do serviço (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

1.3 Os Serviços de Atenção Psicossocial Infantojuvenil

Os CAPS-i trabalham na atenção diária, destinada ao atendimento de crianças e adolescentes gravemente comprometidos psiquicamente. Estão incluídos para o atendimento desse serviço toda criança e adolescente que, por sua condição psíquica, estão impossibilitados de manter ou estabelecer laços sociais, mas, ainda assim, possuem partes “sãs” e por isso precisam ser tratadas e acompanhadas no seu desenvolvimento.

Os dados a seguir foram retirados da página do Ministério da Saúde, 2004:

Segundo o Ministério da Saúde, a experiência acumulada em serviços de atenção psicossocial infantojuvenil, que já funcionavam segundo a lógica da atenção diária, indica que são ampliadas as possibilidades de sucesso do tratamento de crianças e adolescentes quando o atendimento tem início o mais cedo possível, devendo, portanto, os CAPS-i estabelecerem as parcerias necessárias com a rede de saúde, educação e assistência social ligada ao cuidado da população infantojuvenil.

O Ministério da Saúde reconhece que as psicoses da infância e o autismo infantil são condições clínicas, para cuja ocorrência não se conhece uma causa isolada que possa ser responsabilizada. Apesar disso, as experiências clínicas, psicológicas e educativas desenvolvidas nos serviços de atenção psicossocial

permitem indicar algumas situações que favorecem as possibilidades de melhora, principalmente quando o atendimento tem início o mais cedo possível, observando as seguintes condições:

- O tratamento tem mais probabilidade de sucesso quando a criança ou adolescente é mantida em seu ambiente doméstico e familiar.

- As famílias devem fazer parte integrante do tratamento, quando possível, pois, observa-se, maior dificuldade de melhora quando se trata a criança ou adolescente isoladamente.

- O tratamento deve ter sempre estratégias e objetivos múltiplos, preocupando-se com a atenção integral, aspectos físico-biológico, cognitivo, emocional por meio de ações de uma equipe multidisciplinar. Os profissionais devem se envolver em ações não somente no âmbito da clínica, mas também ações intersectoriais. É preciso envolver-se com as questões das relações familiares, afetivas, comunitárias, com a justiça, a educação, a saúde, a assistência, a moradia, etc. A melhora das condições gerais dos ambientes onde vivem as crianças e adolescentes tem sido associada a uma melhor evolução clínica para alguns casos.

- As equipes técnicas devem atuar sempre de forma interdisciplinar, permitindo um enfoque ampliado dos problemas, recomendando-se a participação de médicos com experiência no atendimento infantil, psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, artistas, fonoaudiólogos, assistentes sociais, para formar uma equipe mínima de trabalho. A experiência de trabalho com famílias também deve fazer parte da formação da equipe.

- Deve-se ter em mente que no tratamento dessas crianças e adolescentes, mesmo quando não é possível trabalhar com a hipótese de remissão total do problema, a obtenção de progressos no nível de desenvolvimento, em qualquer aspecto de sua vida mental, pode significar melhora importante nas condições de vida para eles e suas famílias.

- Atividades de inclusão social em geral e escolar, em particular, devem ser parte integrante dos projetos terapêuticos.

Assim as atividades oferecidas no CAPS-i²⁰ são as mesmas oferecidas no CAPS-II²¹. Esses serviços funcionam das 8h às 18h, em dois turnos, durante os cinco dias úteis da semana, podendo comportar um terceiro turno funcionando até às 21h. A equipe técnica mínima, para atuação no CAPS II, poderá atender 15 pacientes por turno, tendo como limite máximo 25 pacientes/dia. A equipe mínima deve ser composta por: um (01) médico psiquiatra, ou neurologista ou pediatra com formação em saúde mental; um (01) enfermeiro; quatro (04) profissionais de nível superior entre as seguintes categorias profissionais: psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, pedagogo, artista, ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; cinco (05) profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.

O atendimento ao paciente inclui, além de medicamentoso e psicoterapia, atendimento familiar e visitas domiciliares, bem como atendimento individual, atendimento grupal, atividades de inserção social, oficinas terapêuticas, atividades socioculturais e esportivas, atividades externas. Tais atividades devem ser dirigidas para a faixa etária respectiva. Assim, por exemplo, as atividades de inserção social das crianças devem privilegiar aquelas relacionadas a projetos na escola.

Para ser acolhida no CAPS-i, a pessoa pode procurar diretamente o serviço ou ser encaminhada pelo Programa de Saúde da Família, ou por qualquer serviço de saúde. Na maioria dos casos o sujeito é levado pela família, devendo ser acolhido em seu sofrimento, a fim de construir um vínculo terapêutico e de confiança entre o profissional e o indivíduo que procura o serviço. Posteriormente é traçado um projeto terapêutico individual, construído de forma estratégica para atender as atividades de maior interesse para ele, respeitando o contexto em que está inserido e atendendo também as suas necessidades.

O usuário nesse momento também se compromete a cooperar com o tratamento, seguindo as prescrições médicas, participando de oficinas culturais,

²⁰ Os CAPS-i são serviços de atenção psicossocial para atendimentos a crianças e adolescentes, constituindo-se na referência para uma população de cerca de 200.000 habitantes, ou outro parâmetro populacional a ser definido pelo gestor local.

²¹ Os CAPS II são os Centros de Atenção Psicossocial capazes de oferecer uma resposta efetiva às demandas de saúde mental em municípios com população entre 70.000 e 200.000.

grupos terapêuticos, atividades esportivas, oficinas expressivas (dança, técnicas teatrais, pintura, argila, atividades musicais), oficinas geradoras de renda (marcenaria, cerâmica, bijuteria, brechó, artesanato em geral) e oficinas de alfabetização, o que possibilita exercitar a escrita e a leitura, como um recurso importante na (re) construção da cidadania. O serviço oferece atividade de suporte social, grupos de leitura e debate que estimulam a criatividade, a autonomia e a capacidade de estabelecer relações interpessoais, impulsionando-os à inserção social.

Essas oficinas podem contar com a participação da família e da comunidade. São muito importantes para o processo de reabilitação e reinserção das pessoas portadoras de transtorno mental, pois produzem um grande e variado conjunto de relações de troca, reforçando os laços sociais e afetivos e proporcionando-lhes maior inclusão social. Ministério da Saúde (2004).

1.4 Breve história da criação do CAPS Infantojuvenil de Pelotas

No Rio Grande do Sul, a partir da década dos anos 1990 começam a se instituir espaços privilegiados de atenção e cuidado, através da criação dos CAPS.

Em Pelotas, o primeiro Serviço de Atenção Psicossocial foi cadastrado como Centro de Atenção Psicossocial do Castelo, em 2002. O promotor da Infância e da Juventude da cidade de Pelotas, José Olavo Bueno dos Passos, criou uma casa de resgate para abrigar e cuidar de crianças em situações de risco. Visando à reabilitação psicossocial desse público-alvo, o CAPS-i de Pelotas iniciou suas atividades em 2011.

Para conhecer como se deu esse processo de criação do CAPS-i de Pelotas, também chamado carinhosamente de CAPS Canguru, convidei a psicóloga e ex-colega de serviço Márcia Lima para uma entrevista informal, realizada no próprio serviço. A entrevista foi realizada no dia 11/05/2015 e consistiu em poucas perguntas, focadas no tema de criação do CAPS-i, tais como: Quando e como se deu o processo de criação do CAPS-i? Quais as semelhanças e diferenças entre o início do serviço e atualmente? Quais as principais dificuldades enfrentadas no processo terapêutico? As informações foram redigidas em livro diário.

Márcia, colaboradora na implantação do serviço, afirma que já havia recursos financeiros para abrir o serviço e assumir esse público.

O Ministério Público cobrava já fazia algum tempo a abertura do serviço. Técnicos que trabalhavam na rede de atenção em saúde foram designados para trabalhar no desenvolvimento do projeto do CAPS-i. Em abril de 2011 o projeto ficou pronto e então a secretária da saúde, Arita Bergmann, marcou a data de 18/05/2011 para a inauguração do CAPS-i.

A data escolhida para a inauguração do CAPS-i é também a mesma do dia da luta antimanicomial. O CAPS-i começou em uma casa alugada situada na rua Gonçalves Chaves, 3416, onde hoje funciona o Centro de Atendimento ao Autismo Dr. Danilo Rolim de Moura. Logo na instituição do serviço, o CAPS-i tinha uma boa estrutura – a casa era grande, muito bem conservada, móveis novos. O serviço começou com poucos técnicos e apenas um psicólogo.

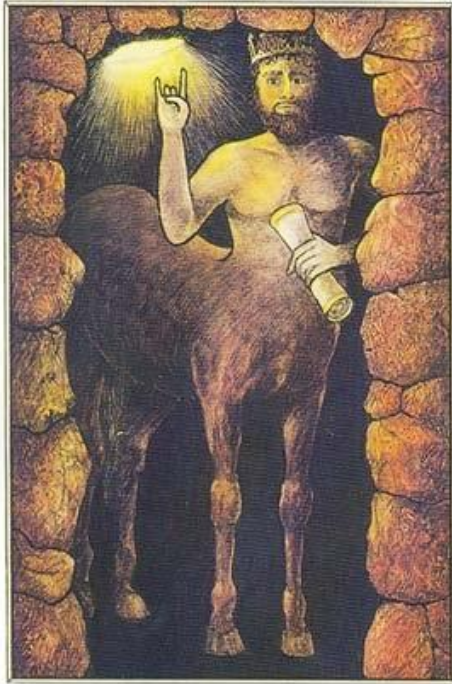
Para Márcia, uma das principais dificuldades do tratamento é a adesão ao serviço. “O que se percebe é que muitas crianças interrompem o tratamento, mas mais adiante retornam”. Observa-se que a inserção dos novos casos e os antigos que retornam ao tratamento vem contribuindo para aumentar a demanda do serviço.

O CAPS-i já esteve situado à Rua Dom Pedro II 565, em uma casa relativamente boa, porém pequena, para a demanda do serviço, com poucas e pequenas peças, espaço físico limitado e um pequeno pátio. Recentemente mudou-se para instalações mais adequadas, à Rua Andrade Neves, 1229. A nova casa está localizada numa região privilegiada central, em ótimo estado de conservação, apesar de antiga. Possui amplas salas para atendimento individual e em grupo e pátio grande, ensolarado e arborizado.

Atualmente o CAPS-i conta com três médicas: uma psiquiatra, uma clínica geral e uma pediatra; cinco psicólogos; duas técnicas administrativas; duas enfermeiras; uma técnica em enfermagem; duas assistentes sociais; um professor de educação física; uma professora de música; uma professora de arte, e uma funcionária da limpeza. Além de estagiários no serviço.

O CAPS-i faz parte dos serviços de rede do SUS (Sistema Único de Saúde) vinculado a Prefeitura Municipal e tem um convênio com a Universidade Católica de Pelotas com coordenação técnica para o serviço. É campo de estágio para os

cursos de Psicologia e Enfermagem da UCPel. Os projetos de outras Universidades precisam ser analisados pela comissão técnica e aprovados em reunião de equipe.



Aqui encontramos Quíron, autoridade espiritual. Conta o mito que por acidente Quíron, o Hierofante, foi ferido na coxa com uma das setas que havia sido impregnada com o sangue do monstro, e por mais que tentasse, Quíron não conseguiu retirar o veneno de seu corpo. Por ser imortal, foi condenado a viver em sofrimento. Recebeu a incumbência de ensinar a todos os valores espirituais e o respeito às leis divinas que devemos seguir, para entrar em sintonia com a nossa natureza animal.

Capítulo 2 – Arte, Espiritualidade e Saúde Mental: Nise da Silveira, Arthur Bispo do Rosário, Antônio Lancetti e os múltiplos modos de sentir

*... No silêncio uma catedral
Um templo em mim
Onde eu possa ser imortal
Mas vai existir ...*
(*Catedral / Compositor: Tanita Tikaran; versão Zélia Duncan*)

Entre os anos de 1946 e 1974, a psiquiatra Dr.^a Nise da Silveira desenvolveu um trabalho revolucionário com internos do Centro Psiquiátrico Pedro II, conhecido como hospício do Engenho de Dentro, RJ.

Contrariando conceitos estabelecidos da época, caracterizados pela escassa atenção que os hospitais psiquiátricos concediam aos aspectos intrapsíquicos e a aplicação de técnicas desumanas como eletrochoque, insulinoaterapia, lobotomia, confinamento, a Dr.^a Nise descobriu um meio de beneficiar os indivíduos ali internados, através de atividades que lhes possibilitassem a expressão e o resgate das suas individualidades. As técnicas expressivas utilizadas na terapêutica ocupacional, desenho, pintura e modelagem, feitas livremente, demonstraram que os internos não demoraram a apresentar melhoras clínicas.

No decorrer desse trabalho, Nise começou a observar o surgimento de temas e símbolos recorrentes que a intrigavam. Ela então resolveu reunir as obras dos internos para um estudo sobre seus significados. Observou que muitas imagens configuravam círculos ou próximas do círculo – símbolos de ordem e ordenação – semelhantes às imagens utilizadas para a meditação em religiões orientais. Nise pesquisou o significado da palavra e segundo ela:

A palavra sânscrita mandala significa círculo, no sentido ordinário dessa palavra. Na esfera das práticas religiosas e em psicologia refere-se as imagens circulares que são desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas. [...] Como fenômeno psicológico aparecem espontaneamente em sonhos, em certas situações de conflito e em casos de esquizofrenia. (SILVEIRA, 1981, p. 54).

A partir de então, surgiram algumas dúvidas sobre se esses desenhos, que foram feitos de forma espontânea, eram realmente mandalas.

Ela organizou todas as imagens e escreveu uma carta a Carl G. Jung. Nise enviou fotografias dessas imagens e perguntou se de fato tratava-se de mandalas, e a resposta não tardou.

Jung não só confirmou tratar-se de mandalas como ficou muito impressionado com o material e a convidou para visitá-lo. Quando se encontraram pela primeira vez, na casa do mestre, na Suíça, ele perguntou: “Você conhece mitologia?”

Se você não conhecer mitologia nunca entenderá os delírios de seus doentes, nem penetrará na significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique. Por isso seu estudo deveria ser matéria fundamental para a prática psiquiátrica. (SILVEIRA, 1981, p. 98).

Desse modo, confirmava-se a hipótese de Nise de que as atividades expressivas, além de possuir validade terapêutica, eram também excelente meio para o conhecimento dos processos que se desenrolam no inconsciente.

A aplicação da terapêutica ocupacional em arte e as descobertas de Jung abriram novas perspectivas para pensar as práticas psiquiátricas.

Em seus estudos a Dr.^a Nise conseguiu perceber uma semelhança muito grande entre os conteúdos emergentes do inconsciente de seus pacientes e os achados da ciência arqueológica. Isso lhe permitiu perceber a arte como promotora de transformação e renovação do indivíduo, favorecendo um processo de libertação dos conteúdos estranhos, delírios ligados à história da humanidade. Sobre essas imagens perturbadoras, dizia ela:

A arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico. Por meio de processos de abstração, o homem procura um ponto de tranquilidade e um refúgio. (SILVEIRA, 1981, p. 17).

Impressionado com o trabalho que a Dr.^a Nise realizou no hospital psiquiátrico, por meio da arte, desenhos, pinturas e esculturas produzidas pelos internos do Engenho de Dentro, o crítico de arte Mario Pedrosa escreveu no jornal

Correio da Manhã (19 mar. 1950), reconhecendo a existência de valores estéticos nas obras de esquizofrênicos. “Uma das funções mais poderosas da arte – descoberta pela psicologia moderna – é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal” (PEDROSA, apud SILVEIRA, 1981, p.14). Essa importante descoberta de que o inconsciente se manifesta por meio de atividades expressivas, através da linguagem simbólica de desenhos, pinturas ou modelagens, é um fenômeno que a ciência ainda não consegue explicar, mas abre caminhos para se avaliar os estados psíquicos em que se encontra o sujeito, pois uma das mais importantes atribuições da arte é que ela encerra significações referentes à nossa própria história existencial.

A abundante produção artística do Engenho de Dentro provocava interrogações no campo da psicopatologia e começou-se a falar em um órgão que reunisse todo esse volumoso material de importância científica e artística. Em 20 de maio de 1952 foi inaugurado o Museu de Imagens do Inconsciente²². O trabalho do Museu faz parte da história da reforma psiquiátrica no país e vem exercendo grande influência no processo de transformação dos espaços e dos métodos terapêuticos.

Pesquisadores encontram nos arquivos do Museu longas séries de pinturas, datadas e reunidas separadamente conforme seus autores. Hoje o Centro Psiquiátrico Pedro II, antigo hospício do Engenho de Dentro, é um dos maiores centros de referência na área da Saúde Mental.

Na mesma época, em meados do século XX, durante o período mais obscuro da psiquiatria, quando ainda se praticava o eletrochoque e outros métodos desumanos, acontecia em outro manicômio carioca uma forma de expressão artística que ocupava as celas do hospício Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá

²² O Museu de Imagens do Inconsciente tem como finalidade oferecer a pesquisadores condições para o estudo de imagens e símbolos de produção espontânea. O acervo é usado como base de estudos para o acompanhamento da evolução de casos clínicos. O Museu oferece atualmente atendimento clínico-assistencial através de seus setores terapêuticos e procura divulgar o conhecimento obtido ao longo de 50 anos de pesquisas desenvolvidas pela Dr. Nise e seus colaboradores. Com apoio de instituições públicas e privadas, realiza exposições, cursos, publicações e documentários que são regularmente apresentados nas principais universidades e centros de cultura do país e mesmo no exterior. O Museu é um dos mais importantes do mundo, no gênero. Conta com um acervo que constitui um “verdadeiro mapa antropológico da psique humana”. Em 2004 foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Fonte: MELLO, L. C. (org), sem data, Arqueologia da Psique. Catálogo da exposição: Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Optagraf.

no Rio de Janeiro. Muitos sacos de estopa haviam sido bordados, muitas miniaturas talhadas em madeira, envolvidas em linhas desfiadas dos uniformes manicomiais. Canecas, colheres, garfos e outros objetos eram reunidos em um arranjo próprio de criação e transformados em objetos de arte.

Até 1938, Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) trabalhava no casarão da família do advogado Humberto Magalhães Leone. Na noite de véspera de Natal desse mesmo ano, Bispo do Rosário teve um surto que durou dois dias. Dizia estar sendo guiado por imagens de anjos e vozes que, segundo ele, eram de São José e da Virgem Maria. Estava no centro do Rio de Janeiro quando foi enviado para o Hospital Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha, e em 1939 foi transferido para o hospital psiquiátrico, Colônia Juliano Moreira, repetindo a seguinte frase: “Vozes dizem para me trancar num quarto e começar a reconstruir o mundo” (LÁZARO, 2012). E foi o que fez, durante o tempo em que permaneceu internado, por mais de 50 anos. Viveu no Juliano Moreira de 1939 a 1989, porém não consecutivos. No decorrer de sua vida produziu mais de mil trabalhos. Bispo do Rosário começou a criar antes mesmo do diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Ainda quando morava no casarão da família Leone, Bispo gostava de garimpar pedaços de madeira, objetos sem utilidade, para construir carrinhos, navios, objetos diversos sobre o tema da marinha (figura 6). Dizia que era inspirado por suas memórias ex-marinheiro.



Figura 6 – Arthur Bispo do Rosário s/data
www.sescsp.org.br

Bispo do Rosário criava sua obra a partir de objetos já prontos, um pensamento bastante avançado na época, assim como a obra de Marcel Duchamp (1887-1968). A figura 7, por exemplo, é muito semelhante ao primeiro *ready made* de Duchamp (figura 8). Estava em sintonia com as proposições artísticas do século XX, sem ao menos conhecê-las.



Figura 7 – Roda da Fortuna
 Escultura em ferro, madeira e saco plástico, s/data

Arthur Bispo de Rosário
enciclopédia.itaucultural.org.br



Figura 8 – *Ready made*, 1912
Marcel Duchamp
www.portal.fae.ufmg.br

Bispo do Rosário obtinha os objetos para a sua criação no pátio do hospício, ou eram provenientes de doações, inclusive muitas pessoas o ajudavam a desfiar uniformes do hospício para obter as linhas que usava para bordar. Garrafas, embalagens, recortes, utensílios, calçados, papelão, botões, uniformes rasgados, sacolas plásticas, tudo era aproveitado. (LÁZARO, 2012).



Figura 9 – Arthur Bispo do Rosário
30ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo
revistaepoca.globo.com

Segundo Lázaro (2012), a arte de Bispo conta um pouco da história da cultura material do Brasil (figura 9). Compunha-se de objetos e utensílios usados no dia a dia, numa época em que a indústria começou seu crescimento, nos anos 70 e 80. Arte extremamente rica, organizada, que ele criava por meio de uma lógica sequencial de repetições de objetos, conforme mostram as figuras 10 e 11.



Figura 10 – Sapatos Femininos, s/data
Arthur Bispo do Rosário
www.terra.com.br



Vinte Garrafas Vinte Conteúdos
Figura 11 – Vinte garrafas vinte conteúdos, s/data
Artur Bispo do Rosário
www.proa.org

Embora Bispo tenha seguido um caminho diferente da proposta terapêutica de Nise da Silveira, ela trabalhava com as práticas expressivas das belas artes (desenho, pintura e escultura). Bispo produzia uma arte com materiais já prontos, bem à frente de seu tempo. Criava com linhas: bordados, palavras, números, signos, emblemas, estandartes. Sua composição produzia uma linguagem simbólica que representava o mundo a sua volta, além de uma representação carregada de forte carga religiosa.



Figura 12 – Manto sagrado, s/data
Arthur Bispo do Rosário
www.pinturasemtela.org.br

A espiritualidade estava presente na obra de Bispo do Rosário. Usava imagens de santos de diferentes religiões, fazia relicários. Acreditava que tinha uma “missão divina” e se dizia um enviado de Deus. Passou praticamente a vida toda bordando e costurando o “Manto sagrado” (figura 12), que dizia ser destinado para a apresentação no dia do Juízo Final. O manto era bordado com o nome de pessoas que ele acreditava serem merecedoras do céu, figuras, símbolos, signos, tudo tramado com linhas. Atribuiu a habilidade para a criação no aprendizado com sua mãe. Sobre seu talento dizia ele:

Minha mãe era tapeceira e restauradora e, por isso, eu cresci em volta da magia da agulha e da linha. Dela eu herdei esta ideia de reparação como uma parte da minha arte. Minha costura é uma ação simbólica contra o medo de ser separado e abandonado. (ROSÁRIO, apud LÁZARO, 2012, p. 27).

Esse sentimento de medo o levou a produzir uma enorme produção artística, o fez com que Bispo ganhasse reconhecimento por suas habilidades e talento artístico. Ficou conhecido no Brasil numa reportagem do jornalista Samuel Wainer

Filho para o Fantástico, da TV Globo, que foi ao ar no dia 18 de maio de 1980, um documentário do psicanalista e fotógrafo Hugo Denizart “O prisioneiro da passagem: Arthur Bispo do Rosário”. A partir daí, muitas personalidades, artistas e pessoas comuns, começaram a cultuá-lo, indo ao Juliano Moreira com a intenção de conhecê-lo. Na figura 13, Bispo está com duas de suas obras, ele veste “O Manto Sagrado” e carrega “O estandarte”, a obra foi produzida dentro de sua cela-forte dentro do hospício, em ateliê.



Figura 13 – Arthur Bispo do Rosário, década de 1980
(Foto: divulgação)

A imagem de Bispo é a expressão de sua espiritualidade. Por meio da arte, ele faz uma relação com a representação do Arcanjo Miguel – mensageiro do juízo de Deus. O arcanjo Miguel, figura 14 é portador do estandarte, e da armadura divina “é o comandante e líder do exército celestial. Padroeiro dos soldados, além de protetor de todos os cristãos”. (FONTANA, 2012, p.110).



Figura 14- Arcanjo Miguel
Óleo sobre tela s/data
Mauro Costa
www.raiossecrets.com.br

Em 1982, Bispo do Rosário expôs pela primeira vez no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro (figura 15). O crítico de arte Frederico Moraes, então coordenador de artes desse museu, legitimou sua obra como vanguardista.

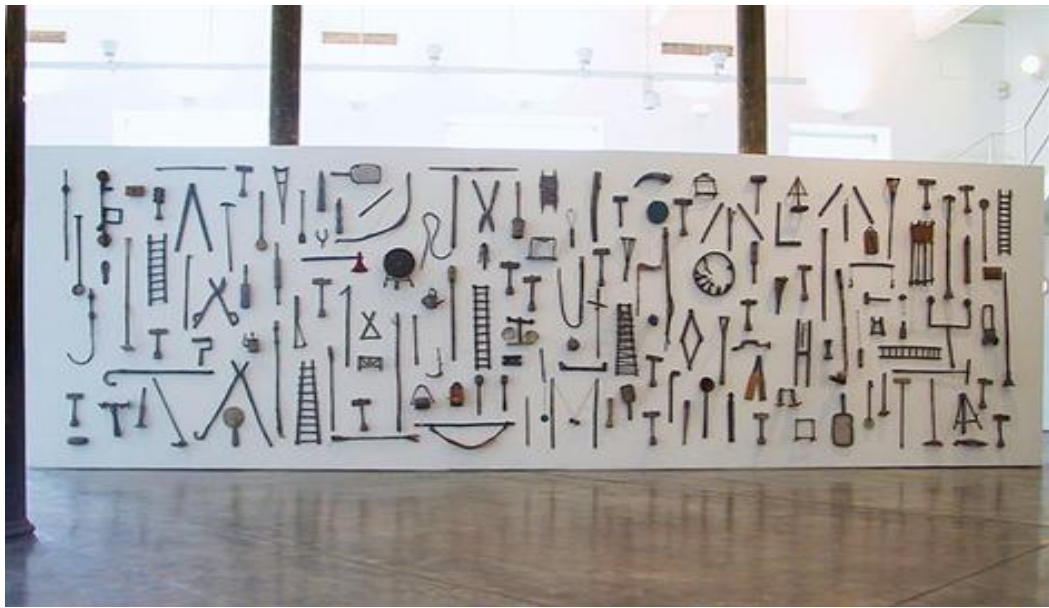


Figura 15 - Miniaturas (Tecido, fios, madeira, plástico) s/data
Museu de Arte Moderna, 1982
Arthur Bispo do Rosário

Arthur Bispo do Rosário faleceu aos 77 anos. Após a morte, sua obra foi reconhecida inclusive no exterior, na 46ª Bienal de Veneza, um dos mais importantes eventos das artes plásticas contemporâneas.

A dor de Bispo do Rosário e de Nise da Silveira, aqui é representada no mito de Quirón “O Curandeiro Ferido”, eles sofreram cada qual a sua maneira e tiveram o entendimento espiritual de acordo com a própria relação com aquilo que Deus significa para cada um, por meio da linguagem simbólica, encontraram uma maneira de transformar o sofrimento em poesia e conhecimento de mundo. Revelando histórias pessoais e significados atribuídos à vida.

A sensibilidade do psicanalista Antônio Lancetti permitiu perceber que a pulsão de vida está no coletivo.

Lancetti começou sua trajetória na psicologia formando-se em 1975, como psicanalista. Na época, na Argentina, sua terra natal, surgia uma discussão sobre as práticas de grupo. Suas experiências em instituições públicas ao enfrentar greves dos funcionários, deu origem à discussão sobre grupos operativos. Devido ao

grande número de pacientes, começou a trabalhar com grupos. Essas práticas demonstraram que os pacientes começavam a apresentar considerável melhora.

No Brasil começou a atuar na gestão da prefeita Telma de Souza, como assessor do então secretário da Saúde David Capistrano. No município de Santos, São Paulo participou como um dos líderes, da intervenção na Casa de Saúde Anchieta. Esse hospital psiquiátrico privado com fins lucrativos foi à primeira instituição hospitalar a ser fechada, pela ótica da defesa de uma sociedade sem manicômios. Uma intervenção que não se deu por bases legais, mas um movimento em conjunto de toda a sociedade. Uma intervenção técnica no hospital apontava mortes violentas, por espancamento e suicídio, provocados pela superlotação e falta de assistência aos internos, existência de celas aonde se mantinha pacientes, choque elétrico, abuso de medicação. Baseado no relatório técnico, o secretário municipal de saúde convocou a imprensa para denunciar as condições de miséria e maus tratos no hospital e a prefeita Telma de Souza resolveu decretar intervenção no hospital.

Analista institucional de orientação deleuziana, seu trabalho está muito mais preocupado com a preservação da singularidade do indivíduo do que com a imposição vertical do que é considerado "normal". Ou seja, está mais ocupada com a redução de danos do paciente sobre si mesmo, do que com a "recuperação" de pessoas segundo o enquadre normal/normatizante²³.

Atualmente realiza palestras, contando suas experimentações com crianças e jovens com vida difícil. Questiona o trabalho da psicanálise em consultório, explicando que a terapia pode ser realizada também fora desse. Destaca as práticas em grupos com objetivo de produção de subjetividade ligada à vida com valores de solidariedade para que o indivíduo possa encontrar um espaço de territorialização.

²³ Texto na íntegra em <http://www.webartigos.com/artigos/resenha-do-livro-clinica-peripatetica-capitulos-1-e-2/88265/#ixzz4McgNQMVu>

2.1 A experiência em arte do CAPS-i de Pelotas: oficinas-piloto “Caixa de Pandora” e “Minotauro”

Considerando a importância que Jung atribuía ao estudo da mitologia como fundamento para entender a estrutura básica da psique, decidi criar oficinas envolvendo essa temática.

Foi realizado no CAPS-i um projeto-piloto constituído por duas oficinas, denominadas “Caixa de Pandora” e “Minotauro”.

Participaram das Oficinas, seis crianças na Caixa de Pandora e cinco na Minotauro, meninos e meninas, em idades entre 9 e 16 anos. Os dados produzidos nessas oficinas foram registrados no livro diário, e também, por meio de fotos e gravador de voz.

O objetivo principal dessas oficinas é trabalhar a educação estética por meio das artes visuais e do corpo, para provocar uma reflexão acerca dos sentimentos experimentados através da linguagem da arte. A ideia inicial era que essas oficinas fossem incorporadas a um projeto maior, intitulado “Oficina Imagens do Inconsciente”, o que acabou não acontecendo.

Para problematizar as oficinas, questiono de que forma essas atividades, utilizando o corpo sensível²⁴, podem ser um meio de conhecimento para compreender melhor os processos que se desenrolam no inconsciente.

A terceira oficina, “Perseu e Medusa”, esta em fase de desenvolvimento e os resultados serão apresentados posteriormente, conforme a continuidade do meu trabalho no CAPS-i.

2.1.1 Oficina Caixa de Pandora

A oficina começa com a leitura do conto “O mito de Pandora”²⁵. Ficou combinado cada participante ler um parágrafo.

²⁴ São as percepções experimentadas por meio do nosso corpo através dos sentidos – visão, tato, olfato, paladar, audição.

²⁵ O conto pode ser lido na íntegra em *As melhores histórias da mitologia* (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2012).

Segundo o mito, Pandora foi um presente que Júpiter enviou a Epimeteu, com a intenção de se vingar de seu irmão Prometeu que tinha roubado o fogo do céu para levá-lo aos homens. Júpiter havia ordenado a Vulcano, um artífice, que criasse uma nova criatura, uma parelha para o homem. Com a ajuda da deusa Minerva, Vulcano criou a primeira mulher, uma jovem linda e encantadora. Antes de enviar Pandora ao seu destino, Júpiter entregou a ela uma caixa dourada ricamente trabalhada em arabescos, mas alertou-a que não deveria abri-la em hipótese alguma. Quando Pandora chegou para Epimeteu, foi muito admirada por sua beleza. Entusiasmado, Epimeteu deixou-a em seu quarto, juntamente com a caixa. Não contendo mais seu desejo e curiosidade, Pandora ergueu a tampa e nesse momento começou a escapar um vento forte que imediatamente ia tomando formas assustadoras: uma caveira volátil passou bem perto de seu rosto. A pobre moça teve muito medo. Depois surgiram vários rostos deformados que se erguiam da caixa como se fossem o retrato horrendo da doença. Depois de soprar sobre seu rosto o bafo doentio das febres, Pandora teve o desgosto de ver personificados todos os vícios que viriam a acometer no futuro a alma humana. A inveja lhe apareceu sob a forma de uma mulher velha com cabelos prateados como teias de aranha que esvoaçavam no ar. A gula estava personificada em uma mulher com banhas e graxas que sacudiam caindo umas por cima das outras, em grossas camadas. Pandora, embora aterrorizada com o que via, não conseguia fechar a caixa. Enquanto rastejava para alcançá-la, sentia rodopiar em cima de si uma legião de demônios – a avareza, a arrogância, a crueldade, o egoísmo, todos os vícios e defeitos humanos dançavam uma ciranda infernal, até que Pandora conseguiu finalmente fechá-la. Mas o mal já estava feito. Percebendo que nada ficara lá dentro, olhou ainda mais uma vez para o fundo da caixa fatídica. Um rosto maravilhosamente belo e eternamente jovem a observava do fundo da caixa. “Quem é você?”, disse Pandora, ainda temerosa. “Eu sou a esperança”, disse simplesmente o belo rosto. Foi carregando esse maravilhoso presente que Pandora se apresentou diante dos homens.

Durante a leitura uma adolescente interveio, associando “Pandora” a “Eva do Paraíso”. A garota (15 anos) que estava lendo disse que “Eva” não era da religião

dela e por isso não poderia pronunciar a palavra. Tentei desconstruir a ideia dizendo que cada religião coloca nomes diferentes para seus deuses. Ela continuou dizendo que não acreditava em Deus e odiava sua madrasta porque ela estava com seu pai, por isso ele não a procuraria mais. Nota-se que o ódio e o ciúme são sentimentos presentes, vivenciados pela garota. A família da menina vive em situação de grave violência doméstica.

Outra garota demonstrou sentimento de surpresa pelo fato de todos os males escaparem quando Pandora abriu a caixa, e só restou no fundo da caixa a esperança. Refletimos sobre a importância de ter esperança quando tudo parece estar perdido. “Eu tenho esperança de que tudo melhore!” (G., 12 anos). Perguntei se estava incomodada com alguma coisa, ao que respondeu: “Eu não quero mais tomar remédio! eu não gosto de tomar remédio!” (G., 12 anos). F., (16 anos), revela: “Eu tenho esperança de ser ‘normal’”. Perguntei: “O que é ser normal?”. Disse: “É não ser louco!”. “E o que é que louco faz?”. “Louco faz xixi nas calças, louco mata, louco foge de casa”. W., 10 anos, complementa: “Eu tenho um capetinha dentro de mim, quando eu fico nervoso eu não consigo me controlar e bato!”

Deixar surgir uma conversa entre eles sobre essas questões importantes produz saberes e uma sensibilização para a realidade do grupo, faz com que analisem suas próprias realidades.

No segundo momento, apresentei duas imagens produzidas por artistas desconhecidos do universo acadêmico (figuras 16 e 17). J., 11 anos, relacionou as imagens com a caixa do deus da guerra, jogo de *Play 2*, “cor azul, poder, e cor vermelha, sangue”.



Figura 16 – A caixa de Pandora

Fonte: <http://nepo.com.br/wp-content/uploads/2013/09/a-caixa-de-pandora.png>



Figura 17 – Caixa de Pandora

Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_jqxCOAjzck/S-7H6boCFRI/AAAAAAAAAW0/jbp5j-b7FT0/s320/pndrbx.jpg

Perguntei se pelas características do ambiente, poderiam identificar se as imagens são reais ou imaginárias. Algumas crianças disseram que achavam que não podiam ser reais; outra disse: “Existem lugares que têm muitos tesouros, as pessoas escondem e vão buscar quando precisam” (J., 11 anos). “Uma vez eu tinha um tesouro e escondi, lá, bem lá longe!” (M., 10 anos). Eu disse a eles que o amor das pessoas é o nosso maior tesouro, eles ficaram olhando com expressão de espanto. Mediar para construir valores afetivos é importante para que eles possam valorizar os sentimentos e refletir sobre as relações.

Sugeri que produzissem a caixa de Pandora. Algumas crianças preferiram trabalhar a imaginação com a argila (figura 18), outras disseram que não gostam de argila e preferiram desenhar (figura 19).



Figura 18 – Cerâmica Caixa de Pandora
Foto: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 19 é um desenho produzido por um garoto de 10 anos. Representa seres com asas que se parecem com anjos. Despertando a imaginação, indicando que seres encantados, fadas e histórias mágicas fazem parte de seu universo infantil.



Figura 19 – Desenho Caixa de Pandora
Foto: Maria Stella Martinelli, 2015

Análise e discussão a respeito da oficina Caixa de Pandora

Além das produções do tema, surgiram as subjetividades; fizeram além das caixas, também outras formas, tais como animais e representações de si mesmos, visualizados na imagem da figura 20.



Figura 20 – Cerâmica, oficina Caixa de Pandora
Foto: Maria Stella Martinelli, 2015

As diferentes maneiras com que se relacionaram com a argila fizeram com que algumas crianças construíssem e desconstruíssem sua produção, enquanto outras, de modo semelhante ao que Bispo fazia, construíram sucessivamente, “Arthur Bispo do Rosário montou uma estratégia de sobrevivência através da ocupação produtiva que também se constituiu em seu diálogo com a instituição” (LÁZARO, 2012, p. 175). Qualquer objeto ou peça era motivo para Bispo produzir, e assim encontrava motivos para sobreviver ao seu sofrimento. O mesmo acontecia no ateliê de Nise: as imagens criadas por seus pacientes “revelam o curso que os processos psíquicos estão seguindo em busca de saída para a situação conflitiva” (SILVEIRA, 1981, p. 130). Esses processos de subjetivação, por meio da linguagem simbólica, permitem contextualizar o momento vivido e experimentar sentimentos envolvidos nas relações.

Pode se concluir que essa oficina trouxe muitas falas de sofrimento vivenciado por algumas crianças e outras, ao contrário, embora vivendo seus conflitos, se permitiram experimentar a fantasia e o mundo imaginário, algumas expressaram desejos de mudanças e esperança de dias melhores.

2.1.2 Oficina Minotauro



Figura 21 – Teseu e o Minotauro
Antônio Canova, 1781- 1783

A oficina começa com uma criança lendo o conto “O mito Teseu e o Minotauro”²⁶.

Teseu foi um dos heróis mais famosos da Grécia, aqui está representado na imagem da escultura de Antônio Canova (figura 21). Seu maior feito foi a batalha

²⁶ O texto pode ser lido na íntegra no livro *As melhores histórias da mitologia* (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2012).

que travou contra o Minotauro, um monstro terrível que tinha tronco e cabeça de touro e o restante do corpo sob a forma humana, vivia num labirinto e se nutria de carne humana. O rei Minos cobrava um tributo aos habitantes de Atenas: todos os anos, sete rapazes e sete donzelas deveriam ser lançados ao labirinto. Cansado desse jogo, Teseu se dispôs a ir para o labirinto no lugar das quatorze vítimas. Depois de navegar por vários dias, a embarcação finalmente atracou nas terras do rei Minos. Ariadne, a bela filha do rei, ficou fascinada com a ousadia do jovem para enfrentar o Minotauro, ofereceu-lhe um novelo de lã. Inicialmente Teseu não entendeu, mas a bela explicou que à medida que fosse adentrando no labirinto deveria ir soltando o fio no chão, a fim de marcar o caminho, do contrário nunca mais retornaria. Quando o jovem começou a avançar no labirinto, lembrou-se do presente que a bela Ariadne lhe dera na noite anterior. Já no interior do labirinto ouviu um ruído pavoroso, misto de mugido e de grito, que ressoou por todo o labirinto. O jovem começou a avançar e quando encontrou a fera, desferiu um golpe mortal no coração do terrível monstro. Teseu derrotou o monstro e saiu do labirinto seguindo o fio do novelo. Ao retornar a Atenas soube da morte do pai, o que roubou ao herói o prazer da vitória. Com a morte do rei, Teseu acabou herdando a coroa e se tornou o rei de Tebas.

Após a leitura, disse a eles que estava à disposição para esclarecer as dúvidas e pedi que cada um falasse um pouco sobre o que entendeu. Todos fizeram um fechamento diferente da história, então, resumi o conto, contextualizando com duas imagens. Expliquei que a imagem se trata de uma escultura feita em pedra de mármore por um artista bastante conhecido chamado Antonio Canova, a obra é muito estudada na História da Arte. E a outra imagem, é um desenho retirado da internet feito por outro artista, porém, pouco conhecido no universo da arte, abaixo (figura 22).



Figura 22 – Teseu e o Minotauro

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_ph6FpunA7YI/TA5nx0ETuQI/AAAAAAAAAM0/jm7mV2gn1AM/s320/teseu.jpg

Perguntei que diferenças e semelhanças viam entre as duas imagens, e que personagens da história conseguiam identificar nessas imagens. Um garoto associou a imagem do Minotauro e do labirinto com os jogos da internet, citou dois deuses da mitologia: “no meu jogo Posêidon (Netuno) é o deus dos mares, e Marte, o Deus da guerra. (J., 11 anos). Para compreender essa relação que o garoto fez entre Posêidon e o labirinto busquei a origem do mito:

O mito do labirinto de cossos, em Creta, é uma complexa história simbólica sobre as consequências da transgressão humana. Posêidon, fez surgir um touro do mar para provar que Minos reinava por vontade divina. Minos havia prometido a Posêidon sacrificar o touro depois disso, mas não o fez, o deus do oceano, então, fez a esposa de Minos, Pasífae, apaixonar-se pelo touro. Sob o comando dela, o arquiteto real Dédalo construiu um curral, onde a rainha teve relações sexuais com o animal, engravidou e deu à luz a Minotauro, monstro metade touro, metade homem, que se alimentava de

carne humana, furioso e horrorizado, Minos ordenou a Dédalo que construísse um emaranhado de túneis de onde o minotauro nunca pudesse escapar – um Labirinto (Fontana, p.125).

Na psicologia, a representação do monstro do Minotauro simboliza nossos sentimentos de medo e ansiedade, o labirinto é símbolo de repressão de nossos desejos, os caminhos os quais traçamos para construir nossas relações. São sentimentos experimentados por nós, devido a nossa natureza primitiva e animal.

Após o garoto contar sobre seu jogo, convidei o grupo para ir ao pátio fazer uma atividade, expliquei a dinâmica do trabalho e, antes, mostrei a eles algumas imagens de labirintos encontradas nas páginas 124 e 125 do livro *A linguagem dos símbolos*, (2012).



Figura - 23 Oficina Minotauro
Foto Maria Stella Martinelli, 2015

Enquanto visualizavam as imagens do livro (figura 23), perguntei se consideravam Teseu um herói por ter vencido o monstro do Minotauro. Não souberam responder. Então perguntei se saberiam dizer quais as características que precisamos ter para sermos considerados como herói, alguns continuaram sem responder, outros falaram sobre não ter medo.

Sugeri, a eles, escolher aleatoriamente uma criança para que, de olhos vendados, segurasse um cordão para se deslocar da sala de arte até o pátio, (figuras 24 e 25), enquanto as outras crianças estariam no pátio desenhando com giz um labirinto no chão (figuras 26 e 27). Todos ficaram empolgados e cada uma teve sua vez, como mostra as imagens abaixo, fazendo o percurso de olhos vendados até chegarem ao pátio.



Figura 24 Oficina Minotauro
Foto Maria Stella Martinelli, 2015



Figura 25 – Oficina Minotauro, 2015
Foto: Maria Stella Martinelli

As crianças que já estavam no pátio demonstraram muita criatividade ao desenharem seus labirintos, utilizando linhas e símbolos para construir os caminhos, enquanto desenhavam falavam em passagens secretas, armadilhas, etc.

Observa-se que o processo de criação possibilitou um trabalho não apenas envolvendo o gesto, mas colocando o corpo todo em movimento, produzindo um diálogo harmonioso com a mente. O processo acontecia intuído pelos sentidos, conforme visto nas imagens, uma manifestação harmoniosa de nossos instintos primitivos observados na relação com o corpo (figura 24,25,26).



Figura 26 – Oficina Minotauro, 2015
Foto: Maria Stella Martinelli

Observa-se que alguns labirintos foram criados de forma mais simples, outros mais complexos, utilizaram, além dos símbolos a escrita, como mostra o desenho da figura 27. Os tamanhos dos labirintos também variaram bastante, entre espaços pequenos e grandes.



Figura- 27 Oficina Minotauro, 2015
Foto Maria Stella Martinelli

Análise e discussão a respeito da oficina Minotauro

Quando questionei sobre as sensações de percorrer um caminho sem enxergar, as reações foram as mais diversas: “Eu fui me batendo nas coisas, empurrando... bati numas pessoas... e teve uma hora que eu fiquei perdido não sabia que lado eu tinha que ir” (W.,10 anos). Para alguns psicólogos “o labirinto representa a jornada da vida, com seus becos sem saída, obstáculos, decisões equivocadas, escolhas difíceis e reviravoltas” (FONTANA, p.124). Nota-se que são questões que podem ser associadas à vida. Elas falaram sobre os objetos em que esbarraram no caminho, as dificuldades de chegar ao destino. “Eu fui tocando nas coisas” (I.,14 anos). Umas crianças percorreram o caminho com coragem,

enfrentando os obstáculos, outras foram mais cautelosas e cada uma expressou-se a sua maneira.

Divertiram-se muito ao criarem histórias de bravura e fantasiaram: “Fiquei com medo do Minotauro me pegar!” (F., 10 anos); “Fiquei com medo de ficar cega” (V., 14 anos); Perguntei se conseguiam entender a importância do personagem da Ariadne que ofereceu a Teseu um fio de lá. “Foi importante para ele não se perder” (W., 10 anos). Expliquei a importância de aceitar a ajuda do outro, de ajudar e ser ajudado para encontrar a melhor solução para o problema, entender que ninguém consegue uma grande vitória, sozinho, mas, sim precisamos da ajuda do outro.

Perguntei se já haviam feito algum ato de bravura, inicialmente disseram que não, mas continuei e perguntei novamente: E se a pessoa estiver em perigo? Um garoto (W., 10 anos) disse que conhecia uma pessoa cega e já tinha ajudado ela a atravessar a rua. Disse ao garoto que esse foi um ato de bravura, pois os heróis são aqueles que ajudam quem precisa ou que está em perigo.

Falamos sobre a importância de tentar se colocar no lugar do outro, para procurar entender aquilo que o outro está sentindo diante de uma dificuldade, saber ser solidário, pois tem muita gente que precisa de nossa ajuda. Assim como na história, em que o herói foi corajoso ao decidir ajudar seu povo a livrar-se do terrível monstro, nós também precisamos de muita coragem para enfrentar os nossos medos, para superar nossas dificuldades ou para ajudar as pessoas que precisam.

Esse diálogo entre sentimento e pensamento se constrói por meio da educação da sensibilidade, na relação com o corpo. Como afirma Duarte Jr.

Apesar de ultimamente algumas correntes psicoterapêuticas estarem se dedicando a um trabalho também corporal com seus pacientes, elas ainda constituem uma minoria, preservando-se a célebre dualidade cartesiana na grande maioria dessas especialidades. (DUARTE JR., 2010, p. 17).

Nota-se que o trabalho corporal amplia nossas capacidades humanas. Por meio da arte não ficamos restritos ao aprendizado apenas pela lógica da razão, A educação do corpo sensível amplia nosso conhecimento de mundo nos faz sentir e refletir sobre os nossos afetos e conflitos internos. Esse aprendizado do corpo, fundamental para nossa felicidade acontece quando produzimos sensações no nosso corpo.

Desse modo, a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentidos e percepções acerca da realidade vivida. (DUARTE JR., 2010, p. 23).

A oficina Minotauro mostrou que os contos mitológicos podem ser trabalhados também através da linguagem do corpo para estimular os processos mentais. Experimentar diferentes sensações de forma lúdica é uma maneira de desenvolver processos psicomotores, cognitivos, afetivos e psicológicos. A mitologia explorada através da Arte, por meio do corpo sensível, promove a ativação de processos inconscientes, durante o desenvolvimento do trabalho foi possível perceber a expressão de sentimentos, medos e desejos que começam a se manifestar de maneira mais consciente e que podem ser trabalhados com o apoio de um psicólogo.

2.1.3 Análise conclusiva a respeito das oficinas com tema mitológico

As oficinas confirmam as afirmações de Nise da Silveira de que os temas mitológicos oferecem um vasto campo para explorar os processos intrapsíquicos.

A experiência em Arte com a linguagem mitológica mostrou que os processos do inconsciente além de poderem ser estudados por meio dos desenhos espontâneos, como veremos no próximo capítulo que trata da “Oficina Imagens do Inconsciente”, também podem ser investigados por meio das atividades corporais utilizando essa temática. As oficinas se revelaram como práticas de educação do sensível importantes para a promoção de saúde mental.

Ao trabalhar o indivíduo na sua totalidade, corpo e mente e espírito, a temática pode ser explorada também nos trabalhos psicoterapêuticos. Os métodos psicoterapêuticos, segundo Jung, não dependem de roteiros ou regras técnicas, mas é um trabalho difícil que requer criação e leituras mais amplas. “Será preciso conhecer mitologia, história das religiões, história da civilização e da filosofia, psicologia dos primitivos. Tudo isso faz parte do equipamento do psicoterapeuta.”

(SILVEIRA, 1981, p.98). Os estudos e pesquisas que privilegiem esse campo de conhecimento poderão ajudar a criar novos métodos de trabalho para a promoção de saúde mental, além de, uma melhor compreensão de como se desenrolam os processos do inconsciente.



A carta da Lua sugere buscar a consciência e seguir em outra direção. É a experimentação e a compreensão do mundo inconsciente, o encontro com o “eu” que serve para revelar aquilo que estava invisível e submerso nas profundezas, para enfim encontrar a própria identidade.

Capítulo 3 – Metodologia

*Como a lua que dá voltas pelo céu
E mexe tanto com o presente quando ausente.
Eu sei (eu sei). Eu sei (eu sei). Eu sei (eu sei).
Não sou vidente, mas sei o rumo do seu coração
Permita que o amor...
(Da Gama e Toní Garrido)*

Para investigar as relações afetivas entre os usuários do CAPS-i e suas mães, e os problemas que se apresentam como produtos dessas relações, a pesquisa se constituiu num campo cartográfico de observação, participação, intervenção e acompanhamento de processos.

O método da cartografia é uma proposta nova, que surgiu com o pensamento de Giles Deleuze e Felix Guattari. Nos anos de 2005 e 2007, um grupo de professores, pesquisadores e alunos da graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diante de inquietações referentes aos problemas metodológicos que surgem nas práticas de acompanhamento processual, e afinado com o pensamento de Deleuze e Guattari, organizou seminários de pesquisa e criou o livro *Pistas do método cartográfico*.

“Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexões em redes ou rizomas” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, v. 1, p. 10). As autoras comparam o método da cartografia ao rizoma. Uma multiplicidade de relações surge quando se trabalha de modo processual – criam-se novas conexões, pontos de investigações se cruzam, se encontram, se aproximam e/ou se afastam, são como linhas de fuga. As diferentes espécies, os diferentes profissionais, os diferentes sujeitos fazem rizoma em espaços de territorialização. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial, ramificada em todas as direções, até suas

concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22), não visíveis, mas que se ramificam e produzem novas problemáticas. Movimentos e deslocamentos para outros pontos estabelecem novos círculos de convergência, apontam para novas investigações. Em outras palavras: a pesquisa cartográfica não funciona de modo mecânico, automático, não é um sistema fechado, mas sim aberto a novas experimentações.

Inicialmente podemos pensar que um sistema aberto a novas experiências pode fazer com que percamos o foco da investigação. Então, como nos orientarmos frente aos novos problemas que surgem no decorrer da pesquisa?

O diário foi o elemento fundamental nesta pesquisa. No diário de campo eu traçava o itinerário dos próximos encontros; anotava o tempo das atividades, anotava interesses, tanto meus quanto do grupo, a cerca das atividades que poderiam ser realizadas, anotava o que eu achava pertinente conversar com o grupo, anotava a lista de materiais a serem utilizados nos próximos encontros, anotava nomes de músicas para a dançaterapia, anotava os gestos e as atitudes durante as oficinas. Além dos meus pensamentos em relação ao grupo, “devo trabalhar com eles uma relação mais sensível com o corpo, para que expressem um gesto mais delicado. Orientar o movimento do corpo para entrar em sintonia com a música que toca, refinar a sensibilidade do ouvido” (anotação em diário de campo do pesquisador).

Barros e Kastrup enfatizam que a experiência de campo é enriquecida pela escrita do diário, quando inclui:

As contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto. Não é necessário que as conclusões constituam todos fechados e homogêneos, nem é desejável que estas sejam meras confirmações de modelos teóricos preexistentes. As aberturas de um trabalho de pesquisa abrem linhas de continuidade, que podem ser seguidas pelo próprio pesquisador, ou por outros que sejam afetados pelos problemas que ele levanta. Em síntese, a expansão do campo problemático de uma pesquisa ocorre por suas conclusões, mas também por suas inconclusões. E é através dos textos que um novo problema ou uma nova abordagem dos problemas pode se propagar e produzir efeitos de intervenção num campo de pesquisa, transformando um estado de coisas (KASTRUP, 2008b, apud PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, v. 1, p. 72).

Ao registrar no diário os problemas que se apresentam durante a pesquisa o pesquisador entende o processo como uma construção coletiva do conhecimento, em que as implicações tanto do grupo como do pesquisador se constituem em um território real. Deleuze e Guattari, nas palavras de Carlos Castañeda, dão um exemplo bastante valioso para o acompanhamento de processos.

Primeiro caminhe até sua primeira planta e lá observe atentamente como escoar a água de torrente a partir deste ponto. A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água escavou, assim conhecerá a direção do escoamento. Busque então a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da tua. Todas aquelas que crescem entre duas são para ti. Mais tarde, quando estas últimas derem por sua vez grãos, tu poderás, seguindo o curso das águas, a partir de cada uma destas plantas, aumentar teu território. (1995, p. 29).

O território escolhido para a investigação da pesquisa foram as oficinas de arte do CAPS-i da cidade de Pelotas. Minha experiência com as crianças nas oficinas trazia um questionamento quanto às angústias e as queixas das mães frente aos transtornos psíquicos dos filhos. É visível no trabalho com crianças no CAPS-i que elas têm muitas carências afetivas. Em se tratando de transtornos mentais não é raro o conflito familiar. Não é somente a criança que sofre com os problemas psíquicos, a família também somatiza e principalmente a mãe. Os relacionamentos se tornam conflituosos e acabam por gerar uma série de outros problemas relacionados à saúde e afetos.

Sentia a necessidade de conhecê-las melhor, pois na oficina de arte o contato fica restrito apenas com a criança e/ou adolescente. Com as mães eu tinha apenas conversas rápidas, na recepção do serviço, ou quando pedem para falar comigo sobre alguma necessidade específica. O único contato com as mães era durante o acolhimento.

Nessas práticas de acolhimento percebi na fala das crianças e dos pais inúmeros sofrimentos: as crianças sofrem por motivos de ciúme de padrasto ou madrasta; é comum a mãe não aceitar o sujeito em crise, ele é classificado como “louco”, as famílias vão se desestruturando, ocorrem muitas brigas, devido ao uso de álcool ou drogas; o *bullying* é frequente na escola.

É fato que os problemas sociais estão sendo influenciados também pela mídia, que por sua vez desenvolve pouquíssimas ações para diminuir a violência social. A vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ‘ossifica-da’ por uma espécie de padronização dos comportamentos. (GUATTARI, 1993, p. 7). Cenas de violência, vistas livremente, influenciam negativamente nossas emoções. Há relatos no acolhimento de imagens de garotas cortando os braços. Fiz o registro em meu livro diário (figura 29) sobre imagens de suicídio, o registro também foi feito pelo psicólogo no prontuário de atendimento, revelando as implicações dessas imagens da internet como incentivadoras de comportamentos. São cenas reais reproduzidas pela mídia que promovem na cultura de massa valores invisíveis e dissimulados por meio de imagens, algumas completamente inadequadas, que podem ser encontradas em todos os níveis de produção e consumo. Uma produção de subjetividade que, segundo Suely Rolnik, é produto da poderosa máquina capitalística que “produz, inclusive, aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante” (Guattari.F; Rolnik.S; 2011, p.22) Essa produção de subjetividade manipulada pela mídia vêm contribuindo muito para desencadear patologias graves. Cenas com forte carga emocional, tais como, garotas cortando o corpo e imagens de suicídio, é a nova modalidade de produção de subjetividade modelada. Conforme registrado em meu livro diário, figura 28, “... Vi o vídeo daquela garota se suicidando, eu só pensava naquela guria. Tenho medo de morrer” (I. P, 14 anos).

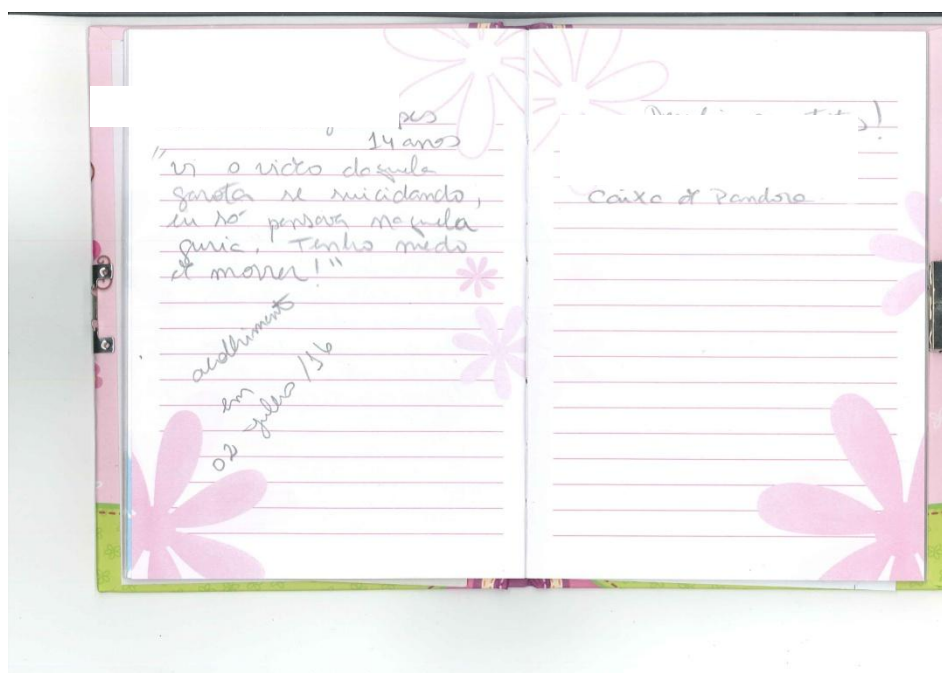


Figura 28 Diário da pesquisadora

Em avaliação com a psicóloga do CAPS-i, I. P 14 anos “relata que via vídeos sobre suicídio e sentiu vontade de fazer também por raiva, essa raiva foi motivada pelo *bullying* que sofria na escola” (registro em prontuário da menina em 08/09/2016).

Essas imagens, altamente prejudiciais ao público infantil e adulto, afeta especialmente as pessoas mais fragilizadas psicologicamente, são imagens vistas livremente e vem colaborando para que problemas psicológicos se transformem em problemas psíquicos graves.

Em vista de todos esses fatores sociais citados acima, além de outros, cujo, as causas não conseguimos explicar com certeza, observa-se um aumento na procura pelo serviço, aumento no uso e nas quantidades de consumo de medicações, em idades cada vez mais precoces. Um problema grave de saúde pública infantil, já que esses medicamentos psicotrópicos, por motivos éticos, não são testados em crianças e por isso não se sabe a segurança do seu uso em longo prazo. Mas, infelizmente, em casos graves, é necessário seu uso.

Para produzir subjetividades que promovam a saúde mental, busquei através das oficinas de arte fazer uma aproximação entre a família e o usuário do serviço.

Por isso, convidei um grupo de mães, crianças e adolescentes para participar da pesquisa.

Inicialmente, tentei constituir um grupo-pesquisador (o que não se constituiu, conforme veremos mais adiante). A ideia inicial era de que conteúdos inconscientes ou relatados pudessem ser explorados.

Segundo o Professor Gauthier (2012), esses conteúdos se expressam por meio do corpo todo, no gesto, no olhar, no toque. Para promover esses saberes que não são da lógica da razão, mas da ordem do corpo sensível, idealizei um estudo a partir de diferentes linguagens artísticas. Entretanto, na prática me deparei com alguns problemas ao tentar realizar a oficina com a metodologia sociopoética. A escrita do trabalho me colocou diante de erros metodológicos. A sociopoética não é fácil de ser trabalhada. Gauthier explica que existem dois tipos de barreiras que proíbem o conhecimento de si.

As psicológicas, que a psicanálise (o acesso crítico ao inconsciente) ajuda a levar, as espirituais, que disciplinas de crescimento permitem superar. Sem saber exatamente de que se trata (existem mistérios na vida!), eu sei – verifiquei pela experiência e pela prática – que a sociopoética mexe com esses dois aspectos. (2012, p. 42).

Senti na pele a responsabilidade do facilitador: não é uma tarefa fácil conduzir um grupo numa direção de entrega total à pesquisa. É preciso desbloquear situações de fuga para deixar livre a expressão de conteúdos sem censura, sem racionalizar, sem ter tempo de refletir. O papel do facilitador é importante.

Ao saber trazer as condições para que se institua um coletivo responsável e autogerido, onde as relações de poder, saber e desejo sejam as mais visíveis e compartilhadas possíveis; ao saber estudar os dados produzidos, procurando o inconsciente do grupo-pesquisador; ao saber organizar a análise crítica, no seio do grupo, tanto desses dados como do estudo elaborado por ele próprio. Ao saber desbloquear situações de fuga frente à exigência do conhecimento. A depender das pesquisas, o facilitador pode intervir no sentido de trazer inquietações frente a eventuais consensos fáceis e favorecer a análise de aspectos escondidos ou recalcados. De fato, é bom participarem dois ou duas facilitadores/as, pois não é simples, ao mesmo tempo, cuidar do bom desenvolvimento da pesquisa e observar o que acontece no grupo pesquisador. (GAUTHIER, 2012, p. 78).

Eu mesma já participei de grupos que trabalham com proposta semelhante, no Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière²⁷, e me deparei com essas barreiras às quais o autor se refere. O que posso dizer pela (pouca) experiência nesses grupos é que não é fácil atingir esse nível mais elevado de percepção, o encontro com o mundo inconsciente, aquilo que Gauthier denomina de “estado espiritual de desperto da consciência”. Por mais que o facilitador proponha um bom relaxamento, depende também do copesquisador estar aberto à proposta de entrega na pesquisa.

Para dar início à pesquisa sociopoética é importante um bom relaxamento, semelhante àquele praticado por Freud, em que o paciente deve entrar num estado próximo do sono, expressando tudo o que lhe passa pela cabeça. O Professor Gauthier se interessou em utilizar outras técnicas, por entender que suas experiências com disciplinas orientais, tais como, o Tai Chi Chuan, ioga, entre outras, promovem movimentos que tornam as energias corporais mais fluidas e flexionam o pensamento, para a integração do ser ao se relacionar com a emoção e o pensamento.

Para criar a minha oficina, a técnica de relaxamento escolhida foi a dançaterapia, aliada a exercícios de respiração, por entender que a dinâmica corporal da dança favorece essas relações, mas na prática achei difícil chegar a estados mais intuitivos de consciência.

Nesse sentido, a produção dos dados da pesquisa ficou comprometida para uma metodologia sociopoética, que pretendia a exploração de um inconsciente coletivo do grupo-pesquisador. A escrita da pesquisa, então, me levou a percorrer caminhos processuais de investigação de subjetividades, que se deram dentro de um território de práticas artísticas inventadas para o contexto da saúde mental. A produção de dados ocorreu por meio das oficinas com os grupos, e a metodologia foi desvelando-se em cartografia.

²⁷ Instituição privada há 20 anos atuando em Porto Alegre. Desenvolve uma abordagem transdisciplinar de ensino, pesquisa e produção de conhecimentos, priorizando trabalho com grupos e instituições para aprimorar a qualidade de vida e saúde. Oferece cursos, seminários, oficinas, palestras, atendimento psicoterápico, terapêutico e multifamiliar, psiquiátrico e nutrição clínica. Informações no site: www.pichonpoa.com.br.

3.1 Visitas aos centros de referência em saúde mental do Rio Grande do Sul

Para conhecer as práticas atuais de saúde mental no Rio Grande do Sul, visitei quatro instituições públicas: CAPS-i da cidade vizinha de São Lourenço do Sul e Centros de Referência em Saúde Mental da capital, Porto Alegre – Hospital São Pedro, residenciais terapêuticos, Hospital Forense.

As observações foram realizadas em 2015. Como as visitas foram breves, foi possível apenas ter uma pequena ideia das práticas existentes na área da saúde mental, além do mais, não consegui observar meu campo específico, as oficinas de arte para o público infantojuvenil.

A visita ao CAPS-i de São Lourenço foi feita juntamente com a colega de trabalho, enfermeira Naiana de Oliveira, que fazia coleta de dados para sua pesquisa de doutorado. Nas visitas a Porto Alegre eu estava acompanhada por uma equipe técnica maior, formada por diferentes profissionais que atuam nos CAPS e também a gerente geral de saúde mental Cynthia Yurgel, todos de Pelotas.

3.1.1 Visita ao CAPS-i São Lourenço do Sul

Observei algumas práticas de cuidado e atenção com as crianças, porém como foi uma visita de apenas um dia temo que esta análise possa ser superficial. A casa que oferece o serviço é antiga e com estrutura bastante precária, com poucas salas para o atendimento. A maior sala é o refeitório. Existe um pátio grande, mas este não oferece condições adequadas para o trabalho, inclusive existe um muro em risco de desabar e um barranco que oferece risco de as crianças se machucarem.

As crianças chegam ao CAPS-i pela manhã e tomam café; nos outros períodos fazem igualmente as refeições. O CAPS-i até esse momento não trabalhava com oficinas terapêuticas de arte. As práticas concentram-se basicamente em consultas médicas, atendimento psicológico individual, assistência social e atividades de lazer, como passeios fora da instituição. Os profissionais procuram trabalhar as questões de autonomia das crianças.

3.1.2 Visita ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre

O Hospital Psiquiátrico São Pedro fica localizado na Avenida Bento Gonçalves, 2460 no Bairro Partenon, em Porto Alegre/RS. Fundado em 13 de maio de 1874 e inaugurado somente dez anos após. Foi designado como Hospício São Pedro até 1925. Passou a ser chamado como Hospital São Pedro até 1961. E, desde então, assumiu sua atual identidade como Hospital Psiquiátrico São Pedro. Sob a influência da psicanálise foi iniciada uma renovação nos métodos de tratamento dos “doentes mentais”. Passados 130 anos, referência em tratamento mental para 88 municípios da Região Metropolitana ainda se questiona a estrutura e o tratamento dado aos pacientes, denunciados no “Extra Classe.org.br jornalismo além da superfície”. A jornalista Adriana Machado na edição de maio de 2013 refere que o São Pedro ainda vive distante das prerrogativas da Reforma Psiquiátrica.

Nossa equipe de Pelotas chegou ao São Pedro e fomos orientados a permanecer no carro. Enquanto aguardávamos autorização para o acesso ao hospital, uma paciente entrou na van e nos recepcionou recitando um poema de sua autoria. Depois de alguns minutos uma funcionária chegou e nos acompanhou, a pé, até o interior do hospital. Enquanto caminhávamos no pátio não vimos nenhum paciente. Fomos acolhidos por duas psicólogas, numa ampla sala de reuniões. Observei nos corredores que os cômodos são todos mantidos fechados a chave. As psicólogas explicaram que para visitar as instalações do São Pedro é preciso agendar com antecedência. Na conversa contaram que os internos participam de várias atividades, entre elas, oficinas de pintura, mas o foco do assunto foi os residenciais terapêuticos, os quais fomos convidados a visitar.

Para acolher os pacientes do Hospital que não tem família ou que seus familiares não podem assumi-los o governo de Olívio Dutra do PT, criou dois projetos: “Residencial Morada São Pedro”, um condomínio localizado atrás do Hospital Psiquiátrico, inaugurado em 2002, e o “Residencial Terapêutico Morada” em Viamão. Conforme a reportagem de 2013, no início poucos profissionais aceitavam trabalhar nos residenciais. Segundo a reportagem intitulada “São Pedro onde a

Reforma Psiquiátrica não chegou”, os moradores ficavam sozinhos à noite. Há registro de morte de um homem que faleceu de insuficiência respiratória porque ficou sem assistência. Na cidade de Viamão devido o Residencial estar em localização movimentada, há registro de atropelamento de pacientes, seguido de morte.

3.1.3 Visita aos residenciais terapêuticos, em Porto Alegre

O residencial terapêutico visitado, está localizado próximo ao Hospital São Pedro, em zona residencial calma e arborizada. Atualmente observa-se que as casas são muito boas, com excelente infraestrutura, móveis novos, tudo limpo. Cada morador tem liberdade de arrumar seu quarto a gosto. Os quartos são bem decorados. Os técnicos trabalham em regime de plantão e os moradores dispõem de atendimento 24 horas.

Foi possível notar a alegria dos moradores ao receberem nossa visita. A maioria deles são pessoas idosas e que sofreram bastante, com os maus tratos no período antes da reforma psiquiátrica. Alguns conversaram muito, outros estavam doentes e ficavam deitados na sala, com bastante conforto e aos cuidados dos técnicos. Os moradores dos residenciais que têm saúde e disposição física são estimulados com relação à autonomia, inclusive financeira. Assessorados pelos técnicos de referência, eles fazem compras e também decidem o que fazer com suas economias. O professor de educação física é encarregado de levá-los a passeios, e eles mesmos escolhem aonde ir, com autonomia em função dos seus recursos financeiros. Relataram estar felizes e mostram, com orgulho, o lugar onde vivem.

O manual do CAPS elaborado pelo Ministério da Saúde (2004) conceitua o técnico de referência como

aquele que tem como responsabilidade o monitoramento do usuário, o projeto terapêutico individual, o contato com a família e a avaliação das metas traçadas no projeto. Furtado e Miranda (2006) acrescentam que o dispositivo técnico de referência constitui uma aproximação entre o profissional ou equipe a certo número de usuários, ocasionando uma assistência de modo singular por meio de um projeto terapêutico individual (SILVA; COSTA, 2010, p. 636, apud RODRIGUES; BONTEMPO, 2011).

O papel do técnico de referência na saúde mental é ser o articulador do projeto terapêutico ou projeto de vida do usuário. Portanto, deve realizar práticas de escuta para conhecer bem as necessidades do usuário e construir com ele alternativas; deve levar em conta sua singularidade para que possa resgatar seus laços e se sentir integrado na sociedade. O técnico de referência é responsável também pelos processos junto ao poder público e representação social. Qualquer profissional das diferentes áreas da saúde mental que trabalha com o usuário pode ser o técnico de referência. No CAPS-i de Pelotas o técnico de referência fica mais concentrado no psicólogo, são eles que ficam encarregados de responder ofícios à justiça, envolvidos com conselho tutelar, articular plano terapêutico etc..

3.1.4 Visita ao Hospital Forense, em Porto Alegre

Para nossa surpresa, o portão do Hospital Forense fica aberto e a entrada é livre. Os internos circulam livremente pelo pátio. São pessoas com problemas psíquicos e que cometeram graves crimes, inclusive assassinato de familiares. Logo que estacionamos, os internos nos abordaram e perguntaram se éramos de Pelotas. Alguns referiram nos conhecer e disseram lembrar-se de alguns técnicos, inclusive de mim. Um interno citou até o lugar de onde possivelmente me conhecia, o condomínio da Cohabpel, e eu realmente frequentava, tinha uma amiga que morava lá e por isso é provável que ele lembrasse mesmo de mim. Perguntaram se viemos buscá-los, relataram estarem ansiosos para retornar a Pelotas.

Fomos recebidos por uma grande equipe de profissionais, composta por médicos psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, que contaram a história de cada interno e os motivos que os levaram a estar nesse hospital.

O objetivo da nossa visita ao Hospital Forense foi tratar do plano terapêutico de alguns internos que receberiam alta e deveriam voltar para a sua cidade natal e continuar o tratamento em CAPS. Mas, como alguns internos não têm familiares ou a família não pode se responsabilizar, por algum motivo, a proposta do hospital era de que fossem levados para residenciais terapêuticos. A gerente geral Cinthia

Yurgel esclareceu que, como ainda não temos essa modalidade de serviço em Pelotas, precisaríamos pensar em alternativas.

Observei que os internos circulam livremente nas dependências internas do hospital. Eles têm contato direto tanto com os técnicos como com os visitantes. Eles também realizam várias oficinas durante o dia. Foi possível observá-los, da janela da sala de reunião, circulando no pátio e no portão do galpão onde se realizam as oficinas. Na saída ganhamos lindos calendários pintados por eles.

3.2 Reflexões sobre as práticas observadas nos serviços de saúde mental no Rio Grande do Sul

A experiência com as observações nos serviços de saúde mental demonstrou que essas instituições estão, gradativamente, se adequando àquilo que se espera como um serviço especializado.

No CAPS-i de São Lourenço do Sul, observei precariedade na casa onde se oferece o serviço. A falta de um professor de arte no CAPS-i de São Lourenço me chamou a atenção. A experiência no CAPS-i de Pelotas demonstra que muitas crianças não convivem bem em grupos psicoterapêuticos, mas interagem melhor nos grupos de oficinas de arte, conseguindo se expressar e se comunicar por meio da linguagem da arte. A experiência no ateliê de Nise da Silveira confirma a importância da arte, pelo trabalho que lá foi desenvolvido, demonstrando melhoras no quadro clínico dos pacientes do Engenho de Dentro.

“Para Feldman, aprender a linguagem da arte implica desenvolver técnica, crítica e criação e, portanto, as dimensões sociais, culturais, criativas, psicológicas, antropológicas e históricas do homem” (BARBOSA, 2010, p. 45). A linguagem da arte, sendo a linguagem universal da infância, constitui-se como fundamental nos serviços de saúde mental, especialmente nos CAPS-i.

As observações nos centros de referência de saúde mental em Porto Alegre, Hospital São Pedro e Hospital Forense, revelaram um contraste no tratamento no que diz respeito à liberdade dos internos. Enquanto, no Hospital Forense, pacientes considerados de alta periculosidade andam livremente pelo pátio da instituição, em

contato direto com as pessoas, e ainda, se quiserem, podem até sair para a rua, já que a portaria é aberta, no São Pedro não vimos os pacientes nem sequer no pátio.

O artigo 1º da Lei da Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul, Lei n.º 9.716, de 7 de agosto de 1992, proposta pelos projetos de lei 171/91 e 278/91, dos deputados Marcos Rolim (PT) e Beto Grill (PDT), dispõe:

Com fundamento em transtorno em saúde mental, ninguém sofrerá limitação em sua condição de cidadão e sujeito de direitos, internados de qualquer natureza ou outras formas de privação de liberdade sem o devido processo legal nos termos do Art. 5º, Inc. LIV, da Constituição Federal (RIO GRANDE DO SUL, 1992).

As observações confirmam que a reforma psiquiátrica continua em processo de transição. Ainda não conseguimos chegar plenamente ao novo modelo de atendimento, atenção e cuidado em liberdade. Fiquei curiosa para saber mais a respeito das práticas atuais do São Pedro, mas para isso precisaria voltar lá mais vezes.



Apolo representa a sede de conhecimento e a inquietação intelectual, confiança renovada em direção ao objetivo. É o desejo de saber e a vontade de romper com as amarras do medo justamente porque a fé se torna inabalável.

Capítulo 4 – A oficina Imagens do Inconsciente

*Quando a chuva passar
Quando o tempo abrir
Abra a janela e veja: eu sou o sol...*
(Ramón Cruz)

Pensando em um caminho que pudesse favorecer que o grupo se sentisse acolhido para trocas afetivas, idealizei a oficina inicialmente com atividades de dançaterapia e desenho.

Para dar início ao trabalho, previamente foi marcada uma reunião que se realizou em uma sala do CAPS-i, no dia 06/11/2015, na qual todos os convidados estavam presentes. O convite para a pesquisa foi feito pessoalmente. Com algumas mães, entrei em contato por meio de ligação telefônica.

O objetivo da reunião era explicar sobre a temática do trabalho e as atividades que seriam realizadas em grupo – desenho, pintura, cerâmica e dançaterapia – e ver se eles aceitariam participar.

4.1 Oficina do dia 06/11/2015: a reunião

Dei início à reunião agradecendo a presença de todos e dizendo os motivos de tê-los convidado para o encontro. Informei ao grupo que se tratava de uma pesquisa em Artes Visuais, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, com temática abordando a mitologia grega e romana.

A temática foi escolhida por mim e teve razões de afinidade e interesse nos estudos da psicologia analítica, que tem suas raízes nos estudos das ciências/religiões da antiguidade (mitologia e astrologia). Disse ao grupo que a psicologia analítica é considerada a base da psiquiatria moderna e por isso é matéria de interesse a todos nós.

A psicologia analítica foi o nome dado por Jung para diferenciar o método psicanalítico dele e de Freud, ambas tem como objetivo buscar investigar os motivos das patologias, mas divergências quanto à metodologia da psicanálise fizeram Freud e Jung romper a parceria. O método de Freud dava ênfase a conteúdos da libido sexual reprimidos, ele usava técnicas tais como a hipnose, associação livre de palavras (criado por Jung), análise de sonhos, entre outras, para libertar a memória reprimida. Freud observou que a partir desse processo de libertação da emoção que acontecia por meio da palavra muitos sintomas desapareciam. Jung utilizava outros métodos, ele trabalhava com a linguagem simbólica. Sua experiência com estudos do cristianismo, religiões orientais, i ching, alquimia, gnosticismo, mitologia e astrologia levaram-no a acreditar que os seres humanos carregam consigo uma experiência de vida espiritual (arquetípica). Essa experiência segundo ele se

manifesta por meio de imagens inconscientes, é por isso que a psicologia analítica tem como princípios mecanismos de associações entre esses símbolos criados pelo inconsciente e a experiência real vivida pelo indivíduo. Esse fenômeno foi denominado por Jung de sincronicidade, anteriormente já conceituado em nota de rodapé na introdução desse trabalho. (O livro da Psicologia, 2012).

O Dr. Carl Gustav Jung durante muitos anos pesquisou e formulou uma teoria a partir de sua experiência profissional em clínica psiquiátrica. Essas experiências lhe possibilitaram elaborar o conceito de “inconsciente coletivo”. Jung afirma que existem duas camadas inconscientes:

A camada pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, ou conteúdos que por falta de intensidade, não ultrapassam o limiar da consciência. Além dessa, existe outra que recebeu o nome de inconsciente coletivo, que é universal e cujos conteúdos, os arquétipos, podem ser encontrados em toda parte. (JUNG, 2008, p. 11).

Os arquétipos são valores, pensamentos, sentimentos herdados de nossos ancestrais, ou seja, os quais as pessoas já nascem, e refletem nosso comportamento. Em outras palavras, é a forma como o homem reage diante de imagens típicas do cotidiano: são os nossos medos (do perigo, da morte, do desconhecido, do medo de ficar só), nossa ansiedade (quando ficamos nervosos diante de alguma coisa ou de um acontecimento novo), nossos desejos (de amar e ser amado), nossas necessidades (de proteção, cuidado, afeto), tudo aquilo que sentimos e expressamos, mas não nos damos conta. O arquétipo da mãe, por exemplo, permite que o bebê reconheça a mãe pelo cheiro logo quando nasce como alguém que vai cuidar e protegê-lo.

Conforme se desenrolava o assunto, eu identificava algumas falas importantes e anotava no livro diário. Uma mãe relatou já ter lido na internet sobre Jung. Segundo ela, esse tema lhe interessa porque ela pesquisa muito sobre os transtornos mentais e deu vários exemplos de como os pacientes eram tratados nos manicômios: amarrados, levando choque. Falou sobre o uso da medicação, dizendo que soube que “os remédios são testados até chegar àquele remédio que vai dar certo para minha doença”. Também questionou por que os médicos não

conseguem dar o diagnóstico correto da doença, e relatou que, no caso dela, que sofre de ansiedade, tudo começou a partir de uma depressão. Percebe-se que uma das angústias das mães é quanto ao diagnóstico. Essa é uma questão complicada, justamente porque os sintomas se modificam com o tempo e tanto podem piorar como ser amenizados com a terapia.

Essas falas que as mães trouxeram foram importantes para mim, pois também contribuem para dar respostas aos meus questionamentos de mãe, que, assim como elas, sofro com os problemas de meu filho. As dúvidas delas são também implicações minhas e por isso busquei leituras para me esclarecer sobre o que são esses transtornos psíquicos, como e por que se manifestam.

Estudando a psicologia analítica, entendi que nesses “estados de alteração da consciência” surgem perturbações e conflitos interiores desencadeados pela experiência individual, espiritual, biológica, e também pela experiência histórico-cultural do desenvolvimento da humanidade desde suas origens. Essas experiências habitam camadas profundas da mente humana, denominadas por Jung como inconsciente coletivo da humanidade.

Esse conhecimento nos permite entender por que o diagnóstico é tão difícil de ser feito. Não é possível conhecer os mecanismos exatos e as causas explícitas dos transtornos psíquicos, apenas alguns casos clínicos apresentam todas as características de uma doença. Como não existe a cura para determinados sintomas, a psiquiatria através de medicamentos psicotrópicos, trabalha apenas para amenizar o sofrimento psíquico. E, em se tratando da psicologia analítica, o tratamento promove a libertação das angústias e sofrimentos, através da linguagem simbólica, procurando entender as necessidades do indivíduo, acreditando que se ele se conhecer melhor, vai sentir-se melhor consigo mesmo.

Como já mencionamos anteriormente, a psiquiatra brasileira Dr.^a Nise da Silveira foi a primeira pessoa a desenvolver um trabalho no hospital psiquiátrico, utilizando a arte como promotora de saúde mental, numa época difícil, em que não existiam políticas públicas para os chamados “loucos”. Pessoas que desrespeitavam as normas e valores sociais eram excluídas em hospícios e sofriam tantas torturas e agressões – físicas, morais, e psicológicas, que acabavam ficando bastante

doentes. O trabalho da Dr.^a Nise da Silveira foi muito importante, porque até então não havia nenhuma proposta de tratamento para o efetivo cuidado dessas pessoas.

Após falar um pouco sobre o trabalho de Nise da Silveira contextualizei o tema da mitologia, apresentando-lhes algumas imagens de constelações e da arte rupestre. contei a eles uma pequena história sobre os povos antigos, dizendo que foram eles que começaram os estudos da mitologia.

Na antiguidade os povos viviam basicamente da agricultura e dela dependiam para sobreviver, mas havia muitas coisas que eles não sabiam a respeito dos fenômenos da natureza. Eles queriam compreender por que em determinadas épocas chovia muito e em outras não, buscavam esse conhecimento para entender como as ocorrências meteorológicas determinavam a fartura da produção de alimentos e os períodos de seca, a fome. As enchentes também eram motivo de preocupação. Então eles olhavam para o céu para buscar as respostas a essas questões. Esse olhar mais atento para as estrelas fez com eles fizessem relações entre o movimento dos planetas no céu e as ocorrências na Terra. Começaram a perceber que a aproximação de um planeta em determinada época influenciava as colheitas. Essa informação lhes permitia a possibilidade de se organizarem para produzir nos períodos de chuva ou armazenar para enfrentar o período da seca. No saber deles, todas as coisas que aconteciam na Terra, as doenças, tempos de paz ou guerra, tudo era em decorrência da influência dos astros. Acreditavam que os planetas eram deuses, dotados de poder, por isso rezavam e agradeciam a eles. Os rituais de dança e sacrifícios eram realizados para pedir proteção a seus deuses. (AVENY, 1992).

Baseadas nessas observações dos movimentos dos planetas surgiram muitas histórias criadas por meio da imaginação. Todo esse saber que teve origem nos contos e nas lendas foi passado oralmente, de geração a geração, durante toda a história da humanidade.



Figura 29 – Constelações
 Fonte: <http://astro.if.ufrgs.br/const.htm>

A figura 29 é uma representação desse imaginário, denominado de constelações²⁸ (agrupamentos de estrelas). A imaginação de nossos ancestrais foi capaz de criar linhas imaginárias no céu, para unir as estrelas.

Do traçado imaginário das estrelas, surgiram desenhos e pinturas nas paredes das cavernas, incisões em rochas, como formas de registro das informações importantes. Através de uma linguagem visual simbólica eles expressavam conceitos, valores e crenças da sua cultura. São sem dúvida importantes fontes de informações antropológicas, muitas delas encontradas nas escavações de pesquisas arqueológicas. Expressões subjetivas da atividade humana.

²⁸ Na antiguidade, as constelações serviam para ajudar a identificar as estações do ano. Por exemplo, a constelação do Escorpião é típica do inverno do hemisfério sul, já que em junho ela é visível à noite toda. Já Órion é visível a noite toda em dezembro e, portanto, típica do verão do hemisfério sul. Alguns historiadores suspeitam que muitos dos mitos associados às constelações, foram inventados para ajudar os agricultores a se lembrarem quando deveriam plantar e colher. (<http://principiosdaastronomia.blogspot.com.br/2010/08/constelacoes-e-reconhecimento-do-ceu.html>)



Figura 30 – Pintura rupestre
Nicho Policrômico – Toca do Boqueirão da Pedra Furada – Serra da Capivara – PI, Brasil
Arte pré-histórica Período Paleolítico Superior
<http://www.globalrockart2009.ab-arterupestre.org.br/arterupestre.asp>



Figura 31 – Gravura rupestre
Parque Arqueológico do Rio Côa, Portugal
Arte Pré-histórica Período Paleolítico Superior
Fonte: <http://geocastemaia.blogspot.com.br/2012/07/sitios-pre-historicos-de-arte-rupestre.html>



Figura 32 – Pintura rupestre
Parque Nacional Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil
Arte Pré-histórica Período Paleolítico
Fonte: <http://www.joseisraelabrantes.com.br/en/photography/list/?page=31>

As imagens das figuras 30, 31, 32 são as mais antigas representações pictóricas conhecidas da humanidade, denominadas arte rupestre²⁹.

Tamanha a importância histórica dessas pinturas, a gravura rupestre (figura 31), foi tombada como Monumento Nacional em 1997 e Patrimônio da Humanidade em 1998 pela UNESCO.

Os povos antigos desenhavam formas humanas, de animais, cenas do cotidiano de caça, símbolos e estrelas que viam no céu. Essas imagens registradas em pedra, teto de cavernas, paredes rochosas, por meio da linguagem artística,

²⁹ Representações artísticas pré-históricas feitas em superfícies rochosas para representar cenas e rituais do cotidiano.

foram apropriadas por outras culturas, dessa relação surgiu o estudo dos mitos³⁰. As histórias mitológicas foram passando oralmente de geração a geração, eram usadas para explicar os fatos da realidade e fenômenos da natureza. Na antiguidade os mitos eram contados por poetas – por exemplo, Homero (texto declamado).

O mitólogo Joseph Campbell (1991) diz que o mito ajuda a colocar a mente em contato com a experiência de estar vivo. “O mito diz o que a experiência é”. Segundo ele, as histórias dos mitos correspondem à aventura da alma, uma experiência de estar vivo.

Até esse momento as crianças estavam pouco interessadas no assunto, de cabeça baixa e com olhar vago, mas com a introdução dessas imagens as crianças despertaram, mudaram de posição, começaram a fazer relações, dizendo que já viram estrelas cadentes. Perguntaram sobre os materiais usados para pintar as cavernas, reconheceram formas, dizendo que se tratava de pai e filho, identificaram objetos, animais. Essas imagens trouxeram assuntos do dia a dia. Identificamos nas imagens uma representação da cultura de nossos ancestrais, que se relacionam com a nossa história de vida.

A experiência de ver por meio de um olhar estético serve de estímulo para a produção de outros saberes e outras questões importantes da ordem dos afetos. Percebe-se nesse ato de ver, uma percepção muito mais apurada das formas que configuram lembranças, recordações, identificações consigo mesmos. Dessa maneira:

A experiência estética, por conseguinte, parece constituir um elemento precioso na maturação e desenvolvimento do cérebro humano em sua atuação perante a vida. A ficção, imaginação daquilo que ainda não é mas poderia ser, consiste, pois, numa das mais eficazes ferramentas de que dispõe a humanidade para a criação do saber. (DUARTE JR., 2010, p. 135).

Ao trabalhar as imagens de forma estética, eles as conectaram às experiências pessoais e produziram saberes relacionados a suas próprias vidas.

³⁰ Palavra de origem grega (mythos = Mito) – Narrativas da Grécia Antiga (alegorias, metáforas, aspectos fantasiosos).

Após a introdução do estudo dos mitos e a apresentação das imagens, o ponto seguinte a ser tratado na reunião foi com relação às responsabilidades do grupo.

Para instituir o grupo pesquisador, deixei claro que cada participante teria responsabilidades na pesquisa, sendo uma delas a de não faltar a nenhum encontro, para não prejudicar o andamento do trabalho. E outra responsabilidade seria com relação a anotar no diário o que acontecia durante as oficinas.

Combinamos seis encontros, um por semana, a partir do dia 13 de novembro até 18 de dezembro de 2015. Expliquei que durante esse tempo estaríamos produzindo trabalhos em artes visuais e os registros seriam feitos em áudio e fotos, e no último dia apresentaríamos os trabalhos e as fotografias numa exposição, que provavelmente seria realizada nas dependências do CAPS-i.

Expliquei que seria necessário que a pesquisa fosse aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da UFPel e, por isso, haveria a necessidade de assinatura do termo de consentimento. Todos concordaram e assinaram o documento, com exceção de uma adolescente, que se negou a participar. A mãe disse que a menina continuaria no grupo, mas não retornou nos encontros seguintes. No total, 11 participantes assinaram o documento. Esses documentos estão nos apêndices desta dissertação.

Logo em seguida, entreguei o livro diário a cada um dos participantes e pedi que fizessem anotações durante as oficinas, ou em casa, alguma escrita sobre dúvidas e assuntos de interesse que quisessem discutir no grupo. No último dia do encontro deveriam entregar os diários. Mas, no decorrer da pesquisa, não fizeram as anotações, alegando diversos motivos: não tiveram tempo para escrever; escreveram, mas apagaram; não trouxeram os diários, pois esqueceram.

Para fechar o primeiro encontro, pedi que na primeira folha do diário fizessem um autorretrato e escrevessem sua principal qualidade e seu principal defeito. Algumas mães pediram ajuda, pois tiveram dificuldade em identificar suas qualidades. A reunião encerrou após essa pequena atividade.

4.2 Oficina do dia 13/11/2015

A oficina não se realizou conforme o planejado, pois apenas uma mãe e sua filha compareceram. Nessa oficina as falas foram registradas em livro diário.

No ateliê de arte do CAPS-i, conversamos um pouco e pedi um desenho livre. Durante o tempo em que conversávamos, a mãe perguntou à filha se ela havia tomado o remédio e a garota respondeu que não. Perguntei o porquê. Ela respondeu que não gostava porque doía a garganta. A questão da medicação novamente surge na fala problematizada da garota.

Aqui a cartografia mostra um território de pesquisa a ser explorado, devido à identificação de uma problemática bastante importante. Seria interessante procurar entender por que motivos reais a criança não quer tomar o medicamento, identificar as razões e as dificuldades que envolvem o tratamento medicamentoso. Enfim, conhecer essa realidade.

Nesse dia fiquei bastante apreensiva, com medo de que o grupo desistisse dos próximos encontros. Por isso tomei a decisão de em paralelo trabalhar com outras duas turmas, apenas de crianças que já participavam regularmente das oficinas de arte, na segunda-feira e quarta-feira à tarde. Com essas turmas trabalhei com a temática da mitologia grega. Essa proposta denominei: “Oficina Caixa de Pandora” e “Oficina Minotauro”, cujo processo já relatei em páginas anteriores.

O método da cartografia defende que o aprendiz cartógrafo tenha atenção para identificar que o grupo já está produzindo dados. Deve-se problematizar para buscar entender por que o grupo faltou que motivos tiveram para não comparecer às atividades combinadas. São problemáticas relevantes no CAPS-i as questões das faltas e do tratamento com medicamentos. A cartografia abre um campo de problematização que pode ser explorado não apenas por mim, mas também por outros pesquisadores interessados nesses problemas.

No método cartográfico, a construção de um território de pesquisa ocorre desde o momento em que o cartógrafo chega ao campo. Ele precisa ficar atento às problemáticas que surgem no decorrer da pesquisa.

Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade. (KASTRUP, 2014, p. 48).

No CAPS-i de Pelotas é questão importante o fato de os usuários não aderirem de forma regular ao tratamento. Faltam frequentemente e também desistem sem a devida alta do serviço. A psicóloga Márcia Lima, na entrevista, já havia chamado a atenção para essa problemática. Uma hipótese é que os usuários participam das oficinas porque precisam estar vinculados ao serviço para obter as receitas médicas, no entanto nem sempre utilizam o medicamento de forma correta. Mas não se trata de entender a problemática pautada em interpretações subjetivas do ponto de vista do pesquisador; é preciso acompanhar a dinâmica do processo de um território que produz conhecimento de um mundo já existente e ampliar para outros espaços que dialogam. Conhecendo esses territórios se poderia ter uma ideia real de como os usuários entendem o serviço do CAPS-i.

Voltando à questão da medicação, penso que muitas pessoas acreditam que apenas tomando o medicamento a criança vai melhorar, o que não é verdade. Por isso, quando avalio a necessidade de consulta psiquiátrica, deixo claro que o medicamento ajuda, mas que em casa a família deve fazer a sua parte, investindo no afeto, no carinho, dando atenção, brincando, evitando o conflito, digo que devem oferecer um ambiente harmonioso para a criança. Converso para entender as necessidades afetivas, econômicas e sociais, procuro a ajuda de outros profissionais enfim para que a família possa ter um resultado melhor.

4.3 Oficina do dia 20/11/2015

Nesse dia estavam presentes oito integrantes do grupo – mães e os filhos com idades em torno de 12 anos.

Então nos dirigimos, a pé, até o Campus II da Universidade Católica de Pelotas, local próximo, escolhido para as atividades de dança. Na saída do CAPS-i, logo as crianças e os adultos se ofereceram para ajudar e levaram os objetos, pasta,

caixa de som, *notebook*. No local organizaram o material. Uma mãe se prontificou para fazer o registro da oficina com a máquina fotográfica. As falas foram registradas por mim, em gravação de áudio e livro diário.



Figura 33 – Apresentação do grupo, 2015
Fonte: Maria Stella Martinelli

A figura 33 é uma fotografia tomada no momento em que o grupo estava fazendo a apresentação e mostrando o autorretrato (desenho de memória). Sentamos em círculo, para nos aproximarmos e começar a conversa. O grupo foi orientado para cada um, dizer seu nome e contar um pouco de si para nos conhecermos melhor.

Expusemos nossas qualidades, defeitos e um pouco de nossas vidas. O objetivo era conhecer um pouco sobre as experiências de vida do grupo. As mães falaram sobre os problemas da vida que enfrentaram e os filhos contaram sobre algumas situações específicas do cotidiano.

O primeiro a falar foi Dionísio³¹. Ele começou assim: “Hoje eu tive um sonho; sonhei que meu cachorro tinha morrido”, e continuou, explicando que, quando

³¹ Os nomes das crianças e também das mães são todos fictícios. Em razão do princípio ético de não expor suas realidades foram substituídos por nomes de deuses e deusas da mitologia grega.

acordou, após tomar o café da manhã juntamente com a mãe e o irmão gêmeo, dirigiram-se à casa da tia. No caminho, encontraram um passarinho machucado. Ele e seu irmão resolveram pegar o passarinho e levar para a casa da tia. Mas, lá chegando, o passarinho morreu e eles fizeram até o enterro do passarinho. Essa pequena fala, mais tarde, no final do meu dia, despertou uma inquietação em mim, devido a acontecimentos que ocorreram comigo.

Ártemis, mãe de Dionísio, falou sobre o abandono que sofreu quando ainda era criança, quando sua mãe “largou os filhos e foi viver outra vida”, e que as consequências desse ato geraram muitas dificuldades em sua vida: sofreu com a fome e com a ausência afetiva da mãe, destacou ainda a importância do acolhimento de outras pessoas, que a ajudaram a sobreviver, amigos e atualmente o companheiro que sustenta financeiramente a ela e aos dois filhos. Disse que as relações de afeto que tem hoje foram fundamentais para conquistar o que tem, criticou quem faz com os filhos o que fizeram com ela e disse que é necessário ter responsabilidades com a família.

Hebe, a mãe de Apolo, falou sobre problemas graves que vem enfrentando com a doença da irmã de Apolo (déficit cognitivo, agressividade, problemas orgânicos), e das coisas que gosta de fazer, artesanato, salgados para vender, e o gosto por cuidar de animais. Apolo é muito fechado, mas contribuiu nessa fala dizendo que tem muitos cachorros e gatos, citando o nome dos animais. Ela relatou também a importância do perdão, disse que “o avô não aceita os netos por causa do problema deles”, mas hoje já consegue perdoá-lo e está se sentindo muito melhor, inclusive vão celebrar o Natal todos juntos. Por meio de gestos e movimento dos lábios, disse-me que Apolo ainda não consegue ter relação com o avô.

Atena, a mãe de Perséfone, relatou que vivencia problemas de ciúme de Pérsefone em relação ao padrasto. Pérsefone interferiu dizendo: “Eu sou tirana”. Perguntei: “Como assim?” Ela disse que era vingativa, então questionei se já havia feito alguma vingança para alguém. As duas se olharam, mãe e filha, e Perséfone respondeu que sim, para sua mãe, mas que tinha se arrependido.

Afrodite, a mãe de Íris, disse que ainda não estava muito bem porque seu companheiro falecera havia pouco tempo e ela ainda sentia muita falta dele. A filha Íris não disse nada. Ela tem problemas para se comunicar.

Eu também falei sobre mim, contei sobre as coisas de que gostava, os estudos de astrologia e como me sentia feliz trabalhando no CAPS-i. Falei sobre a minha principal qualidade, que é ser uma mãe muito afetiva com meus filhos, que eles são muito ligados a mim, tenho uma relação com eles de muito carinho e eles comigo. Disse que sou casada e tenho três filhos, mas no momento estava muito preocupada com algumas coisas que estava observando no comportamento do caçula. Falei rapidamente das questões da agressividade.

Como essas falas demandaram algum tempo e uma mãe pediu para sair mais cedo, decidi encerrar a oficina e continuar no próximo encontro.

Ao chegar a minha casa e me preparar para ouvir a gravação, tive uma surpresa. O gravador não funcionou! Um sentimento de indignação tomou conta de mim, pois desde que comprei o gravador ia frequentemente até a loja reclamar e o proprietário dizia que eu não sabia usá-lo e que ele não poderia dar “curso”. Logo me senti lesada e traída, pois no momento da compra a vendedora me disse que o gravador tinha garantia de três meses. Fiquei bastante chateada. Detalhe: foi minha mãe que pagou o gravador e agora teria que pedir outro. Naquele momento fiquei muito preocupada em perder informações preciosas, já que essas falas não haviam sido registradas no gravador, então à noite as palavras deles começaram a vir na minha mente e comecei a escrever no diário. Durante a escrita lembrei!

Nessa noite eu tive um sonho e acordei meio perturbada. Sonhei com uma cobra da cor verde, que estava num recipiente de plástico em pé, na posição de dar o bote, e minha mãe queria matá-la afogada. Imediatamente pensei no sonho que Dionísio contara sobre a morte do cachorro, e fiz uma relação: se Dionísio sonhou com a morte e ao acordar se deparou com ela, através de um passarinho, será que sonhar com cobra quer dizer uma traição? A sabedoria popular atribui significados aos sonhos. Será que se trata de premonição?

Carl Gustav Jung, no livro *Memórias, sonhos e reflexões*, escrito no fim de sua vida e publicado *post mortem* por sua colaboradora Aniela Jaffé, descreve suas

visões e experiências sobre a morte. Em 1944 Jung sofreu um ataque cardíaco que o deixou em coma. Durante o tempo em que ficou entre a vida e a morte, teve visões que lhe deram a certeza de que o espírito perdura, mesmo após a morte física. Jung descreveu essas visões inconscientes, que chamou de “memórias”, como uma experiência de um sentimento tão grande de totalidade, paz e realização que ele não desejava voltar. Em estado de coma, ele se viu fora do seu corpo e do planeta, disse que as visões eram tão lindas que foi muito difícil para ele retornar. E quando retornou à consciência, passou por um período de depressão, e conforme se recuperava, aos poucos, teve a certeza de que essa experiência teve um valor inestimável para o seu trabalho científico.

Jung analisou também muitos de seus sonhos e também de seus pacientes. O autor relata que quando sonhava com pessoas que já haviam morrido, após algum tempo recebia a notícia de alguma morte relacionada ao sonho. Conta ele que uma de suas pacientes, de 60 anos, mais ou menos dois meses antes de morrer, sonhou que estava num auditório com uma plateia de pessoas amigas falecidas e o assunto da conferência era que as pessoas falecidas deveriam apresentar um relatório sobre as experiências por que passaram na vida. Na época do sonho, segundo Jung (1986), a pessoa em questão fazia terapia, porque temia morrer e procurava afastar essa ideia do pensamento consciente. “Ora, o problema da morte deveria constituir o ‘centro de interesse’ essencial para o homem que está envelhecendo, como também a oportunidade de familiarizar-se precisamente com essa possibilidade.” (JUNG, 1986, p. 41). Pensando por esse ponto de vista, a falha do gravador constituiu para mim, naquele momento, o “centro de interesse”, quando eu tinha que coletar informações importantes das falas do grupo que serviriam para fornecer os dados da minha pesquisa. Ao perceber a perda da gravação das falas, tomei consciência de sua morte e de que só me restariam as lembranças.

Para Jung, os sonhos podem ser premonitórios ou pressentimentos, mas não existe uma lógica para os acontecimentos. Essa experiência pode coincidir ou não com a realidade.

Essas experiências provam que, por vezes a psique extrapola a lei da causalidade espaço-temporal. Disso resulta que as representações que

temos do espaço, do tempo e também da causalidade são incompletas. Uma imagem total reclama, por assim dizer, uma nova dimensão; só então poderia ser possível dar uma explicação homogênea à totalidade dos fenômenos. É por esse motivo que ainda hoje os racionalistas persistem em pensar que as experiências parapsicológicas não existem, pois seriam fatais à sua visão do mundo. Porque se tais fenômenos podem produzir-se, a imagem racionalista do universo perde o seu valor, por ser incompleta. Então a possibilidade de outra realidade, atrás das aparências, com outras referências, torna-se um problema intransponível e ficamos constrangidos em abrir os olhos para o fato de que nosso mundo de tempo, espaço e causalidade está relacionado com uma outra ordem das coisas, atrás ou sob ele, ordem na qual “aqui” e “ali”, “antes” e “depois” não são essenciais. (JUNG, 1986, p. 39).

Essa “nova ordem” a que Jung se refere – tempo, espaço e causalidade – a Dr.^a Nise da Silveira identificou nos desenhos de seus pacientes como conteúdos do mundo interno que “entram em intensa atividade, sua forte carga energética subverte a ordem espacial estruturada pelo consciente” (SILVEIRA, 1981, p. 39). Então, a “nova ordem” surge desestruturada e não conseguimos explicá-la pelas vias da razão lógica, mas nos dá indícios de ocorrências de desorganização da psique e aponta para medos invisíveis que não chegam à luz da consciência e por isso desestabilizam o ego.

Jung refere-se ao sonho como uma possibilidade de experimentar o mundo inconsciente, uma oportunidade, por meio das alusões metafóricas, de nos comunicarmos com aquilo que pela lógica não sabemos explicar. Pois, se realmente existe outra vida após a morte e pelas vias da razão isso não pode ser provado, como podemos chegar a uma certeza de assuntos ligados ao inconsciente se dele os sonhos fazem parte?

Frequentemente recusamo-nos a levar a sério essas indicações porque estamos convencidos de que não há respostas à questão. A este ceticismo, bem compreensível, aliás, oponho as seguintes sugestões: se nos é impossível penetrar na essência do fenômeno, devemos renunciar a fazer dele um problema intelectual. Ignoro por quais razões surgiu o universo e nunca saberei. Devo renunciar então a transformar essa questão num problema científico e intelectual. Mas se uma ideia se oferece a mim, sobre este assunto – por exemplo, no decorrer dos sonhos e nas tradições míticas – devo então conceder-lhe atenção: devo mesmo ter bastante audácia para edificar uma concepção a seu respeito, mesmo que permaneça para sempre como uma hipótese impossível de ser verificada. (JUNG, 1986, p. 32).

Como não podemos explicar o inconsciente, tentamos explicar o sonho como uma maneira de o inconsciente se comunicar com a consciência, para expressar um medo, um desejo, mas as imagens nunca têm um significado universal. Os artistas surrealistas, inspirados na psicanálise de Freud, adentraram o universo dos sonhos para alimentar a produção de suas obras.

4.4 Oficina do dia 27/11/2015

Conforme o combinado, encontramos-nos no CAPS-i e fomos juntos até a faculdade local onde seriam desenvolvidas as atividades.



Figura 34

Fonte: Registro dos integrantes do grupo, 2015

Na figura 34, a fotografia mostra o grupo na sala de dança da UCPel preparando-se para realizar as atividades. Organizamos o material e sentamos em círculo, em almofadas, muito confortáveis. Os integrantes do grupo revelaram ter gostado da sala. Fiquei feliz em lhes proporcionar um lugar agradável para a

realização das atividades. Para os usuários do serviço é importante conhecer outros espaços de convivência, já que em seu contexto social eles têm poucas oportunidades.

Comecei a oficina com uma breve fala sobre os fundamentos da dançaterapia, uma metodologia criada pela bailarina argentina Maria Fux³², que trabalha aspectos da personalidade através do movimento do corpo, do ritmo e da relação do corpo com o espaço. Já havia algum tempo, sentia a necessidade de oportunizar aos usuários do CAPS-i atividades que colocassem o corpo em movimento.

Em 2015 tive a oportunidade de participar de um curso de capacitação para professores em dançaterapia, realizado na faculdade de dança da Universidade Federal de Pelotas. A jornada de dançaterapia foi promovida pela artista plástica Daniela de Moraes Meine, da Ágape Espaço de Arte, que promoveu a vinda de uma discípula de Maria Fux, a bailarina e coreógrafa Sonia López³³, presidente da fundação que leva o seu nome – Fundación Sonia López Danza y Danzaterapia –, em Buenos Aires.

A fundação desenvolve um trabalho de capacitação para profissionais e atende um público de crianças, adolescentes e adultos com problemas mentais, físicos e sensoriais.

Senti nessa experiência vários benefícios para minha própria saúde física e mental, só para citar alguns: disposição física, aprimoramento da coordenação motora, vitalidade, melhora na respiração e flexibilidade do corpo. Além disso, os benefícios mentais incluem a melhora na autoestima, estímulos dos processos criativos de aprendizagem e afetividade.

Percebi que a técnica desenvolve a expressão e a comunicação, trabalha aspectos psicológicos, produzindo mudanças internas e também externas, no comportamento, na forma de expressão. As emoções são liberadas por meio de uma relação afetiva harmoniosa em direção de novas descobertas de si mesmo. Então

³² Maria Fux é uma conceituada bailarina argentina, hoje com mais de 80 anos. Ao longo de sua experiência desenvolveu um método de dança que seria utilizado como terapia.

³³ E-mail: info@fundacionsonialopez.org.ar (www.fundacionsonialopez.org.ar).

me apropriei dos fundamentos da dança para oportunizar ao grupo essa experiência benéfica ao corpo.

A mãe de Perséfone, Atena, disse que a garota já havia tido contato com a dança através de uma psicóloga, a qual fazia terapia, por isso elas já conheciam toda a “historinha”. “A dançaterapia eu fazia deitada”, disse Perséfone. “A dança deixava a menina à vontade, ela relaxava o corpinho dela, que é o que ela mais gostava de fazer” (Atena).

Mas nem todos os presentes dançaram. Como podemos observar na imagem logo abaixo. A figura 35 apresenta as pessoas dançando, mas também aquelas que não aderiram à dança e só observaram.



Figura 35

Fonte: Registro dos integrantes do grupo, 2015

O adolescente Apolo e sua mãe não aderiram ao movimento do corpo. Ele aparece sentado no chão, no centro da sala, e sua mãe estava sentada à esquerda, só aparece o pé. Ela disse que não se sentia bem, pois tinha extraído os dentes e por isso não poderia dançar.

Apolo tem 14 anos e apresenta algumas limitações para a expressão física, normalmente tem uma postura bastante rígida dos movimentos. Mas tem um grande talento para música, toca diferentes instrumentos que aprendeu num projeto da escola e já consegue captar a melodia pelo ouvido. Gosta de desenhar e fazer cerâmica, mas normalmente ele interage pouco com os colegas, apenas se comunica comigo, gosta de falar sobre as apresentações da banda na escola. No diário ele escreveu que a sua principal qualidade é tocar instrumentos musicais e o principal defeito é não ajudar os colegas da escola a fazer as atividades.

Mãe e filho desenvolveram as atividades de desenho. Durante algumas falas da mãe, percebi que Apolo olhava para ela e fazia uma expressão bastante séria. Fiquei pensando como a mãe poderia estar dando pretextos para não dançar devido ao fato de o filho estar, hipoteticamente, manipulando a mãe para que ela não dançasse e não interagisse no ambiente. A mãe diz que ele é muito ciumento e controlador.



Figura 36
Foto: Maria Stella Martinelli, 2015

Na figura 36, o garoto Dionísio aparece em primeiro plano. Durante a dança, dizia estar cansado e perguntava: “Quando começam os desenhos?” Dionísio perdeu o pai que se suicidou quando ele ainda era pequeno, o garoto tem muitas dificuldades na escola. Sua mãe relata que ele não aprende nada. A professora de Dionísio diz que o garoto só gosta de desenhar e, por isso, passa o tempo todo fazendo desenhos e não presta atenção nos conteúdos.

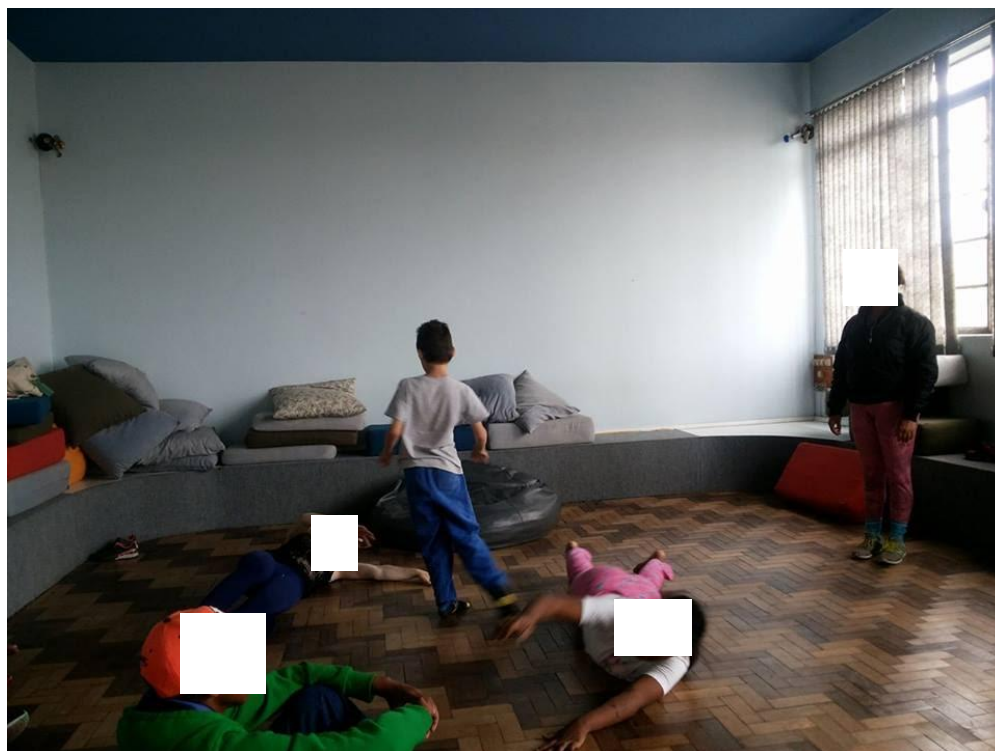


Figura 37

Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

Na figura 37, Afrodite, mãe de Íris está à direita, ela apenas observa, mas a expressão atenta à dança dá a impressão de que ela está com vontade de dançar.



Figura 38

Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 38 mostra mãe e filha num gesto de carinho. Íris tem 15 anos. Ela não tem dificuldades na fala, mas sim na comunicação. Ela não atende quando chamada e permanece o tempo todo calada. A mãe relata que em casa a menina fala, às vezes fala bastante, mas não é sempre que isso acontece. Logo que a conheci, Íris não conseguia desenhar. Comecei o trabalho com desenhos de observação, e ela vem me surpreendendo a cada dia. No momento já conquistou autonomia para criar seus próprios desenhos, vem apresentando melhora significativa em várias de suas limitações, inclusive para se comunicar na oficina. Durante a dança observei que aos poucos a menina foi adquirindo confiança e conseguiu se libertar.

Das quatro pessoas que inicialmente não queriam se movimentar apenas Apolo e sua mãe continuaram sentados.

Atena, mãe de Perséfone, estava de calça *jeans* e disse que não iria dançar, mas acabou participando e interagindo com o grupo.



Figura 39

Fonte: Registro dos integrantes do grupo, 2015

A importância da dança é que ela possibilita um diálogo prazeroso entre o corpo e a mente, expressados por meio dos gestos e do olhar.

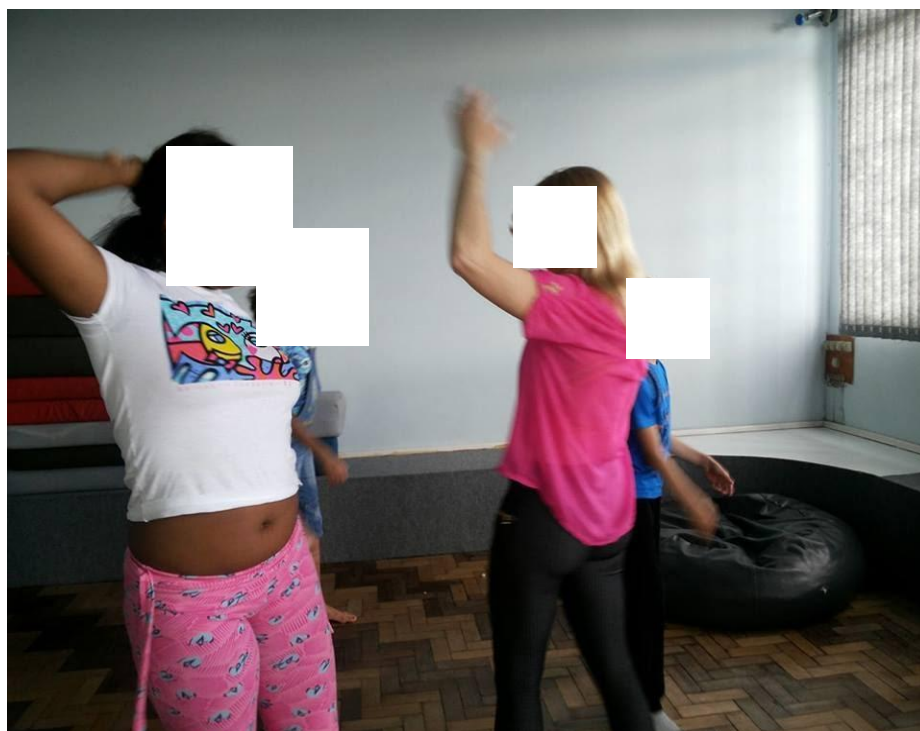


Figura 40

Fonte: Registro dos integrantes do grupo, 2015

As figuras 39 e 40 mostram esse diálogo com o mundo invisível, subjetividades não expressadas por meio de palavras, mas recriadas livremente pela dinâmica do movimento.

O sorriso de Perséfone demonstra satisfação e prazer, mostra verdadeiramente como a menina está se sentindo, pois “o homem não consegue dominar a linguagem inconsciente do seu corpo” (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 248), mesmo que ela consiga mentir por meio da palavra a expressão do seu corpo é reveladora. Nas palavras de Marly Meira:

O sensível não está deslocado nem da mente, nem do corpo e nem da corporeidade do meio, na experiência estética do olhar. O estético é pele, víscera, circulação do sangue, metabolismo de anticorpos, pensamentos/nuvens, imaginário nômade, tudo somado e condensado qualitativamente pelo olhar, o que faz com que o desejo de ver seja igualmente a impossibilidade de tocar com as mãos, o abraço do corpo, o arrepiamento da pele. (MEIRA, 2009, p. 109).

Essa experiência estética que acontece através da dança e que permite ver e tocar, não apenas o próprio corpo, mas também outros corpos. Mexe com as nossas

sensações e emoções e, por trabalhar com o “corpo todo”, ativa todos os nossos sentidos, aumenta a nossa sensibilidade e nos torna mais sensíveis e afetivos.

Uma das qualidades interessantes da dançaterapia é que ela não trabalha com gestos estereotipados. Ainda hoje, nas escolas, o pouco que se vê no trabalho com dança, quando o fazem, nas apresentações de fim de ano, é de forma estereotipada, sem a exploração do viés da espontaneidade e da criatividade da criança.

Minha relação com a dança começou cedo. As primeiras experiências de expressão corporal foram na infância, fiz aulas com professores³⁴ de balé, depois na adolescência fiz aulas de *jazz*. Também tive algumas experiências com a dança *afro* e a capoeira. Mais atualmente, tive uma breve experiência com bailarinos da Escola de Teatro Bolshoi de Santa Catarina, no 24º Fundarte, em Montenegro, RS. Essa última experiência foi mais pelo desejo de colocar o corpo em movimento. O balé Bolshoi é muito tradicional, os exercícios devem ser realizados de forma precisa e o aprendizado se dá pela repetição do movimento, são técnicas de execução bastante difícil, muito diferente da dançaterapia que é extremamente prazerosa pela liberdade proporcionada pela criação do movimento.

Apesar de não ter formação acadêmica em dança, acredito que todas essas experiências, que começaram ainda na infância e continuaram na adolescência, me ajudaram para que agora, na idade adulta, fosse possível eu realizar uma oficina uma dança.

A dança é uma das atividades mais antigas da história da humanidade, os povos primitivos dançavam entre outras coisas para se comunicar com os deuses, pedir proteção na caçada, para a colheita farta. Há registro da dança na arte rupestre.

Devido aos muitos benefícios, já citados anteriormente, ela é benéfica em todas as fases do desenvolvimento e por isso pode e deve ser trabalhada desde a infância até a idade mais madura.

³⁴ Esses professores ofereceram (e alguns ainda oferecem) práticas, cada um na sua especialidade, na cidade de Pelotas. Escola de Bale Cristiane Oliveira. Cia da dança professora Isabel Grinberg. Professor Daniel Amaro (dança afro). Professor “Cabeleira” (capoeira).

A infância é um período de grande intensidade emocional, e por isso nessa fase o trabalho com a linguagem corporal permite a criança liberar seus impulsos naturalmente, favorecendo no seu processo de individuação.

Na adolescência, a dança contribui para enfrentar o choque das mudanças corporais, a energia do movimento faz nos sentir mais belos, saudáveis e harmonizados com o nosso corpo. O movimento corporal influencia o nosso bem-estar físico, mental e afetivo, porque é através do corpo que entramos em contato com os nossos sentimentos e damos vazão às nossas emoções. Acontece que muitas vezes, por razões inconscientes, nos sentimos limitados em demonstrar nossas habilidades e potencialidades e aí “o corpo produz coisas que não gostamos, por isso ele frequentemente se presta à personalidade do lado sombrio do ego” (JUNG, 2004, p. 18). Quando o corpo e a mente não conversam, ou conversam de forma inadequada as coisas perdem o sentido e o nosso processo de descobertas se torna sofrido.

Depois de uns 20 minutos de dança, organizamos novamente, um círculo e perguntei ao grupo: “Quais as sensações que a dança provocou?” As palavras foram as seguintes: “Ritmosa”. “Bem”. “Eu me senti como se estivesse assim, em outro mundo, fora daqui, me senti no paraíso!” “A gente bota as energias ruins para fora, brinca, é muito gostoso”. “Vida”. “Não me senti com coragem para me soltar”. “Não estou me sentindo bem para mexer o corpo”. “Eu me senti no mundo dos dinossauros”. Íris e Apolo permaneceram calados eles não conseguiram desbloquear seus temores. Nas outras falas percebi sensação de prazer e satisfação com sigo mesmo, e ainda teve quem revelou o encontro com a ancestralidade.

Então, pedi que deitassem no chão, ficassem com os olhos fechados e respirando profundamente deixando as imagens fluírem livremente na mente. Durante uns cinco minutos, ficamos respirando e imaginando.

Conforme tenho observado, o exercício respiratório muitas vezes é difícil de ser executado, principalmente pelas crianças. Algumas crianças não conseguem desenvolver de forma correta essa ação. Quero abordar, brevemente, a importância dos exercícios de respiração, pois existe um reconhecimento mundial das artes

terapêuticas sobre a importância do elemento ar. Como tenho experiência apenas com a astrologia, falarei do elemento ar apenas sob esse viés.

A astrologia tem como princípios fundamentais o estudo dos quatro elementos (fogo, terra, ar e água). Estes são considerados a energia vital do ser humano. Segundo esse estudo, todos nós temos um pouco de cada elemento, porém em proporções diferentes, e é a relação proporcional desses elementos que dá o tom a nossa personalidade.

O elemento ar está relacionado ao sistema nervoso: sensação mental, percepção e expressão da mente. Segundo Stephen Arroyo (1946), astrólogo renomado e professor de universidades norte-americanas, os elementos representam tipos específicos de consciência e percepção.

O elemento ar é a energia vital que tem sido relacionada à respiração ou com aquilo que os iogues chamam de “prana”. O domínio do ar é o mundo das ideias arquetípicas, que estão atrás do véu físico, da energia cósmica convertida em padrões de pensamento específicos. Está associado às linhas geométricas de forças que funcionam através da mente, à energia que modela os padrões das coisas que virão. (ARROYO, 1975, p. 108).

A astrologia diz que a falta desse elemento ou o excesso dele no mapa astral poderá nos dar uma perspectiva diferente com relação ao desenvolvimento de doenças. Com pouca ênfase do elemento ar no mapa astral, ocorre que a pessoa não consegue se analisar e tem dificuldades para refletir sobre seus atos. São pessoas que:

Raramente são notadas por seu poder de raciocínio e pela clareza de sua expressão. Às vezes, o sistema nervoso é débil e a falta de habilidade para se ajustar rapidamente às ideias novas pode, em alguns casos, provocar problemas psicossomáticos. Estas pessoas podem ter reações violentas quando ouvem uma ideia que não conseguem assimilar mental e emocionalmente. Suas reações físicas às ideias não assimiláveis ou a novos tipos de pessoas choca-as a tal ponto que elas ficam fisicamente doentes, ou então insultam de uma maneira irracional, num esforço para eliminar a fonte deste pensamento ameaçador. (ARROYO, 1975, p. 129).

Por outro lado, aquelas pessoas que têm uma ênfase excessiva do elemento ar no mapa natal possuem uma mente por demais ativa. Fisicamente podem estar fora de contato com seu corpo, chegando a um ponto de exaustão total. O sistema

nervoso é sensível, e esgotam a energia nervosa muito depressa, uma vez que a usam mais.

Essas pessoas podem fazer qualquer coisa sem uma reflexão prévia, o que leva, em casos extremos, a uma paralisia da vontade e a graves desordens psicológicas. A mente pode fazê-las fugir da realidade, às vezes levando-as para um mundo da imaginação e de esplendor conceitual, outras para um senso de “realidade” totalmente fora de contato com o que é possível. (ARROYO, 1975, p. 130).

Para a ciência tradicional, o ar é a primeira expressão que dá origem à vida. É por isso que o bebê chora ao nascer. O ar é tão importante que, se faltar oxigenação no cérebro no momento do nascimento de uma criança, gera consequências e sequelas para a vida inteira.

Na medicina tradicional, sabe-se que o exercício respiratório, quando realizado de forma correta, contribui para desobstruir o nariz e assim favorece o bem-estar físico, aumenta a capacidade de sentir cheiros ou gostos, ajuda a melhorar rinite, asma, dores de cabeça, diminui a ansiedade, acalma e aumenta o poder de concentração.

Os exercícios de respiração e imaginação juntos deixam o corpo e a mente mais relaxados, a técnica permite a aproximação com o nosso mundo inconsciente.

Conforme os integrantes do grupo estavam ficando mais relaxados e as imagens estavam surgindo na mente, pedi que desenhassem no papel.

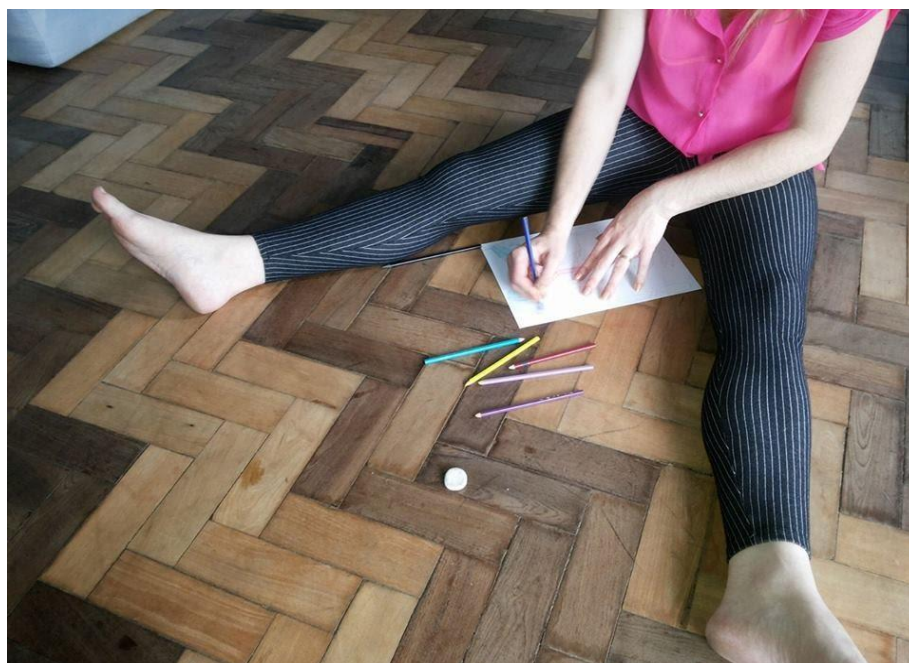


Figura 41
Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 41 mostra o momento da atividade de desenho. Cada um escolheu um lugar para construir as imagens, uma fonte de experiência do agora.

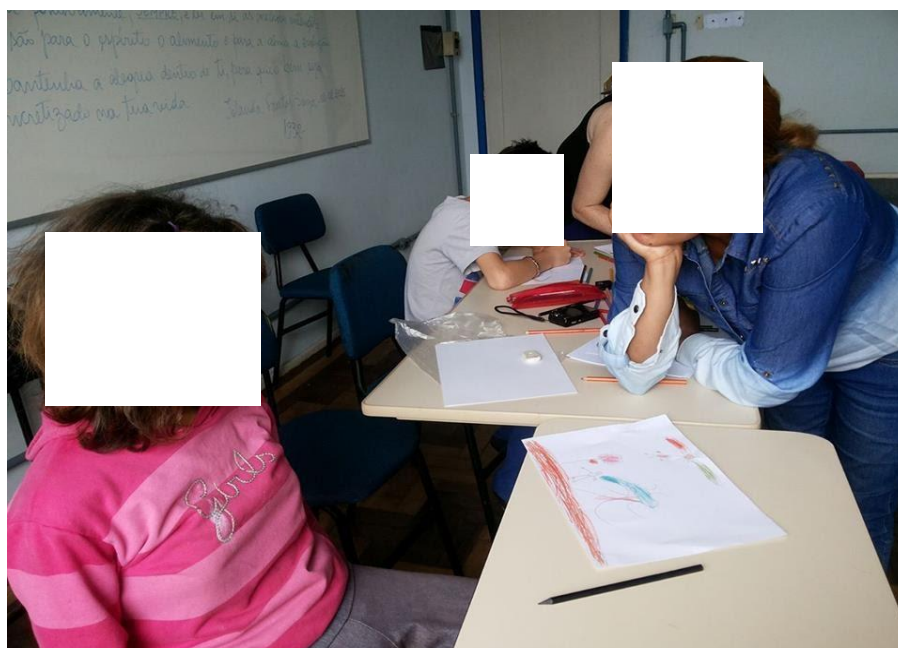


Figura 42
Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 42 mostra a construção de uma prática de cuidado entre os membros do grupo, pelo ato de ajudar.

Depois de terem criado imagens coloridas, perguntei: “Qual a relação dos desenhos com as palavras de vocês?”

Meu desenho tem pedras no caminho, que são as marcas das coisas que a gente tá sentindo, mas nem tudo é ruim na vida da gente, então aqui são as marcas do que a gente tá se sentindo mal e o vento na leveza das flores indo parece que tá dançando. Não sei se tu notou que em tudo eu boto flor! Hoje eu não quero pintar, quero fazer as energias bem como eu tô hoje.

Após essas expressivas palavras de Atena surgiram assuntos sobre as experiências vividas em lugares em contato com a natureza: cachoeiras, bichos exóticos, parque aquático. Mostraram fotos no celular. Sugeriram organizar um passeio do CAPS-i para “um lugar bonito desses”.

Esse assunto trouxe um desejo do grupo que aponta para a dupla natureza da cartografia, ao mesmo tempo como pesquisa e intervenção na realidade das coisas.

De um lado, como processo de conhecimento que não se restringe a descrever ou classificar os contornos formais dos objetos do mundo, mas principalmente preocupa-se em traçar o movimento próprio que os anima, ou seja, seu processo constante de produção. De outro, assinalaremos a cartografia como prática de intervenção, mostrando que acessar o plano de forças é já habitá-lo, e nesse sentido, os atos cartográficos, sendo também coletivos de forças, participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão. (ESCÓSSIA; TEDESCO, in PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, v. 1, p. 92).

A pesquisa sugeriu novos caminhos para investigar fenômenos da realidade que ainda poderão acontecer em outro momento. Parece-me importante questionar como é a visão do grupo em relação à natureza.

Em primeiro lugar, para provocar a ampliação do olhar e assim ser capaz de atingir outras dimensões dos objetos de conhecimento, ou seja, da processualidade que marca os acontecimentos do mundo. E, em segundo lugar, para realizar-se como pesquisa intervenção. (idem, ibidem, p. 99).

Observar se o grupo se considera como parte integrante de um todo maior que é o cosmos³⁵. Uma dinâmica bastante interessante em vista do momento atual da sociedade, em que o homem vem perdendo, cada vez mais, as relações sensíveis com a natureza. Conforme Guattari alerta:

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. (1990, p. 7).

Mas no nosso dia a dia, essas situações estão se tornando tão comuns que estamos perdendo nossa sensibilidade para as questões da vida e da natureza, sem nos darmos conta, pensando apenas nas questões da lógica da razão. Será interessante vivenciar novas descobertas afetivas.

4.5 Oficina do dia 04/12/2015

Nesse dia participou o mesmo grupo da semana anterior, com exceção de Afrodite que só foi ao CAPS-i para deixar a filha Íris, num total de sete pessoas.

Como das outras vezes, nos dirigimos à faculdade, local da realização da dançaterapia. Depois de organizarmos o material, perguntei se estavam escrevendo nos diários, e as respostas foram as seguintes: “Ainda não comecei”. “Eu só coleí umas figurinhas dos minions”. “Só escrevi quando estava com muita raiva, eu vou apagar tudo que eu escrevi!” Nessa fala a mãe completou, explicando que foi uma semana difícil, que a filha estava muito revoltada. Penso que talvez não tenham escrito nos diários em virtude de não quererem expor situações difíceis ou que considerem vergonhosas. Talvez uma pesquisa mais longa favoreça o processo da escrita.

Alguns estavam ansiosos para começar a dançar e logo começamos.

³⁵ Do grego antigo - Kósmos significa beleza, ordem, organização, harmonia – É o conjunto de tudo que existe na relação de mundo entre o Universo (macrocosmo) e o homem (microcosmo).



Figura 43
Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 43 mostra o grupo adquirindo autonomia nos movimentos, criando suas próprias relações com o espaço. Durante a dança, os alunos se empolgaram e a partir das músicas da semana anterior fizeram sua própria seleção. Escolheram as músicas tais como: *My heart will go on* (tema do filme *Titanic*) / *Dancing queen* (Abba) / *She* – Elvis Costello / *Clair de lune* – Claude Debussy³⁶.

Perséfone comentou que acha linda a música de Debussy. Concordei com ela, pois tenho carinho especial por essa música. Na época da faculdade de Artes, quando participei do grupo de pesquisa “A caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas no séc. XX” preparei uma apresentação, um pequeno vídeo sobre a vida e a obra da escultora francesa Camille Claudel, e essa foi a música escolhida para o vídeo. A música de Debussy sempre me traz lembranças boas desse trabalho, e novamente me acompanha, agora, através da dança, uma das coisas que mais gosto de fazer, dançar!

³⁶ Claude-Achille Debussy (1862-1918), músico e compositor. Nasceu na França. Começou a estudar música ainda na infância, seu talento musical produziu uma obra bastante diversificada de diferentes gêneros, vocal ou instrumental, sinfônico ou de câmara. Foi um dos principais articuladores da revolução artística no final do século XIX.

Segundo a filósofa Marilena Chauí, para formar as lembranças, em nosso processo de memorização entram componentes objetivos³⁷ e subjetivos³⁸, e é por isso, que:

Guardamos na memória aquilo que possui mais significado ou maior impacto em nossas vidas, mesmo que seja um momento fugaz, curtíssimo e que jamais se repetiu ou se repetirá. É por isso também que, muitas vezes, não guardamos na memória um fato inteiro ou uma coisa inteira, mas um pequeno detalhe que, quando lembrado, nos traz de volta o todo acontecido. (CHAUÍ, 2000, p. 162).

Em seus estudos Chauí afirma que, embora nosso cérebro possua capacidade de registrar a estrutura dos objetos, sem o componente subjetivo nada ficaria guardado na lembrança, o significado emocional ou o modo como alguma coisa nos impressiona é que nos identifica em nossa existência e singularidade.

Depois de mais ou menos uns 20 minutos de dançaterapia, pedi ao grupo que falassem uma palavra sobre as lembranças que a dança provocou.

As palavras foram as seguintes: “paz”, “alegria”, “vida”, “horror”, “passarela”, “selva”, “céu”.

Após as falas sugeri que deitassem no chão, ou sobre as almofadas, e de forma relaxada praticassem o exercício de respiração profunda, ouvindo o som da respiração e deixando as imagens surgirem na mente.

Então, após alguns minutos entreguei a eles material de desenho e lápis de cor. Após terminarem a atividade, perguntei: “Qual a relação entre as palavras e o desenho?”

“A dança pra mim foi um horror! Eu prefiro desenhar!” “Eu fiz a floresta, os anjos e as pessoas dançando porque elas estavam felizes”. “Eu fiz a passarela porque foi onde o Apolo se apresentou tocando na banda da escola”.

³⁷ São componentes objetivos: as atividades físico-fisiológicas e químicas de gravação e registro cerebral das lembranças, bem como a estrutura do objeto que será lembrado.

³⁸ São componentes subjetivos: a importância do fato e da coisa para nós; o significado emocional ou afetivo do fato ou da coisa para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravada em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziram em nós, etc.

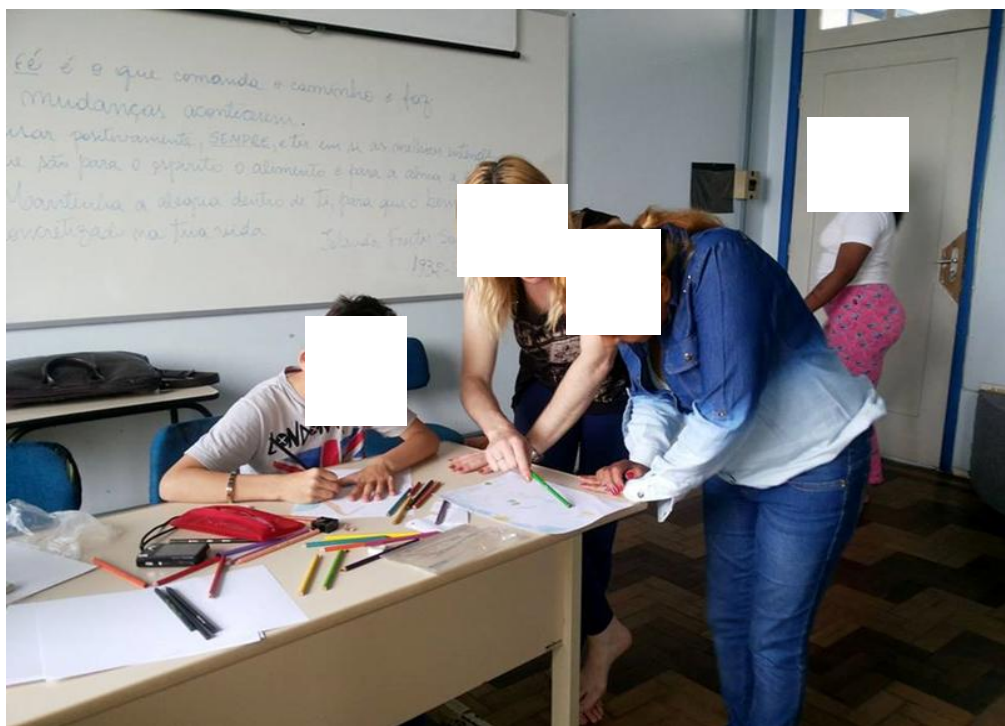


Figura 44

Fonte: Maria Stella Martinelli, 2015

A figura 44 mostra o grupo num momento de descobertas e curiosidades proporcionado pelo fazer artístico. Mas, enquanto o grupo analisava os desenhos dos colegas, Ártemis interveio com o seguinte comentário: “Eu tava vendo na psiquiatria dum negócio lá que eu vi na internet, hoje, eu tava vendo até! Eles pegam todos os desenhos das crianças e dão a avaliação só pelo desenho”.

Hebe, mãe de Apolo, diz: “É! meu sobrinho ta lá no Alfredo Dub³⁹ e lá eles fazem assim”. Ártemis continua:

Aí se eles veem alguma coisa de estranho no desenho eles perguntam: “Por que tu fez aquilo?” E cada desenho tem um significado. Aí tinha um desenho, agora esqueci o nome da psicóloga que pegou o desenho que uma criança fez pra ela. Ela desenhou uma cama, desenhou um boneco em cima da cama, mais uma mulher parada e mais um bonequinho com uns pingos d’água, e *perguntou para ela o que é que tinha acontecido. Naquele desenho ela mostrou que tinha sido estuprada, sem ela saber o que tinha acontecido. Mas como é que um desenho numa cama, uma coisa assim*

³⁹ ESCOLA ESPECIAL PROFESSOR ALFREDO DUB - PELOTAS Endereço: Rua Zola Amaro, 379 - Três Vendas CEP: 96.055-83 - Pelotas Telefone: (53) 3223- 0638. Presta atendimento Educacional; Classe Especial; Escola para Surdos. Usuários com deficiência intelectual; Deficiência Auditiva; Surdez; Deficiência Múltipla. Faixa etária: Surdez a partir de 02 anos; Deficiência Mental de 06 a 14 anos.

duma mulher parada, como é feito aquilo ali? Aí, pelo desenho, viram que ela tinha sido estuprada, estranho, né? Ela desenhou aquilo, acho que era o que ela sentia.

Foi a partir dessa fala de Ártemis que despertei para uma atividade que muito me interessa a leitura das imagens.

Para habitar um território existencial,

O cartógrafo se guia sem ter metas determinadas. Seu caminho (hódos da pesquisa) vai se fazendo no processo, indicando essa reversão metodológica que a cartografia exige (hódos-metá). Por isso a ocupação de um território numa pesquisa não pode ser iniciada com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. (ALVAREZ; PASSOS, in PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, v. 1, p. 138).

É preciso deixar que as falas do grupo e os acontecimentos indiquem um caminho a ser percorrido. E foi o que fiz no encontro seguinte, quando trabalhei com o grupo a leitura dos desenhos deles. Embora apenas quatro pessoas tenham participado da leitura, mesmo assim essa atividade foi muito gratificante, pois eles mesmos fizeram as leituras das imagens e não uma pessoa externa com o objetivo de uma verdade absoluta, além disso, essas leituras favoreceram o entendimento de que esses desenhos expressivos eram vivências do momento atual deles.

4.6 Oficina do dia 11/12/2015 – Leitura de imagens

Nesse dia as atividades foram realizadas no ateliê de arte do CAPS-i. Realizamos junto à análise das imagens, uma leitura formal, de forma mais livre e intuitiva.

As pessoas que não compareceram ligaram ou já haviam avisado antes sobre os motivos da falta. Uma dupla avisou que estaria viajando e a outra disse que não poderia estar presente na oficina por motivo de saúde.

Para ampliar o conhecimento sobre as imagens, utilizei o livro *Imagens do inconsciente* (SILVEIRA, 1981). Esse livro é uma das melhores referências para o estudo das imagens no campo da saúde mental, pois reúne conhecimentos adquiridos durante muitos anos de pesquisa da Dr.^a Nise em hospital psiquiátrico.

Ela relaciona os conceitos da psicologia junguiana com os símbolos representados nos desenhos, pinturas e cerâmica dos internos. Outros dados foram retirados dos livros *A linguagem da astrologia* (GILLETT, 2012) e *A linguagem dos símbolos* (FONTANA, 2012). O livro de Cleusa Castell também contribui com experiências gráfico-plásticas, vinculadas a experiências contextualizadas de seus atores.

A seguir, as leituras das imagens. São doze desenhos produzidos durante dois dias de oficina. Para os registros dos dados dessa oficina realizei apontamentos no livro diário e utilizei ainda como recurso de áudio o gravador.



Figura 45 – Desenho de Ártemis, mãe de Dionísio. Idade não divulgada
Foto Maria Stella Martinelli

A respeito da figura 45, perguntei ao grupo: “Como é o espaço geográfico no desenho?” Responderam: “Eu vejo a natureza, uma casa”. “As pessoas parecem que têm asas, né? Olha ali”. “Tem animais, os pássaros... e a borboleta. Estão voando no céu”. “Tem o sol, parece um dia bonito!”.

O Sol, desde a antiguidade, era adorado por muitas culturas e associado à divindade suprema de muitas religiões como símbolo de vida, luz, poder e sabedoria.

O mundo greco-romano representava o deus sol Hélios em uma carruagem puxada por quatro cavalos, imagem usada pelos primeiros cristãos para representar Cristo, o “sol da retidão”. A criatividade do Sol foi expressada no deus Apolo, patrono da luz, da verdade, das profecias, da medicina, das curas, da música, da poesia e das artes, e senhor das Musas. Quando não era honrado, Apolo podia trazer enfermidades e pragas mortais, mostrando o lado mais destrutivo do Sol. Na Ayurveda, a dádiva de vida e calor que o Sol oferece é chamada “prana” – energia. Os maoris da Nova Zelândia usam a palavra Ra para se referir a ele, e ao dia. Desde tempos antigos, regentes absolutistas queriam ser reverenciados como provedores de todas as necessidades de seu povo – como o Sol. (GILLET, 2012, p. 28).



Figura 46 – Estátua de Apolo na Academia de Atenas, Grécia.
Foto: Haris Vythoulkas / Shutterstock.com
Fonte: infoescola.com

Na mitologia grega o deus Sol é representado por Apolo (figura 46). Simboliza a clareza, a iluminação, a profecia, as artes e a música. Na linguagem astrológica, o Sol é o elemento mais importante, representa a autoexpressão, está associado à essência do indivíduo e o poder de criação. Sua posição no mapa astral “representa o seu ‘eu’ interior, a sua personalidade e o seu ego” (MARCH; McEVERS, 1981, p. 84). Uma leitura do Sol, na casa astrológica, no signo e os aspectos que ele faz com outros planetas no mapa astral nos dá uma ideia bastante ampliada da personalidade do indivíduo.

Sua posição no zodíaco no momento do nascimento é o primeiro – e, para muitos, o único – fato astrológico considerado. Essa posição revela como nossa luz brilha como buscamos nos projetar e influenciar família, amigos e sociedade. O sol representa todas as experiências que nos fazem acreditar em nós mesmos. Determina como criamos, não apenas artisticamente, mas também como nos divertimos, como experimentamos o prazer e o proporcionamos aos outros. Ele também simboliza a alegria ingênua da infância e da juventude, tempos em que tudo parece possível, desde que, como o sol, continuemos em movimento. (GILLET, 2012, p. 29).

A psicologia junguiana considera o Sol como simbolização da personificação e do ego; o Sol é o ponto de referência, o centro controlador da consciência.

O sol simboliza na psicologia junguiana, o ego e seu campo de consciência. A personificação do ego sob forma do corpo refulgente do sol decorre de ser o ego o ponto de referência central da consciência e de sua função criadora do mundo como objeto. É assim que o sol, direta ou indiretamente, está presente em múltiplas versões do mito do herói, quando este, depois de vencer os monstros das trevas, saindo de uma condição de semiconsciência, consegue trazer a realidade para a luz da consciência, recriando o mundo. (SILVEIRA, 1981, p. 315).

Ocorre que pode haver dúvidas quanto ao fato de o sol simbolizar o ego, que é apenas uma parcela do *self*, e simbolizar também o *self* que é a totalidade psíquica. Sobre isso, Jung deixa claro que,

Dada a importância essencial do ego como ponto central da consciência e suas peculiares funções, a parte (ego) poderá ser usada em lugar do todo (self). Mas, quando se trata de dar ênfase à totalidade psíquica e suas amplas implicações das quais a não menor é a de representar a imagem de Deus, tão comumente simbolizada pelo sol, dever-se-á usar o termo self. Nisso não há contradição, mas meramente uma diferença de tomada de ponto de vista. (SILVEIRA, 1981, p. 135).

Nise da Silveira, no capítulo 10 de seu livro, apresenta o tema mítico do deus Sol, elemento que ela encontrou em muitas pinturas de seus pacientes. Segundo a autora, “a presença dos astros é frequente nos delírios dos esquizofrênicos e em sua produção plástica” (SILVEIRA, 1981, p. 319).

Jung refere que o sentimento de interligação cósmica não é raro na esquizofrenia, tanto na forma de relatos como nos registros nas pinturas. O pintor Vincent Van Gogh (1853-1890), que sofria de esquizofrenia, mantinha uma forte ligação com os astros, conforme se observar na imagem da figura 47.



Figura 47 – “O semeador”, Van Gogh
Fonte: brasileiros.com.br

Ao nível físico, também podemos sentir a energia do sol, na luz e no calor. Muitas pessoas acreditam que a energia e o brilho do sol influenciam o nosso estado de humor, algumas se sentem com mais energia, disposição, alegria e vigor físico em dias ensolarados, e, ao contrário, quando o dia está nublado ou cinzento, sentem-se menos dispostas. Alguns falam até em estado de depressão ou pouca motivação.



Figura 48 – Desenho de Atena, mãe de Perséfone. Idade não divulgada
Foto Maria Stella Martinelli

A respeito da figura 48, pergunto: Que tipo de ambiente parece que é na imagem? “É um jardim, dá prá ver bem!” “Dá pra ver até o vento sacudindo as plantas”. Perséfone chama a atenção: “Nesse jardim não tem sol?” “Não, mas são bonitas as flores, né? Olha que bonitas! Tem vários tipos e olha as cores, ela fez bem colorido”.

Essa imagem foi muito importante, pra mim, um tanto quanto reveladora. Comecei a prestar atenção nas flores e o que me surpreendeu é que se trata de mandalas, na forma orgânica.

As formas circulares encontradas na natureza são mandalas, surgem como um mecanismo de defesa da psique, para impedir a emergência de conteúdos das camadas profundas do inconsciente. Mas, segundo Silveira, além de formas orgânicas podem surgir também formas espontâneas abstratas, altamente complexas, feitas especialmente por esquizofrênicos.

A tendência em abstrair a forma resulta em um fenômeno que Jung denominou de dissociação psíquica⁴⁰. A fragmentação das formas nos desenhos pode se manifestar de várias maneiras – desde desenhos caóticos: corpos sem braços ou pernas, pedaços de corpos de animais, até formas abstratas altamente complexas, sinais do despedaçamento da personalidade.

Imagens circulares ou tendências ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos frequentadores do ateliê do hospital psiquiátrico. Tive grande dificuldade de compreender. (SILVEIRA, 1981, p. 50).

Fundamentada em Worringer, a autora reconhece que:

O sentimento estético move-se entre dois polos: a necessidade de empatia e a necessidade de abstração. A arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico. Por meio de processos de abstração, o homem procura um ponto de tranquilidade e refúgio. (SILVEIRA, 1981, p.17).

Na imagem da figura 48, o sentimento estético e a necessidade de empatia, esta representado na expressão de liberdade no desenho do jardim, na diversidade das formas orgânicas. É um jardim livre de estereótipos, uma poética visual própria.

A cor aqui pode ter a função de compensar a ausência do sol.

Silveira afirma que “pintar o que vemos diante de nós é uma arte muito diferente de pintar o que vemos dentro de nós” (1981, p. 135). Já observei nas oficinas do CAPS-i que algumas crianças se negam a colorir o desenho que elas

⁴⁰ Esse fenômeno ocorre quando conteúdos perigosos do mundo interno se apoderam de todo o espaço psíquico.

próprias produzem, dizem que o desenho é feio ou que não gostam de pintar com lápis de cor, porém se ofereço tinta logo se empolgam.

É interessante sair pra rua e fazer desenhos de observação, utilizar a cor para realçar as impressões do ambiente. Essas novas relações trazem percepções mais elevadas acerca do mundo que nos cerca.

O próprio Jung atribui à pintura função terapêutica:

Por intermédio da pintura, o caos aparentemente incompreensível e incontrolável da situação total é visualizado e objetivado [...]. O efeito deste método decorre do fato de que a impressão primeira, caótica ou aterrorizante, é substituída pela pintura que, por assim dizer, a recobre. O *tremendum* é exorcizado pelas imagens pintadas, torna-se inofensivo e familiar e, em qualquer oportunidade que o doente recorde a vivência original e seus efeitos emocionais, a pintura interpõe-se entre ele e a experiência, e assim mantém o terror a distância. (SILVEIRA, 1981, p.135).

Um fenômeno denominado de transfiguração. Quando acontece uma transformação física na imagem, implica numa transformação da forma. A luz exalta e glorifica para o bem, uma transformação espiritual⁴¹. As formas quando coloridas são mais alegres aos nossos olhos, por isso é importante pintar para que a alegria da alma aumente.

⁴¹ http://licoedosespiritos.blogspot.com.br/2013/12/reflexoes-sobre-transfiguracao_20.html

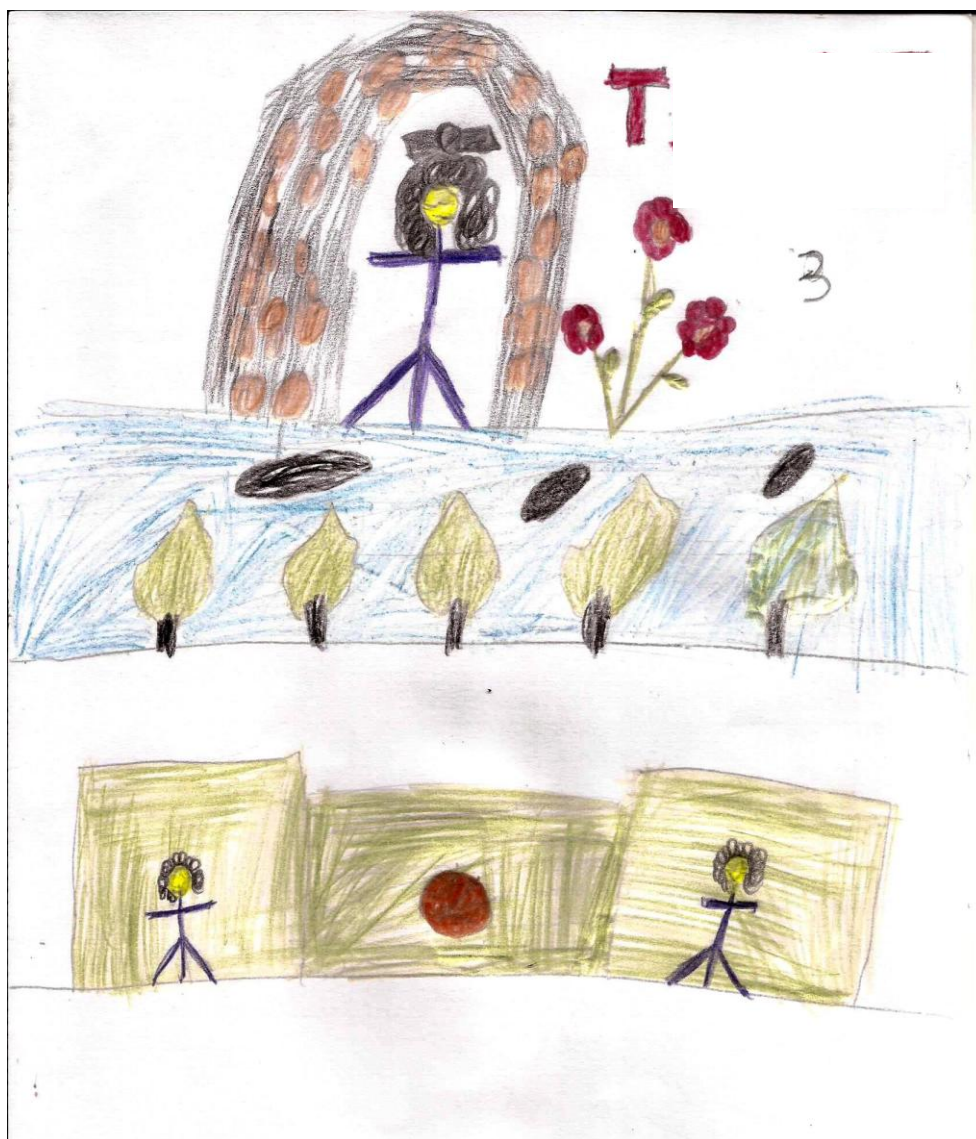


Figura 49 – Desenho de Hebe, mãe de Apolo. Idade não divulgada
Foto Maria Stella Martinelli

Com relação à imagem da figura 49, pergunto a eles: “De que trata o desenho? Quais os símbolos que identificamos?” “Ah! tem quadrado, círculo, retângulo”. “E o que mais vocês observam?” “Parece que tem uma pessoa no interior, parece uma gruta, tem uma flor ao lado”.

Apesar de não conseguirmos entender do que trata o desenho, eles conseguiram identificar formas geométricas. Essas formas, quadrado, círculo,

retângulo são consideradas sagradas. Na antiguidade havia uma forte crença de que o mundo fora criado de acordo com princípios matemáticos, sendo a geometria uma das manifestações desse fato. (FONTANA, 2012, p. 126). Segundo o autor, as formas geométricas são símbolo do princípio divino presentes na arquitetura do universo e também amplamente encontrados na natureza – do corpo humano aos veios de uma folha.

Roberto Pontual, no livro que coordenou sob o título *Geometria sensível*, coloca o problema: junção de dois elementos à primeira vista conflitantes – geometria supõe cálculo, frieza, determinação, rigor, exercício da razão; sensível sugere imprevisibilidade, animação, alternância, indeterminação, prática intuitiva. (SILVEIRA, 1981, p. 31).

A combinação desses elementos, o quadrado e o círculo, significaria uma luta interior entre a razão (linhas retas) e a emoção (linhas circulares) em busca de equilíbrio interior.

O arco arredondado mostra a necessidade de proteção, sugeri incomunicabilidade da pessoa em relação aos seus sentimentos, simboliza a fé e a religiosidade representada na imagem de uma gruta sagrada.

As formas circulares são o centro orientador da consciência aquilo que Jung denominou como sendo o *self*. Representa o princípio intuitivo de “autocura”.

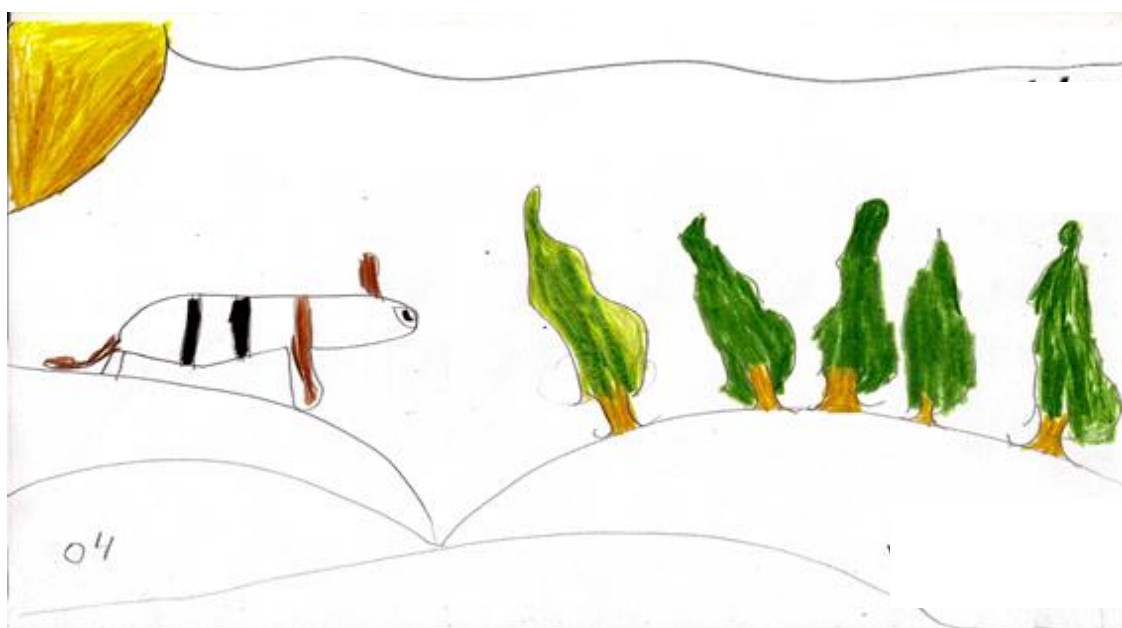


Figura 50 – Desenho de Perséfone, 12 anos
Foto Maria Stella Martinelli

Na imagem da figura 50 surge a pergunta: “Que é esse bicho aí?” “Eu fiz um tigre”. Pesquisando sobre a simbologia do tigre, fiz algumas associações com as falas da autora. Conversando com Perséfone, perguntei sobre a escola; ela disse que estava bem, mas que não gostava de ir à escola. A menina é uma das poucas usuárias do CAPS-i que estuda num bom colégio particular. Comentei então sobre as coisas boas da escola, como o encontro com os colegas; ela disse que não gosta e não tem nenhum amigo, não gosta de fazer amizade, gosta de ficar sozinha.

A mãe da menina comenta sobre uma confraternização de fim de ano dos funcionários da empresa onde o namorado trabalha.

Nós fomos [numa] fazenda, [...] tava muito bom! Tivemos uma tarde maravilhosa! Tinha bichos, capivara, peru, pato, pavão.., quando nós tava chegando de carro, tinha mais de 20 capivaras caminhando e o macho atrás, coisa mais linda!

Intervim, perguntando: “Vocês passeiam muito juntas?” A garota respondeu: “Não, eu não gosto de sair, eu gosto de ficar em casa”. A mãe continuou: “Eu adoro sair! Mas [ela] não gosta, ela gosta de ficar em casa”. A necessidade de ficar só é uma das principais características do tigre.

O tigre é o maior animal entre os felinos, é mais solitário que o leão e raramente sai da floresta, exceto em épocas de procriação. E por isso é considerado misterioso e dotado de poderes sobrenaturais, além de representar ferocidade e valentia. (FONTANA, 2012, p. 63).

Para os povos primitivos, a “alma” ou psique, não é compreendida como uma unidade. O etnólogo francês Lévy Bruhl (1857-1939) observou que os povos primitivos supõem que o homem tenha uma “alma do mato”, além da sua própria alma, que se encarna num animal selvagem ou numa árvore com que os indivíduos possuam alguma identidade psíquica. A isso Bruhl chamou de “participação mística”, ou seja, para ele, carregamos conosco um resíduo desse estado primitivo.

E o que mais vocês observam? “Tem o Sol e aquelas árvores”.

Partindo do princípio de que a forma circular representa o “campo de consciência”, o semicírculo na figura do Sol indica um estágio de desenvolvimento de procura pelo centro ordenador da consciência.

O tamanho grande do Sol na imagem chama atenção, pois o sol em excesso produz destruição. “O aspecto negativo do sol é enfatizado nos países quentes, onde o ardente sol do meio dia destrói a vegetação” (SILVEIRA, 1981, p. 324). De certa maneira essa representação exagerada no tamanho do Sol mostra esse outro lado do Sol, a luz radiante demais, por vezes,

pode levar a um egocentrismo que nos cega para os interesses dos outros. Mesmo com as melhores intenções, podemos ignorar as pessoas e causar danos. Podemos nos esforçar de forma contraproducente, ou não enxergar as próprias conquistas e os nossos melhores interesses e aceitar o fracasso com facilidade. (GILLET, 2012, p. 29).

Na astrologia o sol representa autoexpressão, no entanto, esse outro lado do sol, acontece quando o Sol faz aspectos negativos (quadraturas e oposições) com outros planetas no mapa, promovendo então, tendência a expressar aspectos negativos na personalidade.

Certas características, como o egocentrismo ou o sentimento de fracasso, encontramos nos modelos de comportamento, que Jung denominou de arquétipos⁴². Mas eles não determinam os resultados, pois temos o livre arbítrio e podemos

⁴² São modelos de comportamento herdados que passam de geração a geração e se manifestam em diferentes tempos e espaços.

aceitar os ganhos, ou não aceitar as perdas, o que acarretaria danos ou perdas a nós mesmos.

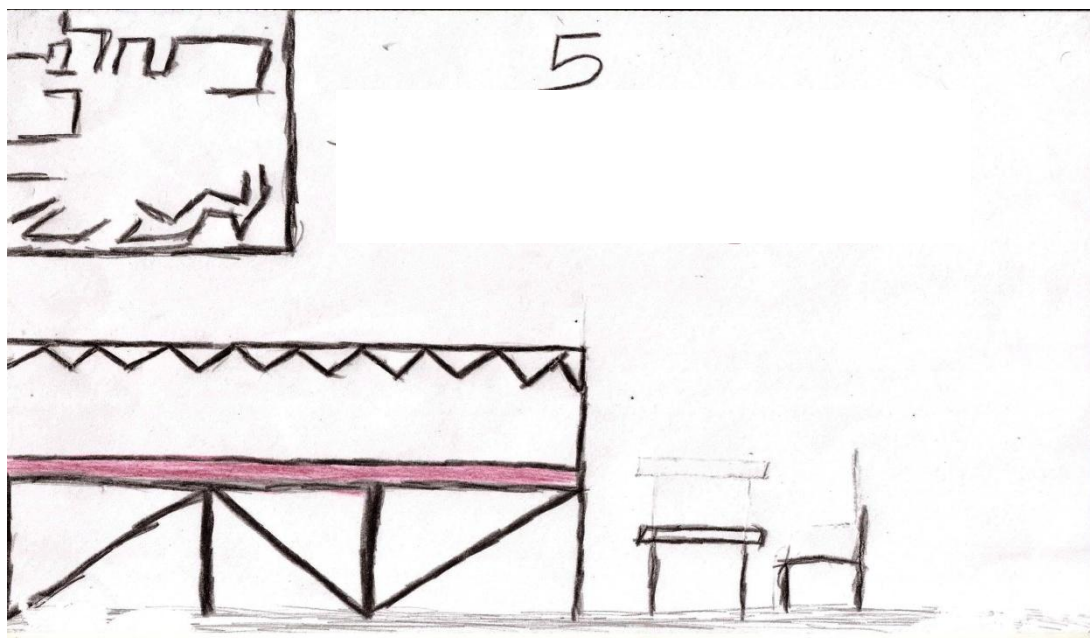


Figura 51 – Desenho de Apolo, 15 anos
Foto Maria Stella Martinelli

Sobre a imagem da figura 51, perguntei: “O que vocês observam no desenho”? “Ele desenhou uma mesa e uma cadeira, mas não tem ninguém sentado ali”!

Inicialmente não conseguimos identificar a cena, mas depois, Atena lembrou que foi falado em passarela.

O desenho é fortemente marcado por: linhas retas e quebradas. O quadrado representa a rigidez e a estabilidade. O triângulo no hinduísmo simboliza a trimúrti, trindade formada pelos deuses Brahma, Vishnu e Shiva respectivamente, como instinto criador, protetor e destruidor. Quando o triângulo aponta para baixo remete a energia da Lua (emoções, instintos, princípio feminino). (FONTANA, 2012).

Segundo Silveira, “são frequentes na esquizofrenia as mandalas providas de pontas no seu contorno, espécie de autoproteção contra ameaças do mundo exterior” (1981, p. 63).

Silveira destaca que os psiquiatras que estudam a esquizofrenia, desde muito tempo, notaram a ausência da figura humana e mesmo das formas orgânicas em geral nos desenhos dos esquizofrênicos.

Uma cadeira vazia fará lembrar a pessoa ausente ou morta que costumava sentar-se ali. Eventualmente despertará noutros o desejo ou a ambição de ocupá-la, quer seja uma simples cadeira familiar, quer a cadeira de um cargo de chefia, uma cátedra ou até um trono. (SILVEIRA, 1981, p. 245).

Em 1888, a relação abalada entre Van Gogh (1853-1890) e o amigo Paul Gauguin (1848-1903) inspirou Van Gogh a mostrar as diferenças sociais e de personalidade entre eles por meio da representação de duas cadeiras, “A cadeira de Van Gogh” e “A cadeira de Gauguin”.

“A cadeira de Van Gogh” simbolizava a personalidade simples de Van Gogh por meio de um ambiente modesto, representado na cadeira sem braços, um cachimbo e um saquinho de tabaco no assento de palha (figura 52).

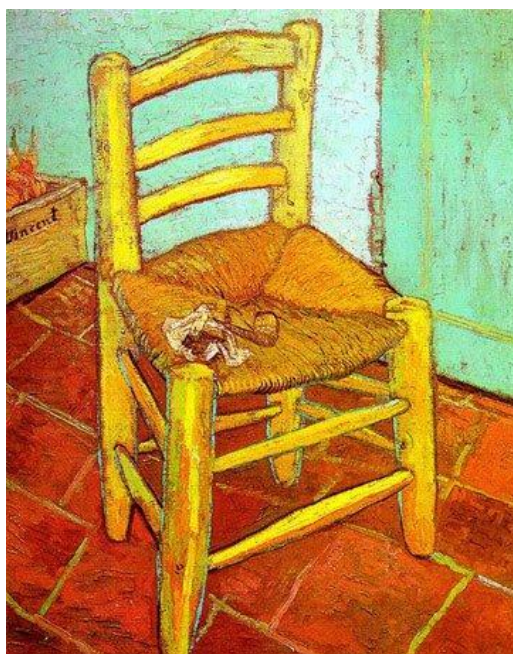


Figura 52 – “A cadeira de Van Gogh”, 1888

Já “A cadeira de Gauguin” está num ambiente mais requintado, tem braços e assento estofado. O livro e a vela simbolizam a personalidade de Gauguin, um homem sofisticado e culto, com grande conhecimento (figura 53).



Figura 53 – “A cadeira de Gauguin”, 1888

O que significaria a cadeira vazia do menino?

Os psiquiatras interessados na produção plástica dos doentes com diagnóstico de esquizofrenia, desde muito tempo, notaram nessas produções a quase ausência da figura humana e mesmo das formas orgânicas em geral. Predominavam a abstração, a estilização, o geometrismo. Estas características foram atribuídas a um processo regressivo que iria da desumanização, não figurativismo, estilização, geometrismo, até a dissolução da realidade. (SILVEIRA, 1981, p. 17).

Essa ausência da figura humana, segundo Silveira (1981), não quer dizer um embotamento da afetividade, ou seja, não significa que o indivíduo perdeu a sensibilidade. Na verdade ele necessita do afeto, porque se encontra em estágio de dolorosa procura pela consciência.

Na obra de Bispo do Rosário, que também tinha diagnóstico de esquizofrenia, a linha em seu percurso de construção da obra, definia os trajetos de sua jornada espiritual.

O labirinto inacabado, na figura 51, simboliza a procura da consciência. O que permite pensar que o garoto vivencia um caminho sem início nem fim a procura de seu “eu”. Labirintos podem ser de dois tipos:

De apenas um trajeto, que embora tortuoso, leva diretamente ao centro; ou de muitos caminhos, como se fosse um quebra cabeças construído para confundir aqueles que entram. O lendário labirinto de Creta era, provavelmente, de múltiplos caminhos. Labirintos de chão de igreja são de caminho único, percorridos por devotos como jornada espiritual simbólica. Outras variações de labirintos são os meandros (múltiplos caminhos, mas sem entrada ou saída) e os nós infinitos, nos quais os caminhos se entrecruzam e formam elos inseparáveis, sem começo ou fim. (FONTANA, 2012, p. 125).

O desenho do labirinto representa o nosso cérebro, uma estrutura altamente complexa. Silveira (1981) diz que as coisas psíquicas são bastante complexas e um desenho não é apenas o mero reflexo de sintomas. Muito mais importante nesse ato de desenhar é a tentativa do indivíduo para superar bloqueios e frustrações; mais do que isso, os desenhos surgem de uma força interior, capaz de ser libertadora para o desenvolvimento de um estágio psicológico mais avançado. A linha do desenho assim como a linha de Ariadne, simboliza o caminho percorrido em nossa jornada de vida.

Nos transtornos psíquicos, esse estágio psicológico mais avançado de consciência encontra muitas barreiras inconscientes. A arte ao promover um diálogo com o mundo intrapsíquico produz novos significados para a vida. Ao negar a arte o indivíduo limita sua expressão. E assim arrisca viver permanente perdido e preso em seu próprio labirinto.



Figura 54 – Desenho de Íris, 15 anos
Foto Maria Stella Martinelli

Na imagem da figura 54, Atena comenta: “A árvore parece que tá voando! Não tem raízes, né, é isso que parece?”

Pergunto: “O que mais chama a atenção nesse desenho?”

“Tem uma flor bem grande, ela é do tamanho da árvore”.

Quando vi o desenho de Íris, tive uma grata surpresa. Ela conseguiu fazer o desenho, sozinha, sem a minha ajuda. Quando começou a participar das oficinas de arte ela não conseguia desenhar. Aos 14 anos, só fazia garatujas⁴³. Começamos a trabalhar com desenhos de observação, natureza morta, ela também via bastantes imagens de livros de histórias.

O recurso de desproporção na figura 54 tem a finalidade de chamar a atenção para alguma coisa. (CASTELL, 2012). Podemos observar que a produção dos desenhos de Íris, figuras 54 e 55, no momento, transitam no “eixo do pensamento simbólico – etapa do esquematismo” (CASTELL, 2012). Ela está deixando o espaço do astronauta (espaço flutuação) e começa a registrar a linha do céu e a linha da terra.

⁴³ Não há representação, os rabiscos expressam movimentos aleatórios e espontâneos.

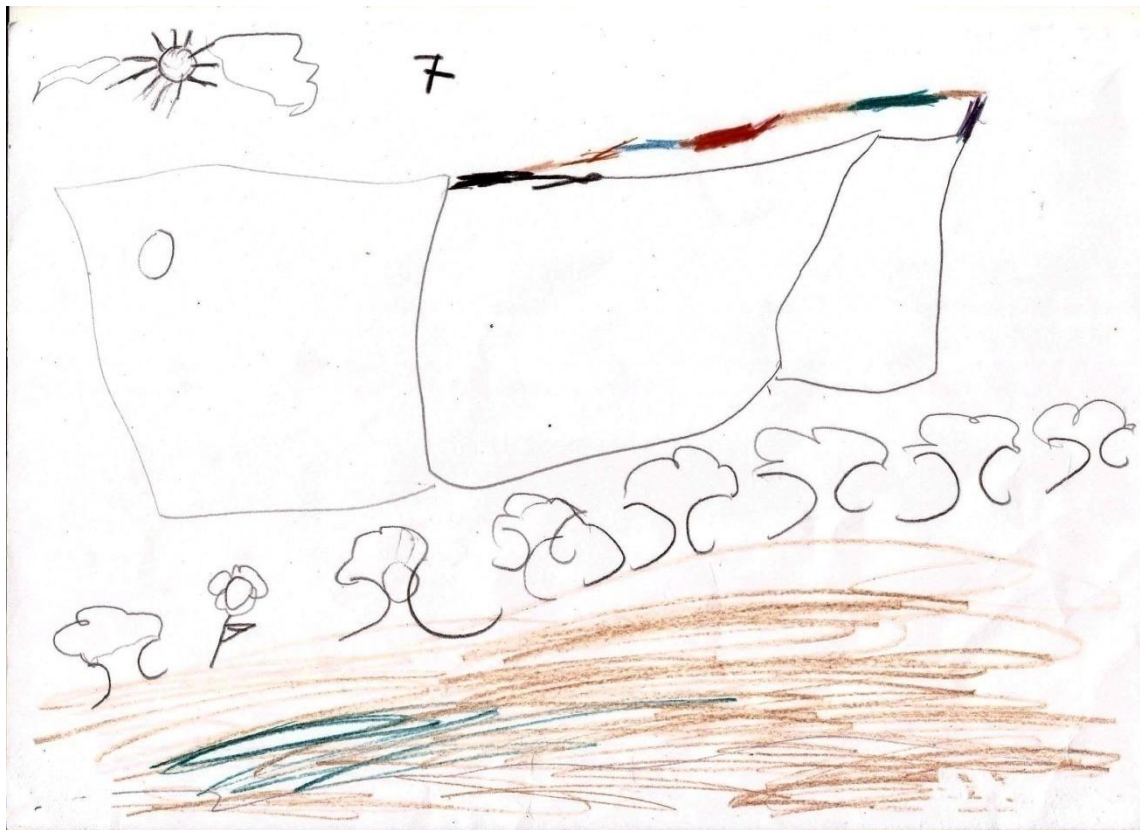


Figura 55 – Desenho de Íris, idade 15 anos
Foto Maria Stella Martinelli

Como acontece na figura 54, em que a flor é maior que a pessoa, na figura 55 a flor está no mesmo tamanho das árvores. Esse recurso de desproporção acontece em escala emocional para chamar a atenção (CASTELL, 2012). A flor simboliza carinho, portanto as relações afetivas são muito importantes para a menina. De fato, percebo nas oficinas, que ela e sua mãe expressam uma relação bastante afetuosa e carinhosa. Foi possível observar essa relação afetuosa na figura 38, quando a mãe segura os braços da menina para ela dançar.



Figura 56 – Desenho de Dionísio, idade 11 anos
Foto Maria Stella Martinelli

“Pô! ele desenha bem, olha a cachoeira!”

As emoções estão representadas no desenho pela simbologia da água, a cachoeira escorre com força e vigor, imagem 56.

Apesar de passivo e feminino, este elemento carrega uma intensa força transformadora: pode ser rápido e violento como uma tempestade marítima, ou sutil e vagaroso como um rio que corta um vale. Muitas tradições, como a Bíblia e a do Egito Antigo, descrevem o mundo antes da criação como um vazio cheio de água e repleto de potencial. (FONTANA, 2012, p. 55).

Nesse sentido a arte tem muito a contribuir como um canal para dar vazão a essas emoções muitas vezes contidas e veladas.



Figura 57 – Desenho de Artemis, mãe de Dionísio. Idade não divulgada
Foto Maria Stella Martinelli

A figura 57 trás muitos elementos da natureza. Pergunto: “Do que trata a imagem? Que elementos vocês identificam?”

“É um monte de criança, elas tão brincando”. “E o que cada uma delas faz?”
“Tem uma que tá andando de bicicleta, as outras estão cantando e dançando”. “E o que será que elas estão sentindo?” “Elas estão felizes!”

O sol brilhando no céu traz à tona uma consciência e uma percepção mais atenta para os significados da vida. Fazendo uma relação com as palavras do grupo, é possível entender que essas coisas simples como: brincar, cantar e dançar, alimenta a nossa alma e nos fazem mais felizes. Oferecer a eles a experiência da dança foi a forma que encontrei para nos conectarmos com o que realmente é importante, a nossa felicidade.



Figura 58 – Desenho de Dionísio, 11 anos
Foto Maria Stella Martinelli

Na imagem 58 pergunto: “De que trata o desenho?” “É um parque de dinossauro, diz ali na placa”. “Por que será que ele desenhou esses dinossauros?” “Não sei, acho que ele deve gostar de histórias desses bichos.”

O processo de criação “depende sempre do repertório, de imaginação, que se constrói pela via de nossa experiência imediata” (CASTELL, 2012, p. 101). A construção desse repertório quando é realizada por meio da arte faz com que a fantasia, o sonhos, a imaginação sejam estimulados de forma saudável, uma maneira de afastar o pensamento racional e indesejado.

O sol aqui representado na forma semicircular indica uma procura pelo centro orientador da consciência. O tamanho e a cor apontam para o excesso de calor. Precisamos nos adaptar e aceitar as perdas, antes que os elementos arcaicos vindos do inconsciente tomem conta de nós, afetando nossas relações com a realidade.



Figura 59 – Desenho de Afrodite, mãe de Íris. Idade não divulgada
Foto Maria Stella Martinelli

Pergunto ao grupo: “Que tipo de ambiente é esse?” “Tem água e tem peixe”. “Que elementos identificamos nesse lago?” “Peixes, golfinho”. “O que é que tem entre as duas árvores?” “Acho que são duas pessoas, eu vejo uma deitada e a outra sentada”. “Eu fiz, eu e meu namorado que morreu, era o que a gente fazia, sentava na rede e tomava chimarrão”.

A água e os peixes representam nossas emoções, tem relação com o sagrado (figura 59). Fontana 2012 refere que os animais sagrados, como os peixes e o golfinho frequentam o mundo inconsciente. Na astrologia o signo de Peixes rege a casa astrológica XII é uma área espiritual onde nos encontramos com a nossa dor e sofrimento.

Os índios consideravam os golfinhos como:

Mamíferos inteligentes [...] mensageiros do mundo espiritual. Os gregos ligavam os golfinhos ao amor, à salvação e ao renascer espiritual, pela

semelhança entre *delphis* (golfinho) e *delphys* (útero). Eram emblemas dos deuses Posêidon e Oceano, e também de Dionísio, deus dos estados alterados. (FONTANA, 2012, p. 71).

No cristianismo antigo, a fé era simbolizada por um peixe. Cristo era representado como “pescador de almas” ou mesmo como um peixe. O peixe também era emblema nas catacumbas e nos sarcófagos de fiéis, símbolo da espiritualidade (FONTANA, 2012). A simbologia do peixe deriva de uma série de episódios milagrosos descritos na bíblia centrados na figura do peixe.

Esse simbolismo reflete o momento que a autora vivência, sofrimento em função da morte do companheiro. A ausência do sol na imagem revela o seu estado de luto. “Quando o sol renasce e de novo se ergue, o peixe que habita na escuridão, cercado por todos os temores da noite e da morte, torna-se a brilhante estrela da manhã.” (SILVEIRA, 1981, p. 325). Os frutos e as flores indicam que dessa relação nasceram muitas coisas boas, como as lembranças de momentos felizes.

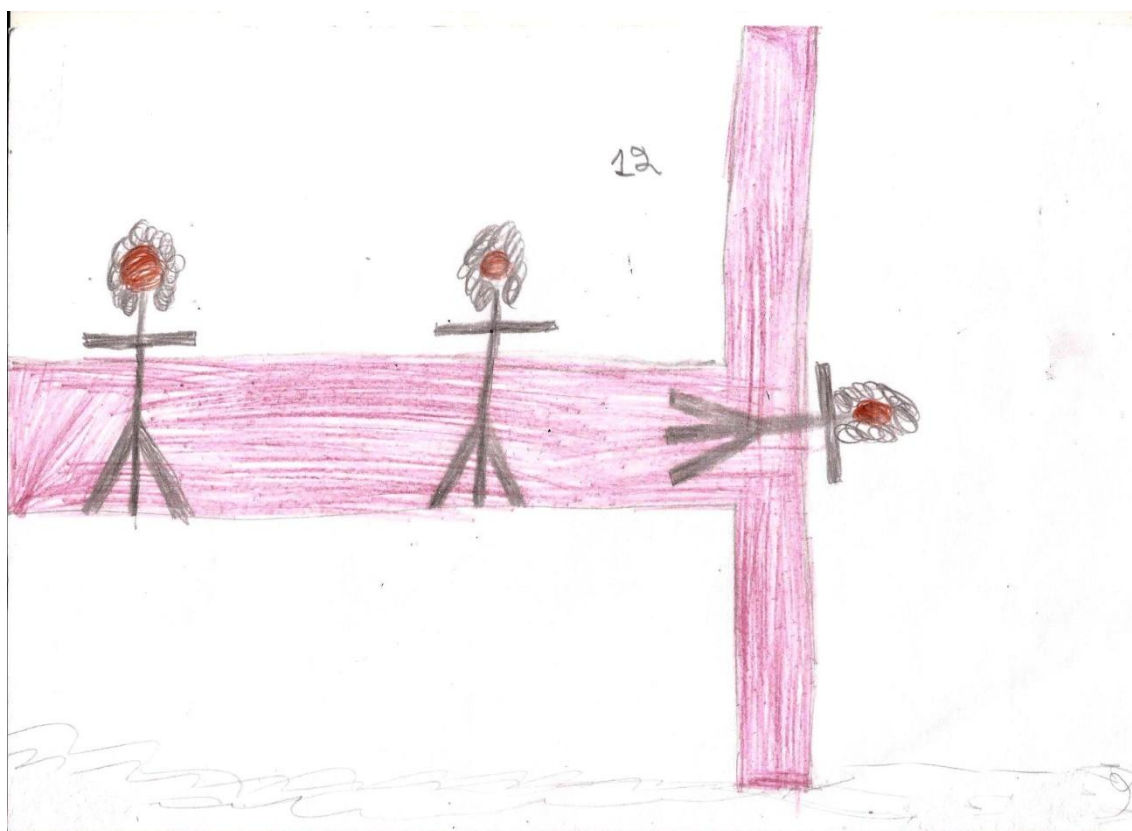


Figura 60 – Desenho de Hebe, mãe de Apolo. Idade não divulgada

Foto Maria Stella Martinelli

Atena olha para a imagem da figura 60 e diz: “É uma cruz? Que coisa engraçada o jeito que ela se sente, Deus que me perdoe, mas parece que ela tem vontade de se matar! E aqueles espaços, aqueles vazios, ela fala tantas coisas boas, mas nesse desenho parece que ela sofre muito”.

Embora o símbolo da figura 60 tenha uma semelhança com a cruz cristã (crucificação, sofrimento) a imagem é uma representação de uma passarela, faz referência a um momento feliz na vida de mãe e filho, a cruz aqui simboliza a fé de que as coisas vão melhorar.

Mas, o que são símbolos? De que maneira se manifestam nos desenhos?

Acredita-se que muitos símbolos surgiram espontaneamente do inconsciente, impulsionados por intuições profundas alojadas nos recantos mais obscuros da mente. Em geral, esses símbolos despertam resposta emocional imediata, inclusive em pessoas para quem eles não são familiares – como se despertassem uma memória perdida. (FONTANA, 2012, p. 11).

A linguagem simbólica do grupo, crianças e adultos que participaram da Oficina Imagens do Inconsciente confirma aquilo que eles expressaram através da linguagem verbal, quando falaram sobre suas vidas no primeiro encontro da oficina. Os símbolos representaram cenas do cotidiano, o ambiente externo e também conteúdos internos provenientes do inconsciente. Representados por meio de símbolos comunicam sentimentos, entre esses: alegria, saudade, sofrimento. Revelaram processos inconscientes e de busca de consciência.

4.7 Os desenhos e a psique

O exercício da leitura de imagens permitiu ao grupo perceber as diferentes maneiras com que cada indivíduo, na sua singularidade, revelou o momento que estavam passando.

Nas leituras, duas coisas chamaram a minha atenção, a primeira foi com relação à iconografia do Sol. Observei nos desenhos espontâneos que, assim como

o que acontece no mapa astral, a representação ou a ausência do Sol pode ser bastante reveladora, de modo a tentar entender a ordenação da nossa consciência. Aspectos tais como: a cor, o tamanho, a estilização, a forma, etc. expressam nosso “eu” interior.

Também foi surpresa, para mim, identificar as mandalas nos desenhos. Estavam representadas nas formas orgânicas simples: o sol e as flores foram as que mais apareceram, “evidentemente uma tentativa de autocura que não se origina da reflexão consciente, mas de um impulso instintivo” (SILVEIRA, 1981, p. 54).

Esses elementos como, o sol, as flores e outras formas circulares que contenham centro, representam o *self*. “O *self* é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: nisso reside sua função curativa.” (SILVEIRA, 1981, p. 53). As formas mais complexas abstratas são mais raras, mas devo esclarecer que antes deste estudo trabalhava pouco com desenhos espontâneos, e esses não eram acompanhados.

A teoria científica da Dr.^a Nise da Silveira me mostrou alguns pontos importantes para o acompanhamento dessas imagens. É preciso que os desenhos sejam produzidos de forma espontânea, num ambiente acolhedor, e analisados em série. Quando isolados, torna-se difícil apreender sua significação.

E, de fato, é difícil apreender a significação de uma única imagem. Será necessário o estudo comparado de muitas pinturas para compreendê-las. Com surpresa verificar-se-á então que nos permitem acompanhar com bastante clareza o desdobramento de processos intrapsíquicos, e mesmo de nelas detectar fragmentos de temas míticos que possuam relação significativa com os casos clínicos em estudo. (SILVEIRA, 1981, p. 116).

Na prática os resultados dessa oficina me permitiu compreender a importância da arte na saúde mental e especificamente, esses desenhos, extremamente importantes para o acompanhamento das alterações psíquicas daquilo que os usuários estão vivenciando no momento.

A partir de agora, para ajudá-los em seu processo de desenvolvimento, começarei a fazer com eles esse acompanhamento dos desenhos. Por meio de avaliações pretendo observar os desdobramentos dos processos intrapsíquicos.

Espera-se que ao visualizem seus desenhos percebam seu próprio crescimento psicológico.



Chegamos ao fim de nossa viagem. A carta do mundo representa um período de realização e totalização. É quando tenho a sensação de alcançar o objetivo. Uma experiência sentimental de conviver harmonicamente com meu “eu” interior. É quando surge em mim um novo potencial, ainda latente, mas tal qual, como o instinto do louco, vai em direção a uma nova jornada.

*"É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
porque se você parar pra pensar a verdade não há..."*

(País e Filhos / Renato Russo)

Capítulo 5 – Mandalas: um portal para o autoconhecimento

Após escolhermos 12 desenhos, de um total de 16 produzidos pelo grupo, para a realização da leitura das imagens. Apresentei ao grupo os seus desenhos, sob outra organização, em forma de mandala (figura 56). E perguntei se já haviam visto alguma mandala.

Expliquei que a imagem (figura 56) trata-se de uma mandala do grupo, construída a partir dos 12 desenhos selecionados para as leituras de imagens. A seleção dos desenhos foi por motivo do número 12 ter uma relação com as 12 casas astrológicas.

Pedi que observassem por alguns minutos e perguntei se saberiam identificar formas, cores, textura, proporção, linhas, movimento etc.

O percurso de investigação teórica a seguir foi resultado de implicações pessoais minhas na pesquisa, com o objetivo de entender sobre o conceito de mandala. Esse processo foi importante porque me permitiu identificar as mandalas presentes nos desenhos do grupo com base na leitura abaixo.



Figura 56 – A mandala dos desenhos

Círculo representa totalidade, infinito, completude e perfeição; também simboliza o Sol ou a Lua cheia. Em forma de anel, o círculo é associado à unidade e harmonia incorruptíveis, por isso é usado como aliança de comunidade, amizade ou casamento. Na China, o círculo representa o infinito celestial. (FONTANA, 2012, p. 126).

O sol, a lua cheia, as estrelas, as flores, são exemplos de mandalas encontradas na natureza. No corpo humano, o olho é uma mandala.

Nenhuma característica física possui mais simbolismo que os olhos, chamados de “janelas da alma”. Os órgãos de visão são o foco da expressão facial e, assim como as posturas do corpo, constituem uma fonte inesgotável de sentidos para a arte. (FONTANA, 2012, p. 96).

Muitas crenças surgem a respeito dos olhos (figura 57).



Figura 57
Fonte: osegredo.com.br

Uma crença muito antiga diz que o mau-olhado funciona quando há o contato direto com os olhos. Acredita-se que um simples olhar pode trazer má sorte. No Mediterrâneo o olho figura como amuleto de sorte e é usado para proteção. Na mitologia grega, Perseu matou Medusa, cujo olhar petrificava os homens. Para não olhar diretamente nos olhos da Medusa, ele usou um espelho.

As mandalas surgem da relação entre o homem e o cosmos. Quando aparecem em sonhos ou desenhos espontâneos, representam simbolicamente a psique humana. No CAPS-i, desde que comecei a observar os desenhos vi lindas mandalas representadas na forma orgânica da flor, espirais e caracóis, mas até o momento não identifiquei nenhuma mandala abstrata mais complexa.

A Dr.^a Nise da Silveira, em seu trabalho de pesquisa com a produção dos esquizofrênicos, encontrou mandalas de formas abstratas, altamente complexas.

Compreende-se que na esquizofrenia apareçam mandalas perturbadas. Mandalas que não se baseiam no quatro, mas no três, ou no cinco, mandalas abertas, mandalas nas quais os dois semicírculos tocam-se pela periferia em vez de fecharem-se. (SILVEIRA, 1981, p. 62).

Outras mandalas, segundo Silveira, são providas de pontas no contorno, surgindo como uma espécie de autoproteção contra ameaça de forças dissociativas.

Mas será sempre útil estudar cada mandala com atenção. Desde que comecem a se diferenciar em detalhes formais, podem trazer indicações clínicas de grande importância, pois estarão dando expressão a situações psíquicas de seu autor no momento em que ele as configura. (SILVEIRA, 1981, p. 60).

Segundo Silveira, tanto as formas simples como as abstratas mais complexas surgem de impulsos instintivos, sendo uma manifestação espontânea de autocura. A importância da criação das mandalas é que elas surgem para favorecer os processos de “autocura”.

5.1 A mandala na história da arte

Ao longo da história da arquitetura, os artistas incorporaram o número divino, chamado de número de ouro (1.6180339887..), não somente pelas qualidades estéticas de um ambiente harmonioso, mas também para despertar a consciência espiritual. O número de ouro era estudado para que os artistas pudessem realizar trabalhos com a forma circular.

Artistas da Renascença, como Leonardo Da Vinci, usavam a matemática em seus trabalhos, da mesma maneira que acreditavam que Deus havia usado os princípios geométricos na arquitetura divina do universo. O homem de Vitruvius (figura 58) é um conceito estudado por Da Vinci para executar suas obras. Considerado um canône das proporções do corpo humano, segundo um determinado raciocínio matemático e baseado na proporção áurea, foi escrito por Marco Vitruvio Polião. São proporções tão perfeitas que representam um ideal clássico de beleza.

Grandes obras como as pirâmides do Egito, o Partenon em Atenas, a Catedral de Notre-Dame em Paris, o Violino Stradivarius (figura 59), foram construídas sob o princípio das proporções do número de ouro.

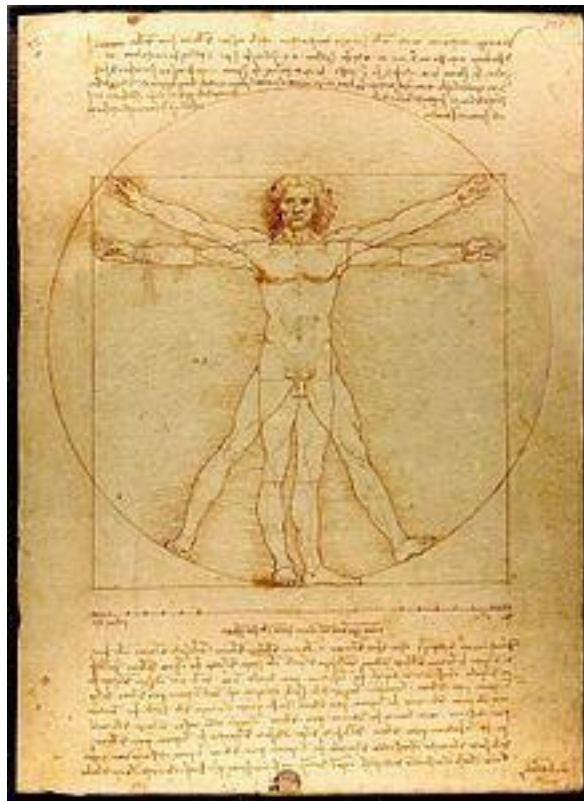


Figura 58 – O homem vitruviano, segundo a interpretação de Leonardo Da Vinci
Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano



Figura 59 – Violino Stradivarius
Fonte: pt.wikipedia.org

Durante três séculos, cientistas estudaram os instrumentos do *luthier* italiano Antônio Stradivari (1644-1737), sem chegar a nenhuma conclusão completa do porquê de os violinos soarem tão bem.

Ao longo do tempo a forma circular da mandala foi usada nas diversas religiões. No hinduísmo é utilizada na decoração de templos. No budismo, as pinturas de areia são símbolos espirituais e sagrados de busca de plenitude. No judaísmo, desde a Idade Média, é representada pela estrela de Davi, na forma de um hexagrama ou estrela de seis pontas.



Figura 60 – Estrela de Davi
Fonte: minilua.com

Na cabala, os dois triângulos, um para cima e outro para baixo, são um símbolo poderoso de força.

Todas as grandes civilizações antigas utilizavam a mandala na manifestação de crenças.

No cristianismo, a mandala assume o termo de “rosácea” (figura 61), elemento arquitetônico e decorativo. Nos templos da cultura europeia, representa o “círculo celestial”.

A mandala também ocupa um lugar relevante na arquitetura das cidades. As cidades incas foram concebidas a partir do quadrado e do círculo.

Muitas cidades medievais foram edificadas sobre a planta baixa de uma mandala e rodeadas por formas aproximadamente circulares.

Um exemplo da modernidade é a cidade de Washington – D.C., que também tem a planta baixa na forma de mandala.



Figura 61 – Vitrail da Sé Velha de Coimbra

Fonte: claretianostellamaris

No Brasil, encontramos a mandala na estrutura da Catedral de Brasília (figura 62), a forma circular foi projetada por um dos maiores arquitetos da história, Oscar Niemeyer (1907- 2012). A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida foi o primeiro monumento a ser criado em Brasília. Sua estrutura ficou pronta em 1960. Construída a partir de uma área circular de setenta metros de diâmetro, da qual se elevam 16 colunas de seção parabólica, num formato hiperboloide de noventa toneladas. O engenheiro Joaquim Cardozo foi o responsável pelo cálculo estrutural da construção. Em 1970 foi inaugurada de fato. A cobertura da nave tem um vitral em forma de rosácea composto por 19 peças em fibra de vidro em tons azul, verde, branco e marrom, inserida entre os pilares de concreto⁴⁴.

⁴⁴ Fonte: <http://catedral.org.br/historia>

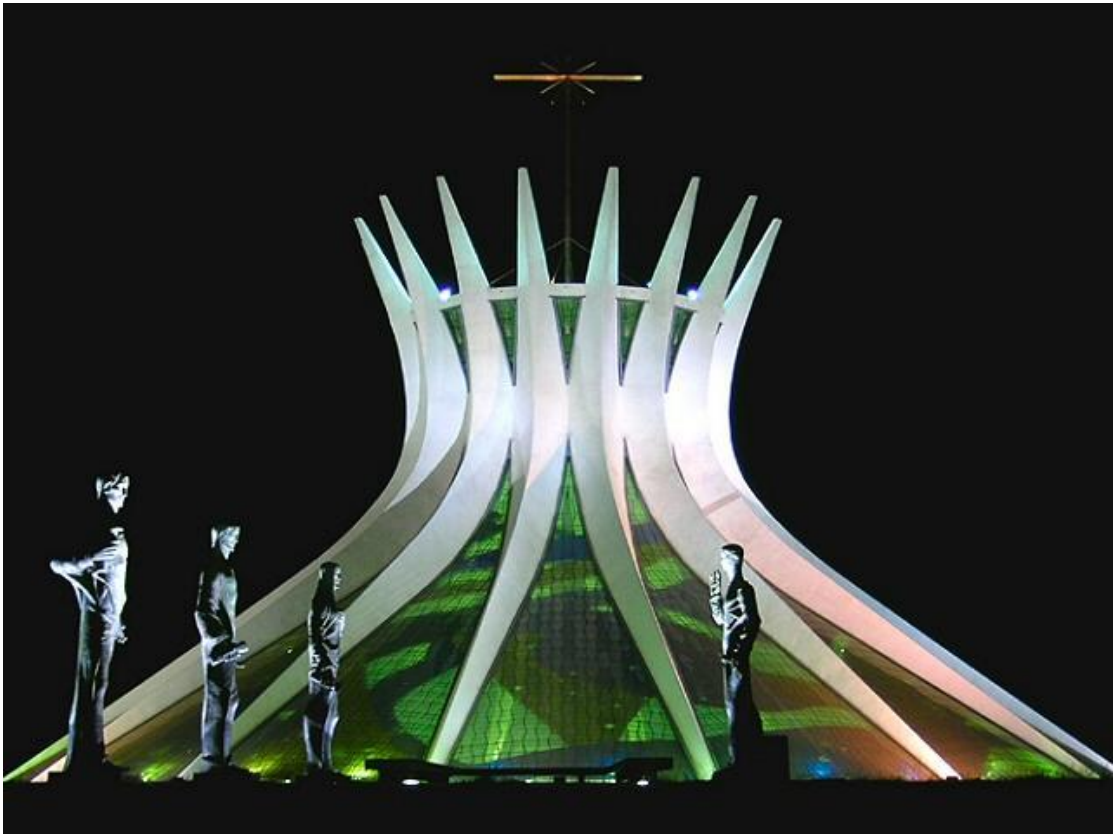


Figura 62 – Catedral de Brasília
Fonte: pt.wikipedia.org

5.2 A mandala coletiva e os processos de subjetivação



Figura 63 – A mandala coletiva
Técnica: pintura e colagem

Após a apreciação da mandala dos desenhos, sugeri aos participantes que fizessem uma releitura da imagem, utilizando a técnica da pintura. O grupo foi orientado a utilizar os elementos que já existiam na mandala dos desenhos e recriar uma nova imagem (figura 63).

Essa atividade apontou para a produção de subjetividades expressadas por meio de palavras e materializadas na linguagem simbólica. Conforme se desenvolvia o trabalho surgiam frases como: “Hoje eu tô romântica” (Atena). “Tá ficando bonito?” (Afrodite). “Tô me sentindo uma artista!” (Perséfone). “Te lembra aquele dia que eu não tava com vontade de dançar? Agora hoje eu tô!” (Afrodite).

As afirmações demonstram o avanço que cada um teve em direção a cura, são expressões que demonstram: sentimentos, preocupação com o olhar do outro, valorização da autoestima, revelam desejos. Essas expressões reafirmam a arte como promotora, agregadora e fortalecedora dos laços afetivos. Ao criar seus próprios gestos e formas, os indivíduos estão se desenvolvendo de forma integral, unindo pensamento e sentimento.

Nesse sentido percebi a relevância da arte como fundamental para a saúde mental. Constituindo-se, nesse espaço de saúde, como a mais alta atividade transformadora do indivíduo no seu desenvolvimento integral, corpo, mente e espírito.

Entretanto, por trabalhar com as questões do sentimento, a arte ainda é mal compreendida. Durante muito tempo a arte foi vista como mera atividade recreativa, sinônimo de diversão e sujeita a todas as formas de estereótipos. Mais recentemente, João Francisco Duarte Junior vem contribuindo muito com estudos indicando a Arte como facilitadora nos processos de sensibilização da humanidade.

Jung também foi mal compreendido ao atribuir valor inestimável a linguagem simbólica e suas relações com as questões da alma. Ele diz que o afeto é uma relação entre corpo – mente - espírito extremamente difícil de ser compreendida. “Tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira extremamente misteriosa para nós” (JUNG, 1985, p. 29).

Como as questões do afeto, segundo Jung, são inconscientes, e as coisas inconscientes são relativas,

quando estou inconsciente de alguma coisa esse estado é relativo, em alguns aspectos devo saber o que se passa. Em alguns pontos, os conteúdos do inconsciente pessoal são perfeitamente conscientes mas não o reconhecemos sob nenhum aspecto ou tempo particular. (JUNG, 2004, p. 52).

Para Jung, a inconsciência é relativa, depende de certo grau de consciência. Dessa forma uma coisa que está inconsciente poderá vir à tona na consciência a qualquer momento, se houver um estímulo. Esse estímulo ocorre por meio dos nossos sentidos. Os símbolos, desde os tempos mais remotos sempre exerceram fascínio sobre nós, ao servirem de estímulo para os nossos sentidos possuem a capacidade de promover nossa transmutação espiritual.

Depois de compreender o conceito de mandala, percebi que o mapa astral é uma mandala. Seu simbolismo tem por finalidade buscar uma orientação para alcançar uma consciência mais clara sobre si mesmo.

A interpretação de um horóscopo leva em consideração às características de cada planeta nos signos e nas casas astrológicas (áreas da vida), explicadas por meio de associações culturais e históricas e ligando-se ao momento o qual o indivíduo está vivendo.

Para entender melhor o grupo, do ponto de vista astrológico, e o momento o qual estavam vivenciando, ao finalizarem a pintura da mandala coletiva, anotei a hora, a data e o local da produção (Pelotas, 11/12/2015; 16:04). Esses dados deram origem a outra mandala. “O Mapa astrológico da mandala coletiva” (figura 65). Essa mandala astrológica foi apresentada a eles, no dia da Exposição Mitologia e Expressão em Arte.

5.3 Exposição Mitologia e Expressão em Arte

A exposição foi realizada no dia 18/12/2015, no CAPS-i de Pelotas, e apresentou os trabalhos produzidos durante as nossas três oficinas – “Imagens do inconsciente” “Caixa de Pandora” e “Minotauro”.



Figura 64 – Exposição Mitologia e Expressão em Arte, 2015
Foto Maria Stella Martinelli

Com o objetivo de entender o que as pessoas pensam sobre a arte milenar da astrologia, apresentei aos convidados da exposição Mitologia e Expressão em Arte a imagem do horóscopo da mandala coletiva.

Fiz uma pequena leitura para o grupo, levando em conta apenas a referência do Sol, do Ascendente e do Meio Céu.

5.4 Mapa Astrológico da Mandala Coletiva

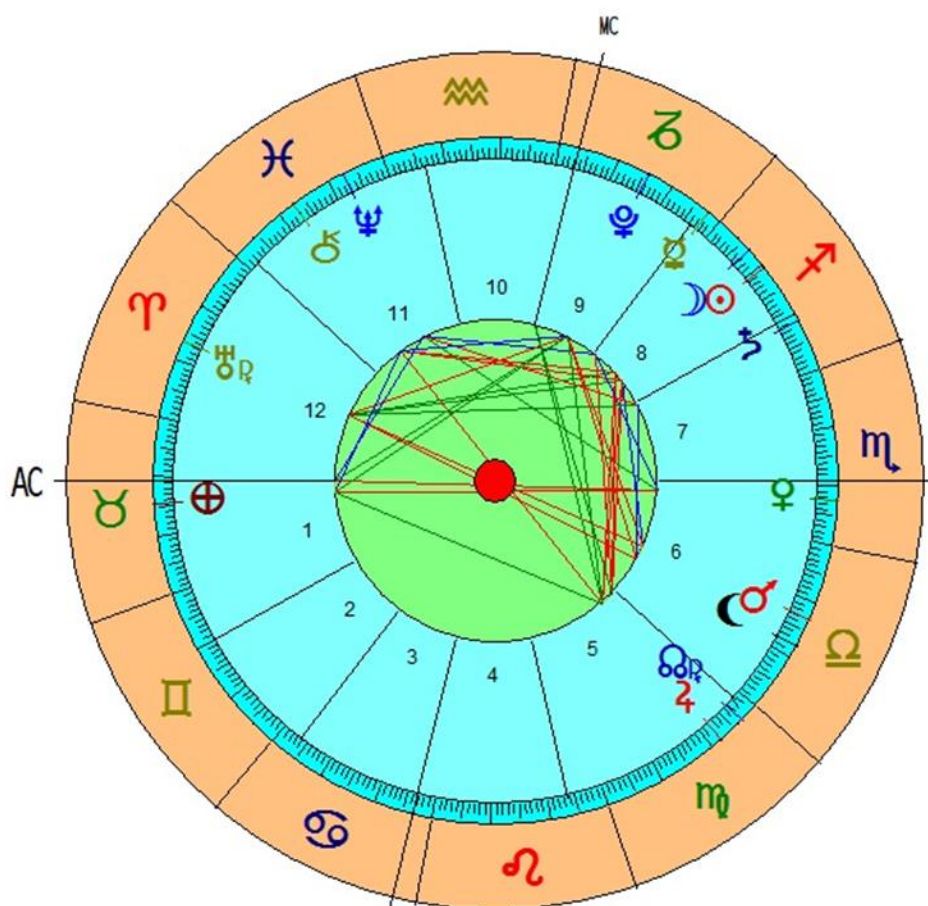


Figura 65 – Mapa astral da mandala coletiva
Pelotas, 11/12/2015 16:04

Inicialmente, o que chama a atenção no mapa é o aspecto de conjunção entre o Sol e a Lua. A Lua Nova no signo de Sagitário na casa oito indica que o trabalho do grupo trouxe novas questões filosóficas a serem pensadas nos estudos que envolvem doenças psicológicas e a espiritualidade.

A linha vertical que corta o signo de Câncer, no Fundo Céu, e o signo de Capricórnio, no Meio Céu, indica que temos grandes dificuldades de perceber a

forma como lidamos com os nossos sentimentos (signo de Câncer), pois a tendência é direcionar nossa vida para as coisas racionais e materiais (signo de Saturno). O que não é errado, se o alicerce onde nós construímos nossa razão tiver como base os nossos sentimentos, vividos para ajudar os outros. Enquanto não aprendermos a lidar com nossas questões afetivas, nosso crescimento e entendimento das coisas espirituais será um processo muito lento para nossa transformação interior.

A linha horizontal corta o signo ascendente, Touro. Ele está em oposição ao seu planeta regente, Vênus, que está em Escorpião, indica que precisamos trabalhar nossa personalidade nos aspectos referentes à beleza (vaidade) e possessividade.

Para alcançarmos um nível mais elevado de consciência (Sol em Sagitário), precisamos desenvolver nossa sensibilidade, desenvolver princípios mais elevados tais como, o amor universal e a paz mundial.

Após falar um pouco sobre essas questões, perguntei se eles conseguiriam fazer alguma relação entre o mapa astral e a mandala que construíram.

Uma das mães respondeu:

“Eu lembro que ninguém tava com vontade de fazer coisa nenhuma, né, ninguém tava a fim de fazer nada, nada, nada, nada, todo mundo tava com preguiça, e olha como ficou!. Pra mim foi ótimo! Gostei demais!”.

Continuei perguntando: “Vocês já tiveram algum tipo de contato com a astrologia?” Responderam:

“Só de jornal, televisão, assim, muito por cima, eu lembro que tinha uma época que eu tinha uma mania, que eu tinha que ler todo o dia o meu signo né, aí depois eu parei!”.

Em geral, os meios de comunicação não estão interessados em fomentar uma discussão séria sobre o assunto, oferecendo apenas “horóscopos” e uma plataforma para os que fazem alegações simplistas condenando a astrologia popular. Assim no século XXI, a linguagem da astrologia permanece “secreta”, igualmente rejeitada tanto pela ciência quanto pela religião. (GILLET, 2012, p. 7).

“E para que serve conhecer o signo?”

“Às vezes eu acho que é pra melhorar teu dia a dia, melhorar teu astral, alguma coisa assim”.

O astrólogo Stephen Arroyo define a astrologia como:

Uma linguagem que descreve as próprias energias que ativam o ser humano, ela poderá muito bem ser o meio mais exato de que dispomos para descrever o que é, realmente, a ‘natureza humana’ de cada indivíduo. (ARROYO, 1975, p. 15).

“E vocês fazem relações do signo com a vida de vocês?”

“Ah, às vezes sim! Teve umas vezes que eu achei bem parecido, eu sou do signo de Escorpião, então, pra mim é tudo ou nada!”

“E quem é de escorpião consegue se identificar com esse signo?”

“Ahã, em todos os aspectos!”

A partir daí as mães e as crianças se interessaram e começaram a perguntar as características dos seus signos. “E o Câncer como é que é?” “Eu sou de Libra!...”

Embora existam “aparentes conexões entre ciclos astrológicos, características pessoais e eventos, ainda não foi provado que os planetas e signos do zodíaco⁴⁵ afetam diretamente o acontecimento de algo.” (GILLETT, 2012, p. 7).

De maneira geral, no conhecimento popular a astrologia continua sendo vista como uma brincadeira, passatempo ou coisa desse tipo. Ainda assim, essas falas indicam que inconscientemente todos nós encontramos uma forte ligação entre as características do signo e a nossa personalidade. Talvez, devido a nossa consciência cósmica, interligados por meio dos elementos da natureza.

A possibilidade de refletir sobre comportamentos e acontecimentos torna possível entender à astrologia como uma linguagem de autoconhecimento. Gillett afirma que “ao proporcionar uma visão clara do comportamento humano, a astrologia pode preencher uma lacuna vital na cultura moderna” (2012, p. 23): compreender a si mesmo.

Até hoje, a astrologia sempre enfrentou muitas barreiras para ser aceita como conhecimento na academia. Contudo, na Universidade de Brasília - UnB através das afirmações de Morin Villefranche (século XVII) e Adolfo Weiss (século XX)

⁴⁵ Ao longo dos séculos, os signos zodiacais passaram a ser associados a criaturas e personagens mitológicos. No século XVIII, astrólogos produziam mapas ilustrando imagens relacionadas a arquétipos poderosos. Segundo eles, essas imagens refletem aspectos de nossa psique.

proporcionou uma pesquisa intitulada “Verificação dos efeitos das posições dos astros na eclíptica com respeito à formação do homem e seu cotidiano” (2004). O professor Paulo Celso dos Reis Gomes⁴⁶ pesquisou o trabalho do astrólogo Francisco Seabra⁴⁷ e apontou um índice 95% de acertos nas interpretações dos mapas feitas por ele e sua equipe. Essa pesquisa realizada pelo professor Gomes produziu resultados que abriram as portas para a elaboração de outros estudos, entre eles a criação do curso Formação e Pesquisa Astrológica (2013), no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Esse curso, segundo Seabra, deu início a um trabalho de sistematização do conhecimento astrológico. O professor Francisco Seabra defende um esforço nacional para as pesquisas em larga escala com resultados estatísticos. “Creio que os astrólogos devam levar o ensino da astrologia às universidades locais, como foi feito no Rio de Janeiro e Brasília”⁴⁸.

Talvez, agora, eu também possa criar um projeto de curso de extensão de Astrologia, um desejo que me acompanha há algum tempo e que se renova como uma possibilidade real.

5.5 Reflexões sobre as oficinas

As oficinas de arte do CAPS-i promoveram práticas de cuidado que influenciaram para a integração familiar e social do grupo. Constituíram-se como espaços de trocas de afetos e produção de sentido para a vida. Foi possível verificar que por meio de símbolos aprendemos sobre nós mesmos e despertamos para novos saberes e conhecimentos.

A experiência com as oficinas além de favorecer nos processos de sensibilização do grupo permitiram conhecimentos teóricos e práticos sobre assuntos que deram origem a técnicas voltadas para o pleno desenvolvimento do indivíduo na sua relação consigo mesmo e com o outro.

⁴⁶ <http://www.casalperfeito.com.br/unb.htm>

⁴⁷ www.franciscoseabra.com.br, e-mail seabrafrancisco@hotmail.com e fone/celular (61) 91489590

⁴⁸ <http://sinarj.com.br/website/sinarj-entrevista-francisco-seabra/>

As práticas permitiram a mim, criar meus próprios métodos terapêuticos, contemplando as três dimensões do humano físico, mental e espiritual.

A partir de agora pretendo aperfeiçoar as oficinas que são voltadas para a sensibilização e abrir espaços para que outras pessoas possam se beneficiar, não apenas dentro do CAPS-i, mas quero ampliar esse trabalho também para outros espaços da comunidade.

O trabalho de pesquisa continuará sendo realizado no curso de doutorado para que eu possa continuar criando e desenvolvendo outras oficinas com a mesma temática. Pois o estudo dos mitos carrega consigo uma riqueza de conceitos, os quais podem ser explorados para a produção de subjetividades de uma sociedade carente de valores morais éticos estéticos.

Para o trabalho de avaliação, que será desenvolvido juntamente com os participantes das oficinas, estou organizando pastas individuais de desenhos com registro em sequência numérica, data, nome e idade das crianças. Visto que nessa dissertação de mestrado realizei apenas leitura formal, e é preciso aperfeiçoar, considerando outras técnicas de leitura. O objetivo é melhorar as leituras para observar com mais atenção os processos que se desenrolam no inconsciente. Nesse sentido as avaliações feitas juntamente com as crianças e os adolescentes, utilizando outras técnicas de leitura, poderão contribuir para o desenvolvimento e saúde mental das crianças do CAPS-i.

Considerações finais

Para a realização desta pesquisa, o projeto passou pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, tendo Aprovação Ética do CEP/CONEP em 27/11/2015 (Anexo 3 desta dissertação).

As dificuldades metodológicas assumidas na pesquisa juntamente com a experiência em Arte, aliada à escritura do trabalho, produziram novos conhecimentos, fundamentalmente no que se refere a uma percepção mais clara da importância do meu trabalho como catalisador no processo de fortalecer os laços afetivos entre os usuários e seus familiares do CAPS-i.

O espaço das oficinas de Arte é lugar aonde se produz uma infinidade de trocas de saberes e experiências importantes, que irão se constituir no decorrer do tratamento como um espaço de promoção de saúde mental.

A experiência no CAPS-i, trabalhando com crianças com transtornos graves e persistentes e com meu filho, diagnosticado com hiperatividade e que também apresenta sintomas graves que o impedem de frequentar normalmente a Escola, tem me mostrado o quanto o tratamento medicamentoso quando administrado de forma correta, respeitando inquestionavelmente o horário de ingestão desse medicamento deve ser seguido à risca, caso contrário poderá levar a um tratamento ineficaz, comprometendo todo o nosso trabalho como técnicos, no sentido das crianças conseguirem se beneficiar das práticas de cuidado e da psicoterapia. O medicamento embora seja um paliativo ajuda muito ao evitar as crises terríveis as quais eles vivenciam. Nós, como técnicos, temos uma missão extremamente importante de ficarmos atentos, as variadas questões que surgem, como por exemplo, muito frequente o uso incorreto dos medicamentos psicotrópicos, essencialmente, trabalhar para favorecer as relações afetivas de toda a família e resgatar o indivíduo como cidadão. Precisamos fortalecer os laços afetivos da família, seja através da escuta sensível, se colocando no lugar do outro que está desesperado e não sabe mais o que fazer, ou por meio de ações sociais ou técnicas terapêuticas para proporcionar que essa criança possa ter um meio adequado de relações afetivas, no seu contexto familiar e social, para o seu desenvolvimento saudável. Nesse processo complexo o que se busca é um ser humano (criança ou adolescente) mentalmente sadio, sendo imprescindível e, necessário, uma palavra de carinho, ou apenas um sorriso sincero que acalme os anseios da alma dos mais necessitados de afeto e atenção.

A pesquisa deu origem a criação da “Oficina Expressão do Sensível – Pais & Filhos”, já em desenvolvimento no CAPS-i, um espaço de sensibilização aberto para trocas afetivas de saberes e conhecimentos. Esse espaço ainda está sendo construído com os pais, para que entendem a importância das relações afetivas para a melhora do filho.

Para continuar meus estudos e provocar novos questionamentos, seguirei a pesquisa aprofundando o tema na obra de Carl Gustav Jung.

Espero que este trabalho contribua com o campo da saúde mental, e também seja um estímulo a outras pesquisas que promovam a sensibilização, um campo carente e ávido por novos saberes e afetos.

Referências

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

APARTE. Edição especial: Aprovada Lei da Reforma Psiquiátrica, n. 2, ago. 1992.

ARROYO, Stephen. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. São Paulo: Pensamento, 1975.

ARTE contemporânea nas tramas de Arthur Bispo do Rosário: o mundo lúdico e mítico criado durante 50 anos de hospício. *Carta na Escola*, 2012.

AVENI, Anthony. *Conversando com os planetas: como a Ciência e o Mito inventaram o Cosmo*. São Paulo: Mercury, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991

CARL Gustav Jung: uma obra e suas novas ressonâncias. *Cult.* revista brasileira de cultura, n. 213, jun. 2016.

CASTELL, Cleusa Peralta. *Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho transtético para o currículo integrado*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DUARTE JR., João Francisco. *O sentido dos sentidos*. Curitiba: Criar, 2001.

ENTRE a loucura, a rebeldia e a arte: a trajetória da psiquiatria brasileira que estudou as imagens do inconsciente e sua relação com Carl Gustav Jung. *Cult. revista brasileira de cultura*, n. 213, jun. 2016.

FONTANA, David. *A linguagem dos símbolos*. São Paulo: Publifolha, 2012.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: o cuidado de si. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. *As melhores histórias da mitologia*. V. 1: Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador*. Edição eletrônica, 2009.

_____. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: Ed. CRV, 2012.

GILLET, Roy. *A linguagem da astrologia*. São Paulo: Publifolha, 2012.

GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO. Psicanálise, simbologia e Jung: como compreender o significado e o poder dos símbolos. São Paulo, Mythos Editora, n. 43, 2016.

SEGREDOS DA MENTE. Cérebro e Inconsciente. Psicanálise, simbologia e Jung Como compreender o significado e o poder dos símbolos. Ano 2, n. 2, 2016.

GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO: Psicologia. Especial Terapias, n. 1, 2016.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUTTMAN, Ariel; JOHNSON, Kenneth. *Astrologia e mitologia: seus arquétipos e a linguagem dos símbolos*. São Paulo: Madras, 2005.

JUNG, Carl G. *Fundamentos de psicologia analítica*. 12 Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *O homem e seus símbolos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LÁZARO, Wilson. *Século XX – Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: Réptil, 2012.

MARCH, Marion; McEVERS, Joan. *Curso básico de astrologia: princípios fundamentais*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1976. v. 1.

MEIRA, Marly. *Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

O LIVRO DA ARTE. São Paulo: Publifolha, 2005.

O LIVRO DA PSICOLOGIA. Vários colaboradores. São Paulo, Globo, 2012.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. v. 1.

PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014. v. 2.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 9.716, de 7 de agosto de 1992. Dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul, determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/upload/20120803184446/lei_da_reforma_psiquiatica.pdf>. Acesso em: 05 maio 2016.

RODRIGUES, Camila C.; BONTEMPO, Valéria L. O técnico de referência e a saúde mental: uma reflexão a partir de uma residência multiprofissional. *CliniCAPS*, n. 15, set.-dez. 2011. Disponível em: <www.clinicaps.com.br/clinicaps_revista_15_art_02.html>.

SHARMAN-BURKE, Juliet; GREENE, Liz. *O tarô mitológico*. São Paulo: Siciliano, 1988.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

TATÁ. *Oficina de capacitação para professores na área da dança*. Caderno Dança. Pelotas: Ed. Gráf. UFPel, 2012.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. 74 Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

WILLRICH, Janaína Q.; KANTORSKI, Luciane P. *CAPS Castelo: um pouco da história da loucura em Pelotas*. Pelotas: Ed. Gráf. Universitária PREC-UFPeI, 2008.

ZACHARIAS, Flávia. *A utilização de mandalas como técnica para a obtenção do autoconhecimento em arteterapia*. Piracicaba, 2007. Monografia [Especialização em Arteterapia] – Universidade Castelo Branco; Instituto Nacional de Pós-Graduação. Disponível em: <http://alquimiyart.com.br/monografias/2/2007_sp_ZACHARIAS_flavia.pdf>.

Sites

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004. Secretaria de Atenção a Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial. Disponível em: www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf

Sociedade Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <<http://ead.sbpi.org.br/aula/Mjc=/>>.

Francisco Seabra. Disponível em: <<http://www.franciscoseabra.com.br>>

Transtorno mental Disponível em: http://www.who.int/mental_health/policy/Livroderecursosrevisao_FINAL.pdf

<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2013/05/sao-pedro-onde-a-reforma-psiquiatrica-ainda-nao-chegou/>

Imagens

<http://astro.if.ufrgs.br/const.htm>

<http://lendasemisteriosdomundo.blogspot.com.br>

<http://nepo.com.br/2013/09/20/o-mundo-da-verdade-aberta/a-caixa-de-pandora/>

http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/097/frames/fr_entrevista.aspx

http://www.humanitates.ucb.br/1/exp_est.htm

Filmografia

NISE – O CORACÃO DA LOUCURA. Gênero Drama, Biografia. Rio de Janeiro: TV Zero, 2015. Filme (108 min).

O SENHOR DO LABIRINTO. Gênero Drama, Biografia. Brasil: EH! Filmes, 2012. Filme (80 min).

BICHO DE SETE CABEÇAS. Gênero Drama. Brasil: Buriti Filmes, Dezenove Som e Imagens Produções Ltda, Gulane Filmes, Fabrica de Cinema, 2001. Filme (74 min).

ANEXOS**Anexo 1**

Título do projeto: Arte, Saúde e Sensibilidade: Um mergulho na trama do inconsciente do CAPS infantil.

Desenho

Para iniciar o trabalho de pesquisa procurei ampliar os conhecimentos teóricos participando de disciplinas que me permitiram relacionar meus interesses pessoais, nos estudos sobre o inconsciente, nas práticas como astróloga e também como professora de artes do CAPSi, Centro de Atenção Psicossocial infanto juvenil. Trabalhando com crianças e adolescentes que sofrem com transtornos mentais comecei a fazer relações entre o corpo e o inconsciente. Para o desenvolvimento da pesquisa efetuei uma breve revisão da literatura, sobre os estudos que relacionam arte e psicanálise. Destacam-se os trabalhos da psiquiatra Dr. Nise de Silveira, 1981, com as imagens do inconsciente. A artista Lygia Clark, na década de 1970 e 1980 começa seus estudos com os objetos relacionais. Atualmente os estudos estão se direcionando para o campo específico da arteterapia, que se utiliza de técnicas expressivas em arte para favorecer a uma melhor qualidade de vida dos sujeitos, no sentido do equilíbrio emocional, aspectos da personalidade que envolve cognição e processos de imaginação e criativos. Aprofundei meus estudos na teoria de Carl Gustav Jung, 2008 sobre a temática do inconsciente. Duarte Júnior com a educação do sensível, 1987. Na visão de Michel Mafessoli 2010, atravessamos uma crise social. O filósofo Félix Guattari 1990, fala das necessidades de intervenções humanas, além de outros autores importantes no contexto que por meio de suas leituras foi me permitido pensar uma prática pedagógica em arte possível de se realizar em contexto terapêutico. Inspirada na metodologia da sociopoética, criada pelo pesquisador Jacques Gauthier, criei a oficina "Signos dos Zodíaco", cujo a produção de dados da pesquisa para o trabalho de campo está apoiada nas práticas expressivas de dança, desenho e vídeo. Pretendo fazer o registro das imagens, falas, gestos e expressões, durante as atividades que serão gravadas em vídeo. Os dados de pesquisa serão produzidos a partir das reflexões sobre os modos de ser e as relações com as próprias produções. Após o relaxamento, com a dança terapia a facilitadora utiliza duas técnicas desenvolvidas por Jacques Gauthier 2009. "A técnica dos lugares geomíticos" e "a técnica das cartas de tarô", essas duas técnicas são adaptadas para o contexto das crianças do CAPS, procuro desenvolver os processos de imaginação e criação a partir do tema gerador signos dos zodíacos. A pesquisa investiga grupos de crianças e adolescentes usuários do serviço do CAPS com idades entre 8 a 17 anos e sofrem algum tipo e transtorno mental. Solicitarei aos participantes e responsáveis, carta de consentimento informando a eles sobre o registro das atividades, com câmeras e gravadores, registro das falas e, sobre a temática e análise dos conteúdos. As atividades serão realizadas em uma sala emprestada da associação da CTMR, nas segundas feiras das 09:00 às 11:00. Durante o mês de abril trabalharei na organização e seleção de material, bem como, será discutido em reunião de equipe do CAPS os usuários que irão participar das atividades da oficina dos zodíacos. A coleta de dados se dará em período subsequente, nos meses de maio e junho de 2015.

Introdução

Os aspectos da construção de valores humanos, envolvidos na pesquisa, pretende privilegiar o saber por uma perspectiva ética-estética em que os sentimentos e as emoções sejam tão importantes quanto a razão dura. Para que nossos desejos possam ser expressados via afetividade e não mais por valores do capitalismo. A proposta da pesquisa de mestrado, do curso de pós-graduação em artes visuais, intitulada "Arte, Saúde e Sensibilidade: Um mergulho na trama do inconsciente do CAPS infantil" é criar a "oficina signos dos zodíacos". A metodologia da sociopoética permitirá a criação em arte com rigor metodológico que dá ao grupo-pesquisador liberdade de expressar ideias e sentimentos, potencializando os saberes dos sujeitos da pesquisa. Para desenvolver a pesquisa apresentamos algumas técnicas, em conjunto, nas diferentes linguagens da arte, a dança, o desenho e o vídeo. Os dados da pesquisa serão analisados diante da produção de significados dessas produções.

Resumo

O estudo apresenta uma pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado em Artes Visuais, Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo¹ e do co-orientador, filósofo e pesquisador Dr. Jacques Gauthier² que foi quem criou e desenvolveu a metodologia da sociopoética que tem origem na análise institucional e na teoria de Paulo Freire. É utilizada na área da educação e da saúde, e, especialmente, no campo da arte, possibilita trabalhar com processos de criação para produção de dados da pesquisa. O tema dos mitos dos zodíacos apresentado de forma lúdica possibilita uma educação do sensível como uma maneira de atravessar a clínica "psique" do CAPS. Os referenciais teóricos trabalham com conceitos de autores como: Marilena Chaui, 2005; Carl G. Jung, 2008; Duarte Júnior, 1987; Félix Guattari, 1990.

Hipótese

A hipótese é de que se trabalharmos na reconstrução das relações humanas, multiplicando os valores de alteridade e solidariedade, se contribui com a autoestima, e o equilíbrio emocional das crianças. Quando crianças o indivíduo estão formando a sua própria personalidade e o resgate de valores sentimentais perdidos, o "cuidar" e o educar a sensibilidade poderá favorecer a

¹ Graduação em Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutor e mestre em Educação ambiental – PP GEA da FURG. Bolsista CAPES do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

² Filósofo e Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris VIII Saint-Denis, possui título de Professeur Agrégé do Ministério Nacional da Educação da França. É Fundador da abordagem sociopoética. Foi Professor-Bolsista Desenvolvimento Científico Regional do CNPq na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Hoje é Bolsista da FAPESB na FACCED-UFBA. Linhas de pesquisa: sociopoética, interculturalidade, educação popular, antropologia da saúde.

um sentir-se melhor na vida, mais independentes, capazes de tomar suas próprias decisões.

Objetivo primário é desenvolver práticas artísticas, pedagógicas e psicoterapêuticas.

Objetivo secundário é desenvolver técnicas expressivas em arte para possibilitar a expressão, os processos de criação e os sentimentos que por diferentes motivos ficam limitados.

Metodologia Proposta

Produzir dados de pesquisa através de técnicas expressivas em arte.

Os critérios para participar da pesquisa em arte serão avaliados em reunião de equipe do CAPS.

A pesquisa não oferece riscos, o trabalho com a arte permite expressar sentimentos como fontes de questionamento sobre si mesmo e exploração das habilidades e qualidades do sujeito.

Metodologia de análise de dados Os dados de pesquisa são produzidos pela sociopoética. Um método para a produção de dados de pesquisa qualitativa que pode ser explorado no campo da arte, da saúde ou da educação. As oito técnicas desenvolvidas por Gauthier são de inspiração artísticas associadas a suas experiências de vida e viagens. O método da sociopoética pode servir de inspiração para que outros pesquisadores criem diferentes técnicas, a partir de suas próprias experiências.

A sociopoética permite explorar os processos de subjetivação. Para essa pesquisa de dissertação de mestrado criei a "oficina signos dos zodíacos". Os dados da oficina serão produzidos a partir das expressões, gestos, falas e registros das produções em dança, desenho e vídeo, além de um livro diário com registro da oficina. As oficinas serão realizadas nos meses de abril, maio e junho. Sendo o mês de abril para a organização dos participantes da pesquisa, e maio e junho a produção dos dados da pesquisa. A oficina será oferecida uma vez por semana na segunda-feira das 09:00 às 11:00 na associação da CTMR, o local oferece uma sala ampla para desenvolver as atividades de dança. Participaram da oficina em torno de 8 a 15 usuários do serviço do CAPS.

Desfecho primário espera-se que o grupo-pesquisador possa expressar seus desejos, emoções, para conhecer a si mesmo e se sentir mais integrado no ambiente em que vive.

Anexo 2

Título da Pesquisa: Arte, Saúde e Consciência Sensível: Um mergulho na trama do inconsciente do CAPS infantil

Pesquisador Responsável: Maria Stella Weikamp Martinelli

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 46162615.3.0000.5317

Submetido em: 12/06/2015

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pelotas

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_486247
PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_486247

Anexo 3

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

-

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**Título Público:** Arte, Saúde e Consciência Sensível: Um mergulho na trama do Inconsciente do CAPS infantil**Pesquisador Responsável:** Maria Stella Weikamp Martinelli**Contato Público:** Maria Stella Weikamp Martinelli**Condições de saúde ou problemas estudados:****Descritores CID - Gerais:****Descritores CID - Específicos:****Descritores CID - da Intervenção:****Data de Aprovação Ética do CEP/CONEP:** 27/11/2015**DADOS DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE****Nome da Instituição:** Universidade Federal de Pelotas**Cidade:** PELOTAS**DADOS DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA****Comitê de Ética Responsável:** 5317 - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas**Endereço:** Rua Prof Araújo, 465 sala 301**Telefone:** (53)3284-4960**E-mail:** cep.famed@gmail.com**CENTRO(S) PARTICIPANTE(S) DO PROJETO DE PESQUISA****CENTRO(S) COPARTICIPANTE(S) DO PROJETO DE PESQUISA**

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior),
ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).

Anexo 4

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você e seu filho estão sendo convidados a participar da pesquisa "Arte, Saúde e Consciência Sensível: Um mergulho na trama do inconsciente do CAPS infantil, de responsabilidade de Maria Stella Weikamp Martinelli, aluna do programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. O objetivo desta pesquisa, linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética é desenvolver práticas artísticas e pedagógicas que vise contribuir para a reintegração social da criança e do adolescente usuário do serviço do CAPS. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo (a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fotos ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de um pequeno diário para anotações, fotos e vídeos. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa que o trabalho com a arte permita expressar sentimentos como fontes de questionamento sobre si mesmo ampliando a sensibilidade do sujeito para que possa conviver melhor na escola, na família e na sociedade.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 53 9112 2525 ou pelo e-mail stellamartinelli@yahoo.com.br

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de exposição de trabalhos, apresentação de fotos ou vídeos, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética da Medicina da Universidade Federal de Pelotas.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante (a)

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Pelotas, ____ de ____ de ____

